



**Estratégia**  
Militares

# Português ITA/2022

## Figuras de Linguagem e Efeitos do Texto



Prof. Wagner Santos

**AULA 01**

11 de março de 2021

# Sumário

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>3</b>
<b>1 FIGURAS DE LINGUAGEM</b>	<b>3</b>
<b>1.1 Figuras de palavra</b>	<b>4</b>
Catacrese	4
Comparação	5
Metáfora	5
Metonímia	7
Perífrase (ou antonomásia)	8
Sinestesia	8
<b>1.2 Figuras de Sintaxe</b>	<b>9</b>
Assíndeto	10
Polissíndeto	10
Anacoluto	11
Apóstrofe	12
Elipse	13
Hipérbato (inversão)	13
<b>2 SEMÂNTICA</b>	<b>25</b>
<b>3 QUESTÕES</b>	<b>31</b>
<b>4 GABARITO</b>	<b>57</b>
<b>5 QUESTÕES COMENTADAS</b>	<b>58</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>104</b>



## Apresentação

Fala, Bolas de Fogo!

Nessa aula veremos dois assuntos importantes: figuras de linguagem e efeitos do texto, principalmente questões relativas a humor e ironia.

Assim, o que veremos durante essa aula? Tá logo ali embaixo.

### AULA 01 - Figuras de linguagem e efeitos do texto

- Figuras de palavra;
- Figuras de sintaxe;
- Figuras de pensamento;
- Figuras de som; e
- Efeitos de sentido (ambiguidade, duplo sentido, ironia e humor)

Bora que só bora?

## 1 Figuras de Linguagem

Figuras de linguagem é um tema muito importante no ENEM, assim como em todas as provas de entrada espalhadas pelo país. Mas por que isso acontece? Por que essa importância tão grande? Entendemos que elas são essenciais em todas as áreas do português. **As figuras de linguagem são recursos expressivos para garantir maior expressividade ao texto**, por isso, são muito importantes também na **redação**.

Elas podem aparecer em quatro grandes grupos:

Figuras de Palavra	Figuras de Sintaxe	Figuras de Pensamento	Figuras de Som
<ul style="list-style-type: none"><li>• São os recursos associados ao significado das palavras.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• São os recursos associados à organização e estrutura gramatical das frases.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• São os recursos associados à combinação de ideias e pensamentos, ou seja, à interpretação das frases.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• São os recursos associados aos sons das palavras.</li></ul>

Agora, claro que veremos cada um desses grupos separadamente, para que entendamos a importância dos elementos de construção da linguagem com relação à sua significação. Preste



atenção a uma coisa importante: você deverá entender que essas figuras normalmente aparecem sob o rótulo de **figuras de linguagem, somente**, sem necessariamente uma relação com a especificidade do tipo de figura, por isso, ainda que seja interessante que você perceba essa existência, não precisa se preocupar em saber detalhadamente essa nomenclatura.

Passemos aos grupos:

## 1.1 Figuras de palavra

Nesse tipo de figura, temos uma relação interessante: são os significados das palavras que sofrem alteração. É o que chamamos de ampliação da significação das palavras. Elas passam a ser chamadas, como você deve se lembrar, de **polissêmicas**, porque são agregados novos valores de significação para cada uma delas. Dessa forma, é interessante que você sempre parta dessa significação

### Catacrese

Ocorre quando se transfere a uma palavra o sentido de outra pela semelhança de significado entre elas. Entendemos que a catacrese ocorre por falta de uma melhor definição para a palavra, que por “analogia”, busca sua significação e nomeação.

Pé da cama



“pé” no corpo humano é a extremidade inferior, que sustenta o corpo. O “pé da cama” também é a extremidade inferior do móvel e o sustenta. Portanto, por semelhança, pode-se chamar essa parte do móvel de pé da cama.

#### **Outros exemplos:**

Descasque dois dentes de alho para a comida.  
A cabeça do prego está torta.  
A asa da xícara quebrou-se.  
Sentou-se no braço da poltrona para descansar.  
Ele já compôs a cabeça do samba.  
O inseto é menor que a cabeça do alfinete.

**ATENÇÃO:** Normalmente são expressões de uso tão corrente que muitas vezes não se percebe seu sentido figurado.



## Comparação

Quando se estabelece confronto entre dois termos a partir do que eles têm de semelhante, dizemos que temos uma comparação. Para que ela ocorra, é necessário que tenhamos a característica que está sendo igualada colocada em jogo. É interessante notar que esse tipo de figura de linguagem não trabalha necessariamente com a subjetividade, que será tratada mais à frente, quando falarmos das metáforas.

**"E flutuou no ar **como** se fosse um **pássaro**/E se acabou no chão feito um pacote flácido."  
(Chico Buarque)**



No trecho da música *Construção*, de Chico Buarque, nota-se a construção de uma comparação entre o sujeito do verbo "flutuar" e um pássaro. Note que temos uma característica sendo compartilhada pelos dois: o fato de flutuar.  
Além disso, temos a construção com o "como".

### Outros exemplos:

"Para a florista,/as flores são como beijos/são como filhas,/são como fadas disfarçadas." (Roseana Murray)

"A Via Láctea se desenrolava/Como um jorro de lágrimas ardentes." (Olavo Bilac)

"Te ver e não te querer (...)/É como mergulhar no rio/E não se molhar/É como não morrer de frio/No gelo polar." (Samuel Rosa, Lelo Zanetti, Chico Amaral)

**ATENÇÃO:** Essa figura de linguagem vem **sempre** acompanhada de um conectivo: **como, assim como, tal qual, que nem**. Além disso, é essencial percebermos que o grau de subjetividade da comparação deve ser baixo. Quando não conseguimos identificar a característica que aproxima os dois elementos, a tendência é classificarmos como uma metáfora.

## Metáfora

É uma comparação subentendida: emprega-se um termo com significado de outro a partir da semelhança entre ambos. É uma figura de linguagem "recheada" de subjetividade, que depende de nossa interpretação para ser compreendida. Alguns autores costumam indicar que essa é a figura de linguagem com a maior carga de linguagem figurada, sendo ela essencial para a construção de significados em textos literários.





## Meu cachorro é um tapete felpudo.



Perceba que, no enunciado acima, não há informações que indiquem qual a característica é compartilhada entre o cachorro e o tapete felpudo. Colocamos os dois elementos em igualdade. Dessa forma, cria-se uma relação metafórica que não distingue um elemento do outro.

### Outros exemplos:

"Meu pensamento é um rio subterrâneo." (Fernando Pessoa)

"(...) pôr o pé no chão do seu coração (...)" (Carlos Drummond de Andrade)

"A rosa, um lindo palácio/E o espinho, uma espada fina." (Vinicius de Moraes)

"Mas a girafa era uma virgem de tranças recém-cortadas. " (Clarice Lispector)

"As mãos que dizem adeus são pássaros que vão morrendo lentamente." (Mário Quintana)

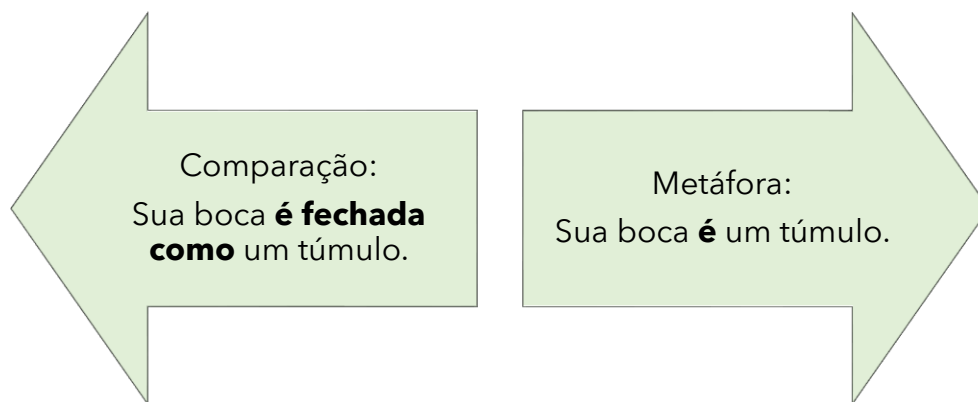
Comparação e metáfora são as duas construções que, frequentemente, causam-nos a maior quantidade de problemas. Notem que temos uma similaridade muito grande, aproximando as duas e fazendo com que a nossa percepção seja atrapalhada.

Ainda que tenhamos a marcação com relação ao conectivo, há elementos que, por conterem elevado grau de subjetividade, podem ser analisados também como metáforas. Pense em uma construção como a seguinte:

### Seus olhos são como o céu!

Nessa construção, ainda que tenhamos claramente o conectivo "como" sendo utilizado, percebemos que igualar olhos e céu apresenta enorme grau de subjetividade e, por isso, não devemos somente crer que o "como" já conseguirá construir relação necessária à comparação. Dessa forma, além de buscar o "como", tente analisar o grau de subjetividade do que está sendo construído.





## Metonímia

A metonímia ocorre quando há uma substituição **da parte pelo todo**, ou seja, utiliza-se um termo para representar outro, pois há uma relação estabelecida entre eles. É uma característica desse elemento que passa a representá-lo, sempre com a ideia de que temos uma relação de totalidade na leitura da parte que o representa.

**Muitas pessoas não têm um teto para morar.**



Perceba que a palavra "teto" é uma representação para "casa". Isso quer dizer que, ao construirmos "teto", estamos, na realidade, construindo a ideia de casa como um todo. Dessa forma, entende-se que temos uma metonímia da parte pelo todo.

### **Outros exemplos:**

Estou lendo **Graciliano Ramos**. (emprego do autor pela obra)  
Comi um prato inteiro. (emprego do recipiente pelo conteúdo)  
Comprei um pacote de Gilete. (emprego do nome da marca pelo produto)  
Vou ao médico. (emprego do proprietário pela propriedade)



## Perífrase (ou antonomásia)

Essa figura de linguagem, menos cobra de vocês, bolas de fogo, é caracterizada pela utilização de uma expressão que contém características do ser que substitui. Pode também se referir a um fato célebre. Pensem sempre na ideia de que teríamos algo extremamente semelhante a um apelido para um determinado elemento, que pode passar a nomeá-lo em um contexto específico.

**Agenda: “Tributo ao Rei do Pop” será em abril**  
(Jornal Manchete Popular)



A expressão “rei do pop” é uma forma encontrada para reverenciar Michael Jackson, considerado o maior artista pop da história (controvérsias a parte). Dessa forma, percebe-se que temos a construção de uma perífrase para identifica-lo.

### **Outros exemplos:**

“Cidade maravilhosa/Cheia de encantos mil/Cidade maravilhosa/Coração do meu Brasil.” (Rio de Janeiro, por Caetano Veloso)

“Leia mais repercussões sobre a morte da Dama de Ferro.” (Margaret Thatcher, por Globo)

“Primeira-dama do teatro brasileiro: Inquieta e insuperável” (Fernanda Montenegro, por *SuperInteressante*)

ATENÇÃO: Essa figura de linguagem é compreendida a partir do vocabulário do leitor. É importante ler bastante para expandir cada vez mais o seu léxico. As perífrases são muito usadas em reportagens, então sua leitura é uma boa fonte de novos vocábulos.

## Sinestesia

A sinestesia é caracterizada pela mistura de sensações (audição, olfato, paladar, tato, visão). É uma figura de linguagem extremamente importante para muitos momentos e construções literárias, como ocorre com o Simbolismo, em que temos essa mescla de sensações que eleva o grau de subjetividade das relações de significado apresentadas. Perceba que temos realmente um elevado grau de subjetividade nessas construções.





**"E um doce vento, que se erguera, punha nas folhas alagadas e lustrosas um frêmito alegre e doce." (Eça De Queiros)**

Nesse trecho de Eça de Queiros, renomado autor do realismo português, percebe-se o uso de duas sinestésias, uma vez que o vento não pode ser doce, da mesma forma que o tremor não pode ser alegre e doce, como indicado.

#### **Outros exemplos:**

"Por uma única janela envidraçada, (...) entravam claridades cinzentas e surdas, sem sombras." (Clarice Lispector)

"Insônia roxa. A luz a virgular-se em medo. / O aroma endoideceu, upou-se em cor, quebrou / Gritam-me sons de cor e de perfumes." (Mário de Sá-Carneiro)

"As falas sentidas, que os olhos falavam/ Não quero, não posso, não devo contar." (Casimiro de Abreu)

"Esta chuvinha de água viva esperneando luz e ainda com gosto de mato longe, meio baunilha, meio manacá, meio alfazema." (Mário de Andrade)

"O céu ia envolvendo-a até comunicar-lhe a sensação do azul, acariciando-a como um esposo, deixando-lhe o odor e a delícia da tarde." (Gabriel Miró)

"Que tristeza de odor a jasmim!" (Juan Ramón Jiménez)

#### **Curiosidade:**

A sinestesia é um termo médico que apresenta a ideia literal de uma confusão entre os sentidos. É um processo mental e genético. Nesse processo, a pessoa, por meio de uma troca e confusão dos sentidos, é capaz de ouvir as cores e saborear os cheiros. Doideira, né?

## 1.2 Figuras de Sintaxe

Nesse tipo de figura, como o próprio nome indica, temos uma relação direta com as estruturas sintáticas de construção dos enunciados, que passam a adotar comportamentos diferentes e sempre visando a um objetivo claro e específico em meio à escrita do texto. É uma construção interessante e sempre cobrada como estratégia textual para a modificação de sentidos. Vamos a elas.



## Assíndeto

Quando as palavras ou orações se sucedem sem conectivos. É uma leitura mais veloz que se garante ao texto. Normalmente, são substituídos os conectivos coordenativos, em especial os que se referem claramente a relações de adição entre os elementos. Nesse caso, merece destaque o processo de formação da palavra “assíndeto”. O prefixo “a” apresenta-se como um prefixo de negação nesse caso, enquanto a palavra “síndeto”, de origem grega, apresenta a significação de ligação, ou melhor, de elemento de ligação. Essa informação auxilia na hora da construção de pensamentos sobre a figura de linguagem.

**“A tua raça quer partir,/guerrear, sofrer, vencer, voltar.”**  
(Cecília Meireles)



Note que todas as orações são ligadas por vírgulas. Claro que as quatro primeira usualmente já seriam apresentadas dessa forma, contudo, a última, normalmente, seria conectada por meio de uma conjunção aditiva, preferencialmente o “e”.

### Outros exemplos:

“Vim, vi, venci.” (Júlio César)

“Grita o mar, brama o fogo, silva a fera,/Chora Adão, geme o pranto, brada o rogo.” (Francisco de Vasconcelos)

“Luciana, inquieta, subia à janela da cozinha, sondava os arredores, bradava com desespero, até ouvia duas notas estridentes, localizava o fugitivo, saía de casa como (...)” (Graciliano Ramos)

“Fazia riscos, bordados, mandava vir rendas de Grã-Mogol, cosia com amor, aprendia a arte do bilro.” (Cyro dos Anjos)

## Polissíndeto

Essa figura apresenta claramente a ideia de oposição com relação ao assíndeto, acima explicado. Ela ocorre quando um conectivo é reiterado muitas vezes na ligação entre palavras ou orações. Perceba que o prefixo “poli” representa a ideia de muitos, enquanto, como vimos, a palavra “síndeto” é traduzida como conjunção. Dessa forma, **polissíndeto** nada mais é do que a **utilização de vários síndetos**.



### Outros exemplos:

"Há dois dias meu telefone não fala, nem ouve, nem toca, nem tuge, nem muge." (Rubem Braga)

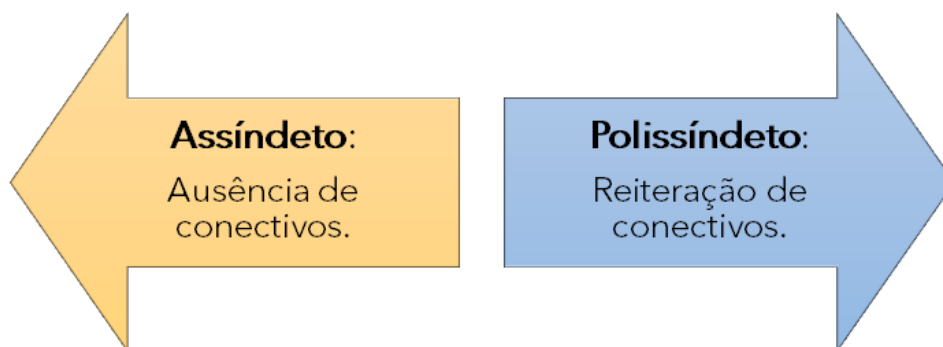
"Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro." (Fernando Pessoa)

"Falta-lhe o solo aos pés: recua e corre, vacila e grita, luta e ensanguenta, e rola, e tomba, e se espedaça, e morre." (Olavo Bilac)

"(...) e os desenrolamentos, e os incêndios, e a fome, e a sede; e dez meses de combates, e cem dias de canção contínuo; e o esmagamento das ruínas..." (Euclides da Cunha)

ATENÇÃO: mesmo com a presença de vírgulas nos exemplos acima, a repetição dos conectivos caracteriza como polissíndeto.

ACORDE!



## Anacoluto

O anacoluto ocorre sempre que há uma interrupção brusca do período, iniciado de uma maneira e terminado de outra. Desse modo, acaba por retirar a função sintática daquela palavra. É uma modificação de posições dos elementos dentro da frase com severa perda sintática.



**"O relógio da parede eu estou acostumado com ele, mas você precisa mais de relógio do que eu". (Rubem Braga).**

A expressão "o relógio de parece" é colocada no começo do enunciado como forma de valorização. Contudo, percebe-se que ela não tem função sintática no trecho, caracterizando-se como uma catacrese.

### **Outros exemplos:**

"Eu, que era branca e linda, eis-me medonha e escura". (Manuel Bandeira).

"A velha hipocrisia, recordo-me dela com vergonha". (Camilo Castelo Branco)

"Eu, porque sou mole, você fica abusando." (Rubem Braga)

"E o desgraçado tremiam-lhe as pernas, sufocando-o a tosse." (Almeida Garret)

## Apóstrofe

A apóstrofe ocorre quando há a invocação de alguém, um chamamento. Há o aparecimento do vocativo. É exatamente isso, Bola de fogo: é um nome bonitinho para a existência de um vocativo no texto. Perceba que, como sempre digo a vocês, os elementos textuais não são independentes como muitos de vocês pensam. A linguagem se liga em todos os níveis e, por isso, são construídos os significados múltiplos.

Leve em consideração que, como temos uma relação direta com a função sintática do vocativo e esse pode aparecer em diferentes posições da oração, a figura de linguagem também funcionará independente da posição que ocupe na frase.

**"Criança! não verás país nenhum como este: / Imita na grandeza a terra em que nasceste!" (Olavo Bilac).**

Nesse exemplo, temos a construção de um vocativo em "criança". Perceba que, por ser um poema, temos a construção sendo possível com expressividade clara indicada pelo ponto de exclamação.



### Outros exemplos:

“Seu garçom, faça o favor de me trazer depressa / Uma boa média que não seja requentada.” (Noel Rosa)

“Tende piedade de mim, Senhor, de todas as mulheres” (Vinícius de Moraes)

“Pai, afasta de mim esse cálice, Pai” (Chico Buarque de Holanda)

“Garçom, aqui, nessa mesa de bar, você já cansou de escutar” (Reginaldo Rossi)

## Elipse

A Elipse ocorre quando há omissão de um termo ou palavra sem prejuízo de sentido. A palavra omitida deve ser reconhecida pelo contexto. É interessante que notemos que essa palavra não necessariamente precisa ter aparecido no texto anteriormente. Além disso, perceba que essa é uma forma muito clara de construção coesiva do texto.

**“Na sala, apenas quatro ou cinco convidados”**

(Machado de Assis)



Nesse caso, exatamente nessa posição apontada pela seta, temos o apagamento do verbo “havia”. Nesse caso, como ele não apareceu anteriormente, temos a construção de uma Elipse.

### Outros exemplos:

[Eu] Andei a noite toda.

[Eu] Entrei em casa. A mesa [estava] posta. As velas [estavam] acesas.

## Hipérbato (inversão)

O hipérbato ocorre quando há inversão da ordem normal das palavras em uma oração ou da ordem das orações em um período. É uma das figuras de linguagem mais comuns dentre as utilizadas na língua portuguesa. Perceba que essa figura acontece quando queremos chamar a atenção do receptor de nossa mensagem com relação a um dos elementos da construção. Ela não acontece por acaso, por assim dizer.

Para essa figura, trago o meu exemplo preferido de todas as vidas: o Hino Nacional Brasileiro, cuja construção poética e feita durante o Parnasianismo acabou por fortalecer o uso dos hipérbatos como recurso poético. Vejamos:





**Ouviram do Ipiranga as margens plácidas de um povo heroico o brado retumbante.**



As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico.

Vejamos, então, alguns outros exemplos para essa construção.

**Outros exemplos:**

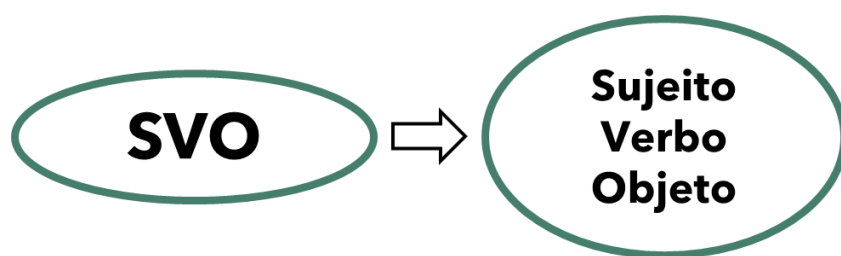
Aquela triste e leda madrugada acabou rapidamente.  
(Aquela madrugada triste e leda acabou rapidamente.)

Chegaram atrasados os pais e os alunos para a reunião.  
(Os pais e os alunos chegaram atrasados para a reunião.)

Ao leão o caçador matou naquele dia.  
(O caçador matou o leão naquele dia.)

Aqui, precisamos fazer uma pequena explicação sintática sobre esse fenômeno.

Todas as línguas seguem um padrão de ordem, não necessariamente o que utilizamos na língua portuguesa. Nosso padrão é o chamado **SVO**, como veremos a seguir, e, quando ele é modificado, temos essa figura de linguagem apresentada, tão importante para as construções de forma geral em português.



Essencialmente, entendemos que o sujeito aparece anteposto ao verbo e os demais termos ligados ao verbo deverão vir depois dele. Essa ordem vale para os termos preposicionados, que devem aparecer após as palavras que modificam. Mas não se preocupe que, quando chegarmos na nossa aula de sintaxe I, apresentarei todas essas lógicas para vocês.



## Pleonasmo

O pleonasmo ocorre quando há repetição de uma palavra a fim de intensificar o significado. Nem sempre o pleonasmo é um defeito do texto, podendo ser utilizado como recurso de intensificação mesmo. É o que ocorre, por exemplo, com os objetos pleonásticos.

A **mim me** parece que deveríamos ficar em casa.

"E **rir meu riso**" (Vinícius de Moraes)

"Ó **mar salgado**, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!" (Fernando Pessoa)

A repetição encontrada na primeira frase de exemplo serve para reforçar a ideia de que o que está sendo dito é uma opinião pessoal. Na construção comum seria: "Parece-me que deveríamos ficar em casa."

**ATENÇÃO:** Quando a repetição não acrescenta intensidade à expressão, ela é considerada **pleonasmo vicioso**, uma incorreção gramatical. É o caso, por exemplo de "Ele subiu para cima do prédio": só se pode subir para cima, portanto, essa repetição é desnecessária.

## Silepse

A silepse acontece quando a concordância entre os termos se dá pelo sentido, pelas ideias, e não pela gramática. Comumente, a gramática chama esse tipo de concordância de **ideológica**, então, não se assuste se você a vir dessa forma. Pode ocorrer em três circunstâncias:

- **Número:** discordância entre singular e plural.

**A multidão ficaram parada na frente daquela prisão  
até a soltura do jovem injustiçado.**



Nesse caso, temos, claramente, uma concordância com a ideia da palavra "multidão". Como sua significação é bastante ampla, com relação à quantidade de pessoas, entendemos como uma silepse.



**Outros exemplos:**

O **povo** foi às ruas e **manifestaram** contra o governo.

O **casal** brigou, mas **fizeram** as pazes logo em seguida.

CURIOSIDADE



Antigamente, a concordância com “A maioria das pessoas ficou/ficaram” era considerada uma silepse. Contudo, hoje, ela é aceita como opção para a concordância segundo a norma culta. Notem que, nesse caso, não há, necessariamente, uma relação com a ideia da palavra, dado que temos realmente um plural aparente. Assim, é considerada uma concordância de ênfase.

- **Gênero:** discordância entre masculino e feminino.

**Vossa excelência parece muito cansado.**



A silepse, nesse caso, é causada pelo fato de considerarmos “Vossa senhoria” uma relação de feminino. Como refere-se, no contexto, a um homem, houve silepse.

**Outros exemplos:**

**São Paulo** é muito **populosa**.

“Quando **a gente** é **novo**, gosta de fazer bonito.” (Guimarães Rosa)



- **Pessoa:** discordância entre pessoa e verbo.

### Todos aqui somos brasileiros

A silepse, nesse caso, é causada pelo fato de que temos o sujeito como uma construção plural, que pediria a terceira pessoa do plural, mas apresenta o “brasileiros” como inclusão de quem fala entre os “todos” que também são brasileiros.

#### **Outros exemplos:**

**A gente** precisa ir bem na prova para mostrar ao professor que **somos** estudiosos

“Dizem que **os cariocas somos** pouco dados aos jardins públicos.”  
(Machado de Assis)

## Zeugma

A Zeugma ocorre quando há supressão de termo mencionado anteriormente. É uma especificação da Elipse, porque trabalha com supressão de termos, mas com termos que já apareceram. No caso, é mais comum com a supressão de verbos.

**Eu fiz o trabalho de português, ele, o de matemática.**

Nesse caso, temos a supressão do verbo fazer no ponto indicado. A frase é equivalente a “Eu fiz o trabalho de português, ele [fez] o [trabalho] de matemática.”



### Outros exemplos:

Ele **comeu** salada, ela [**comeu**] pizza.

"A igreja **era** grande e pobre. Os altares, [**eram**] humildes." (Carlos Drummond de Andrade)

ATENÇÃO: a zeugma sempre aparece em orações separadas por vírgulas ou outros conectivos. Inclusive, há possibilidade, como no texto de Drummond de termos uma vírgula para marcar essa zeugma. Ela é chamada, de forma bem bonitinha, de "vírgula vicária".

## 1.3 Figuras de Pensamento

As figuras de pensamento podem ser entendidas como aquelas utilizadas para transmitir as ideias com maior expressividade. Elas trabalham, efetivamente, com a combinação de pensamentos e ideias, destacando-se entre as figuras de linguagem. Perceba que temos, nessas combinações, elementos que podem dificultar um pouco a compreensão das informações transmitidas.

### Antítese

A antítese ocorre quando há a presença de termos de sentidos opostos numa mesma oração. Perceba que é necessário que tenhamos elementos de sentidos opostos, ainda que contextuais, para que tenhamos uma relação antitética.

**Faça chuva ou faça sol, sairemos hoje.**



Há, aqui, duas palavras opostas: "chuva" e "sol". Elas são colocadas de forma próxima na oração, exatamente para marcar a relação de oposição entre si. Nessa construção, as palavras não formam uma única expressão, apenas estão lado a lado.





### Outros exemplos:

A nossa relação sempre foi de **amor** e **ódio**.  
O dia está **frio** e nossos corpos permanecem **quentes**.  
A **tristeza**, para Vinícius não tem fim, a **felicidade**, sim.  
Era uma obra que conjugava **luz** e **sombra**.  
Não sei dizer a **verdade** que mora naquela **mentira**.  
Não sei dizer o que é **verdade** e o que é **mentira**.  
"E onde queres **bandido**, sou **herói**" (Caetano Veloso)

## Eufemismo

Essa figura de linguagem ocorre quando se utilizam palavras ou expressões no lugar de outras a fim de suavizar seu significado. É uma forma menos forte de se passar uma informação, por assim dizer.

### Spike foi passear nas fazendas do Senhor.

"Foi passear nas fazendas do Senhor" é uma maneira comum de se referir à morte. Para suavizar uma expressão pouco agradável como "morrer", cria-se um eufemismo para tratar do assunto de modo mais brando.

### Outros exemplos:

Ele foi **convidado a se retirar**.  
"Quando **a indesejada das gentes chegar**" (Manuel Bandeira)  
"Ele vivia de **caridade pública**." (Machado de Assis)  
  
Uma das minhas preferidas, muito utilizadas no passado:  
Ele **subiu no telhado**.  
(Essa era uma forma de dizer que alguém teria morrido de uma forma eufêmica).

## Gradação

A gradação é uma figura de linguagem muito comum no ENEM e, por isso, precisa da atenção para que seja compreendida de forma completa. Ela ocorre quando há a apresentação de ideias que progridem, de maneira **ascendente** ou **descendente**.



### Ele nasceu, cresceu e morreu.

Há uma ideia de progressão nesta oração, que parte do início até o fim da vida: primeiro se nasce, depois se cresce e, por fim, se morre. Há aqui, portanto, uma gradação ascendente, que chega a um clímax.

#### Outros exemplos:

Ele foi milionário, **rico**, **classe média** e, por fim, **pobre**. (Gradação descendente)

"O trigo... **nasceu**, **cresceu**, **espigou**, **amadureceu**, **colheu-se**." (Padre Antônio Vieira)

"Mais **dez**, mais **cem**, mais **mil** e mais um **bilião**, uns cingidos de luz, outros ensanguentados." (Machado de Assis)

## Hipérbole

A hipérbole corre quando há o uso de uma expressão exagerada, claramente simbólica. Cuidado para que você não confunda o nome dessa figura de linguagem com o do hipérbato, que, como vimos, se refere a uma relação posicional da frase e não tem relação nenhuma com o pensamento. É uma figura de sintaxe.

### Eu já te falei um milhão de vezes que não gosto disso.

Nesse caso, temos claramente uma relação de exagero para enfatizar a noção de que a pessoa já se expressou muitas vezes com relação a não gostar de alguma coisa. Não houve uma contagem de um milhão, claro.



### Outros exemplos:

“Chega mais perto e contempla as palavras. / Cada uma / tem **mil faces** secretas sob a face neutra” (Carlos Drummond de Andrade)

Paixão cruel, desenfreada  
Te trago **mil rosas roubadas**  
Pra desculpar minhas mentiras  
Minhas mancadas  
[...]  
Eu **nunca mais vou respirar**  
Se você não me notar  
Eu posso até **morrer de fome**  
Se você não me amar  
(Cazuza, Leoni e Ezequiel Neves)

## Ironia

A ironia ocorre quando aquilo que está sendo dito é o contrário do que realmente se pretende dizer. É uma das figuras de linguagem mais “chatinhas” para a identificação em textos, principalmente nos textos verbais. Isso ocorre, principalmente, porque temos uma relação entre a entonação do texto e a ironia. É mais fácil, então, perceber

### Quem foi o gênio que tirou zero na prova?

Presume-se que um “gênio” é uma pessoa inteligente. Por isso, um gênio não tiraria zero numa prova. Aqui, a palavra “gênio” está empegada significando seu contrário: “burro”.

### Outros exemplos:

Eu fico muito feliz quando você me ignora.  
“Era boa moça, lépida, sem escrúpulos(...)” (Machado de Assis)

## Paradoxo

Essa figura ocorre quando são apresentadas ideias de sentidos opostos formando um todo de sentido, ou seja, é uma expressão formada por palavras cujos significados são aparentemente excludentes.



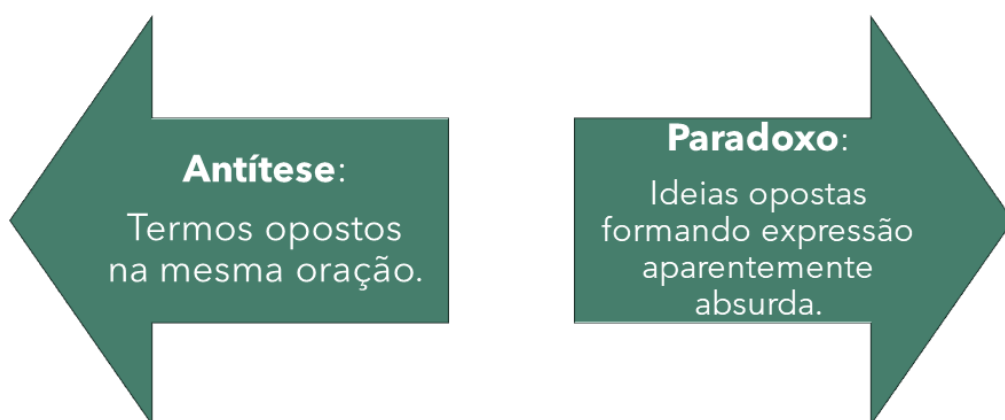
### **E seu silêncio é muito eloquente.**

“Silêncio” significa a ausência de sons e “eloquente” significa capacidade de expressar-se bem. Apesar de aparentemente se negarem, a construção com essas duas palavras tem um objetivo: afirmar que, por vezes, não dizer nada também é uma resposta. Por isso, há aqui uma expressão paradoxal e que forma um todo de sentido.

### **Outros exemplos:**

“Estou cego e vejo. / Arranco os olhos e vejo.”  
(Carlos Drummond de Andrade)  
“Só sei que nada sei.” (Sócrates)

ATENÇÃO: Apesar de semelhantes **antítese** e **paradoxo** possuem significados diferentes!



## Personificação (prosopopeia)

A personificação, também chamada de prosopopeia ocorre quando se atribuem características humanas a seres inanimados ou irracionais. Entendemos como prosopopeia a atribuição de características de seres vivos a seres inanimados. Por exemplo, se tivermos uma mesa que anda, consideramos prosopopeia, ainda que não seja uma característica unicamente humana.



### Esse dia acordou extremamente triste.

“Acordar” e “sentir tristeza” são ações humanas. O dia, como fragmento temporal, não pode sentir nada nem agir de maneira alguma. Neste caso, há a atribuição de um sentimento humano a algo inanimado.

#### Outros exemplos:

“Não se lembrava de Fabiano. Tinha havido um desastre, mas Baleia não atribuía a esse desastre a impotência em que se achava nem percebia que estava livre de responsabilidades. Uma angústia apertou-lhe o pequeno coração. Precisava vigiar as cabras: àquela hora cheiros de suçuarana deviam andar pelas ribanceiras, rondar as moitas afastadas.” (Graciliano Ramos)

“Provisoriamente não cantaremos o amor,  
que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.  
Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços,  
não cantaremos o ódio, porque esse não existe,  
existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro.”  
(Drummond)

ATENÇÃO: muitas vezes, a personificação é a projeção do sentimento de quem fala. No exemplo “O dia acordou triste”, por exemplo, possivelmente o falante acordou triste naquele dia e projetou no recorte temporal seu próprio sentimento. É como se estivesse dizendo “Acordei triste neste dia”.

## 1.4 Figuras de Som

As figuras de som são, claramente, aquelas em que a modificação da palavra envolve, necessariamente, alteração quanto à sonoridade daquela determinada palavra. Perceba que temos uma relação fonética nesse caso, com modificações que servem, na maior parte das vezes, para a construção de uma relação de maior ritmo a um texto.

### Aliteração

A aliteração ocorre quando há repetição de sons consonantais. É uma figura de linguagem bastante comum no Simbolismo brasileiro, que apela para a sonoridade das palavras e dos versos para que tenhamos uma relação clara de

Ex.: O **rato roeu** a **roupa** do **rei** de **Roma**.



A repetição da consoante “r” é essencial para a constituição do ritmo desse trava-língua.





Os trava língua são exemplos sensacionais para a compreensão da aliteração, uma vez que a ideia de travar o falante vai se dar exatamente pela utilização de sons comuns às palavras. São elementos da cultura popular, considerados a partir de uma relação de Literatura popular. É interessante notarmos que eles são realmente sucesso.

Veja o que acontece no exemplo a seguir:

**Num ninho de mafagafos há sete mafagafinhos. Quando a mafagafa gafa, gafam os sete mafagafinhos.**

**Trazei três pratos de trigo para três tigres tristes comerem.**

**O tempo perguntou ao tempo quanto tempo o tempo tem, o tempo respondeu ao tempo que o tempo tem o tempo que o tempo tem.**

## Assonância

A assonância ocorre quando há repetição de sons vocálicos, sendo muito semelhante à **aliteração**, mas com a diferença de construção dos sons, que lá são consonantais e aqui são vocálicos.

Ex.: Tinha o **coração** na **mão**.



Há aqui a repetição do som “ão” como elemento que constitui a sonoridade da expressão.

Outros exemplos:

○ **Museu Galileu pereceu.**

“Juro que não **acreditei** eu te **estranhei** / Me **debrucei** sobre teu corpo e **duvidei**” (Chico Buarque)

## Onomatopeia

A onomatopeia ocorre quando há o emprego de palavras que imitam sons ou ruídos. É classificado, inclusive, como um processo de formação de palavras.

Ex.: O **tic-tac** do relógio o incomodava.



A expressão “tic-tac” imita o som dos ponteiros do relógio.



Outros exemplos:

Acordei com o **cocoricó** do galo.  
“Oi, **tum, tum**, bate coração” (Elba Ramalho)

ATENÇÃO: As histórias em quadrinhos e tirinhas são os locais onde mais se encontram onomatopeias.

## Paronomásia

Ocorre quando há repetição de palavras com sons parecidos. É a figura de linguagem que dá conta do processo de paronomia da língua. Logo, pode saber que toda parônima gera, quando usada de propósito, uma paronomásia.

Ex.: O **cavaleiro** é um **cavalheiro**.



Apesar de possuírem sons parecidos, as palavras “cavaleiro” e “cavalheiro” possuem significados diferentes: “cavaleiro” é quem cavalga e “cavalheiro” é um homem gentil.

Outros exemplos:

Os **discentes** conversaram com o **docente**.  
O **peão** jogava **pião** com o filho.

ATENÇÃO: é fácil cometer equívocos com palavras parecidas. Cuidado para não confundir palavras que tenham semelhança no som e na escrita!

## 2 Efeitos de sentido

Um dos assuntos mais recorrentes no ENEM e nos vestibulares é a análise dos **efeitos de sentido**. Compreender um texto é mais do que reconhecer as palavras. É preciso compreender qual o significado do que está escrito. Principalmente em textos de humor e tirinhas, compreender qual o sentido pretendido é imprescindível.

Esses efeitos podem ser cobrados para analisar efetivamente a intenção do autor com aquela produção textual, da mesma forma que podemos ter uma relação de sentidos não intencionais por parte dos autores. Perceba que eles são utilizados como forma comunicativa e podem ser gerados por um deslize do autor na hora da composição do texto. Em especial os dois primeiros efeitos analisados em nossa aula são comuns nesse tipo de deslize.

Há quatro efeitos de sentido essenciais a serem compreendidos para a interpretação de textos: **ambiguidade, duplo sentido, ironia e humor**.



## Ambiguidade

A ambiguidade ocorre quando um mesmo vocábulo ou expressão pode ser interpretado de mais de uma maneira. Ela pode aparecer de duas maneiras: como recurso expressivo, principalmente no caso da publicidade ou dos textos humorísticos; ou como um defeito na construção, prejudicando a clareza da mensagem. Ou seja, ela pode ser **intencional ou não**. É bastante comum que encontremos a ambiguidade em músicas populares, como as produzidas para o carnaval de rua da Bahia ou entre os funks cariocas, que se constroem utilizando a duplicidade de sentidos para que seja gerada significação.

Um de meus exemplos preferidos é a música “O pinto”, do grupo baiano Raça Pura. Vejamos a ambiguidade encontrada nela.

E foi um pega pra capar  
No galinheiro até o sol raiar  
Chega a galera pra aprender  
A dança do pinto todo mundo quer fazer  
E o pinto bate as asinhas  
E vai ralando na cochinha da galinha  
E o pinto bate as asinhas  
E vai ralando na cochinha da galinha

(O pinto)  
O pinto do meu pai  
Fugiu com a galinha da vizinha  
Já procurei dia e noite  
Já procurei noite e dia

Perceba que essas ideias não devem ser utilizadas em textos argumentativos, didáticos, jornalísticos e outros de função informativa, a ambiguidade é considerada um defeito. Nesses tipos de texto a mensagem deve ser o mais clara e objetiva possível. Por isso, deve-se evitar expressões que possam gerar algum tipo de ambiguidade.

A ambiguidade pode ocorrer em dois níveis: **gramatical** e **semântico**.



## Gramatical

Quando envolve a estrutura da oração, ou seja, a ambiguidade é resultado da posição das palavras na oração.

Ex.: As meninas felizes se arrumaram para a festa. "felizes" é característica das meninas ou o estado em que se encontravam naquele momento?

Resolvendo:

- caso seja um estado daquele momento, "Felizes, as meninas se arrumaram para a festa".

Pode ocorrer principalmente devido ao uso ambíguo de: pronomes possessivos (Ele voltou para **sua** casa); pronomes relativos (Falei com o menino **que** estava feliz); formas nominais (Ajudei a amiga cansada).

## Semântico

Quando envolve **polissemia**, ou seja, um termo que apresenta mais de um significado possível.

Ex.: Estava em frente ao banco. "banco" = móvel em que se senta **ou** prédio, instituição financeira?

Resolvendo:

- Estava em frente ao banco da praça.
- Estava em frente ao Banco Itaú.

Atenção: a polissemia ocorre quando uma mesma palavra assume diferentes significados.

Não é o caso, por exemplo, de palavras com grafia e sons iguais, mas classes de palavra diferentes (ex.: "cedo" pode ser advérbio de tempo ou verbo ceder conjugado na primeira pessoa do singular).

## Duplo sentido

O duplo sentido é um recurso expressivo em que as palavras e expressões utilizadas possuem diferentes interpretações. A diferença do duplo sentido para a ambiguidade é que muitas vezes a ambiguidade não é intencional, enquanto o duplo sentido é planejado, principalmente visando o humor. Aparece muitas vezes na publicidade. Além disso, piadas,



anedotas e outros textos humorísticos também trabalham com o duplo sentido. Fique muito atento a isso aqui: **havendo intencionalidade no uso da ambiguidade, ela será considerada duplo sentido**. Não pode errar isso nunca mais, combinado?

Costuma-se falar em duplo sentido principalmente para construções em que há duas interpretações possíveis: o sentido literal, mais ingênuo; e o segundo sentido, com fundo sarcástico, remetendo a referências sexuais ou ofensivas. Normalmente, depende do conhecimento de mundo do leitor ou ouvinte para que a dupla referência seja compreendida.

Além disso, ela depende do contexto: uma frase com potencial duplo sentido pode ser entendida de modos diferentes dependendo dos participantes da conversa. Com colegas de trabalho possivelmente uma frase de duplo sentido passaria despercebida, enquanto o mesmo não ocorreria num grupo de amigos com maior intimidade.

Muitas vezes em provas será exigido que você entenda o conceito de duplo sentido, ainda que não apareça a expressão em si. Outras vezes, o duplo sentido se encontra no diálogo entre textos verbais e não verbais, principalmente quando envolve tirinhas, charges ou propagandas.

Veja, por exemplo, essa propaganda:



Fonte: < <http://www.sotitulos.com.br/cia-athletica/> > Acesso em 11 Mar. 2019.

Há aqui duas interpretações possíveis para o texto: que a pessoa recebe a visita de amigos (sentido literal) e que, uma vez que o corpo da pessoa é sua casa, ela mostra seu corpo para outras pessoas (duplo sentido).

### Ironia

Como dito anteriormente, a ironia consiste em utilizar uma palavra ou expressão, atribuindo-lhe diferente sentido ou significado de acordo com o contexto. Na construção de um texto, ela pode aparecer em três modos: **ironia verbal**, **ironia de situação** e **ironia dramática (ou satírica)**.





### Ironia verbal

- Ocorre quando se diz algo pretendendo expressar outro significado, normalmente oposto ao sentido literal. A expressão e a intenção são diferentes.
- Ex.: Você foi tão bem na prova! Tirou um zero incrível!

### Ironia de situação

- A intenção e resultado da ação não estão alinhados, ou seja, o resultado é contrário ao que se espera ou que se planeja.
- Ex.: Quando num texto literário uma personagem planeja uma ação, mas os resultados não saem como o esperado. No livro "Memórias Póstumas de Brás Cubas", de Machado de Assis, a personagem título tem obsessão por ficar conhecida. Ao longo da vida, tenta de muitas maneiras alcançar a notoriedade sem sucesso. Após a morte, a personagem se torna conhecida. Há uma ironia de situação: planejou ficar famoso antes de morrer e se tornou famoso após a morte.

### Ironia dramática (ou satírica)

- Ocorre nos textos literários quando a personagem tem a consciência de que suas ações não serão bem sucedidas ou que está entrando por um caminho ruim, mas o leitor já tem essa consciência.
- Ex.: Em livros com narrador onisciente, ou seja, que sabe tudo o que se passa na história com todas as personagens, é mais fácil aparecer esse tipo de ironia. A peça como Romeu e Julieta, por exemplo, se inicia com a fala que relata que os protagonistas da história irão morrer em decorrência do seu amor. As personagens agem ao longo da peça esperando conseguir atingir seus objetivos, mas a plateia já sabe que eles não serão bem sucedidos. Isso é uma ironia dramática.

## Humor

A maioria dos efeitos de texto citado até então tem um objetivo comum: o humor. Situações cômicas ou potencialmente humorísticas compartilham da característica do efeito surpresa. O humor reside em ocorrer algo fora do esperado numa situação. **Não se esqueça disso: trabalhar com humor não significa rir da situação ou coisa do tipo, mas somente perceber a existência de uma noção surpresa, algo que quebra a expectativa do leitor do texto.**

Há diversas situações em que o humor pode aparecer numa prova de vestibular. Há as tirinhas e charges, que aliam texto e imagem para criar efeito cômico; há anedotas ou pequenos contos; e há as crônicas, frequentemente acessadas como forma de gerar o riso.

Vamos ver alguns exemplos:

### Anedotas:

Textos narrativos curtos e de enredo simples. A linguagem costuma ser coloquial e lida com conhecimentos e situações populares. Normalmente são de autoria desconhecida: pertencem ao conhecimento do dia a dia.



Ex.:

A professora pergunta a Joãozinho:

- Joãozinho, se eu tenho duas mangas em uma mão e duas na outra, o que eu tenho?
- Mãos grandes!

### Charges:

Produções jornalísticas visuais que partem de temas da atualidade para produzir situações cômicas ou críticas.

Ex.:



Charge de Renato Peters sobre o rompimento da Barragem da Vale em Brumadinho. (Fonte: Twitter do autor)

### Crônicas:

Ex.: "No cinema de antigamente você já sabia: quando alguém tossia, era porque iria morrer em pouco tempo. Tosse nunca significava apenas algo preso na garganta ou uma gripe passageira – era morte certa. Quando um casal se beijava apaixonadamente e em seguida desaparecia da tela era sinal que tinham se deitado. E depois, não falhava: a mulher aparecia grávida. Nunca se ficava sabendo o que acontecia, exatamente, depois que o casal desaparecia da tela, a não ser que o filme fosse francês." (*Vida de cinema*, de Luis Fernando Veríssimo)



### 3 Questões

#### 1. (ITA/2017)

No poema de Maria Lúcia Alvim intitulado *Frasco de âmbar*, que possui uma atmosfera muito feminina,

**Frasco de âmbar**  
À força de guardar-te  
evaporaste!

(Em: *Vivenda*. São Paulo: Duas Cidades, 1989.)

- I. a voz lírica expressa-se de modo sentimental – daí o ponto de exclamação – revelando forte afeto do “eu” em relação ao “tu”.
- II. a fala dirigida ao objeto contém um lamento pela sua perda, ocorrida apesar de todo o cuidado e apego que a ele foram dedicados.
- III. o teor metafórico do poema se reforça na associação estabelecida entre a volatilidade do perfume e o sentimento amoroso.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas I e II.
- c) apenas II.
- d) apenas II e III.
- e) todas.

#### 2. (ITA/2016 - adaptada)

<sup>(1)</sup>Vou confessar um pecado: às vezes, faço maldades. Mas não faço por mal. Faço o que faziam os mestres zen com seus “koans”. “Koans” eram rasteiras que os mestres passavam no pensamento dos discípulos. Eles sabiam que só se aprende o novo quando as certezas velhas caem. E acontece que eu gosto de passar rasteiras em certezas de jovens e de velhos...

<sup>(5)</sup>Pois o que eu faço é o seguinte. Lá estão os jovens nos semáforos, de cabeças raspadas e caras pintadas, na maior alegria, celebrando o fato de haverem passado no vestibular. Estão pedindo dinheiro para a festa! Eu paro o carro, abro a janela e na maior seriedade digo: “Não vou dar dinheiro. Mas vou dar um conselho. Sou professor emérito da Unicamp. O conselho é este: salvem-se enquanto é tempo!”. Aí o sinal fica verde e eu continuo.

<sup>(l. 10)</sup>“Mas que desmancha-prazeres você é!”, vocês me dirão. É verdade. Desmancha-prazeres. Prazeres inocentes baseados no engano. Porque aquela alegria toda se deve precisamente a isto: eles estão enganados.

<sup>(l. 13)</sup>Estão alegres porque acreditam que a universidade é a chave do mundo. Acabaram de chegar ao último patamar. As celebrações têm o mesmo sentido que os eventos iniciáticos – nas culturas ditas primitivas, as provas a que têm de se submeter os jovens que passaram pela puberdade. Passadas as provas e os seus sofrimentos, os jovens deixaram de ser crianças. Agora são adultos, com todos os seus direitos e deveres. Podem assentar-se na roda dos homens. Assim como os nossos jovens agora podem dizer: “Deixei o cursinho. Estou na universidade”.

<sup>(l. 20)</sup>Houve um tempo em que as celebrações eram justas. Isso foi há muito tempo, quando eu era jovem. Naqueles tempos, um diploma universitário era garantia de trabalho.



Os pais se davam como prontos para morrer quando uma destas coisas acontecia: 1) a filha se casava. Isso garantia o seu sustento pelo resto da vida; 2) a filha tirava o diploma de normalista. Isso garantiria o seu sustento caso não casasse; 3) o filho entrava para o Banco do Brasil; 4) o filho tirava diploma.

(l. 26) O diploma era mais que garantia de emprego. Era um atestado de nobreza. Quem tirava diploma não precisava trabalhar com as mãos, como os mecânicos, pedreiros e carpinteiros, que tinham mãos rudes e sujas.

(l. 29) Para provar para todo mundo que não trabalhavam com as mãos, os diplomados tratavam de pôr no dedo um anel com pedra colorida. Havia pedras para todas as profissões: médicos, advogados, músicos, engenheiros. Até os bispos tinham suas pedras.

(l. 32) (Ah! Ia me esquecendo: os pais também se davam como prontos para morrer quando o filho entrava 31 para o seminário para ser padre – aos 45 anos seria bispo – ou para o exército para ser oficial – aos 45 anos seria general.)

(l. 35) Essa ilusão continua a morar na cabeça dos pais e é introduzida na cabeça dos filhos desde pequenos. Profissão honrosa é profissão que tem diploma universitário. Profissão rendosa é a que tem diploma universitário. Cria-se, então, a fantasia de que as únicas opções de profissão são aquelas oferecidas pelas universidades.

(l. 39) Quando se pergunta a um jovem "O que é que você vai fazer?", o sentido dessa pergunta é "Quando você for preencher os formulários do vestibular, qual das opções oferecidas você vai escolher?". E as opções não oferecidas? Haverá alternativas de trabalho que não se encontram nos formulários de vestibular?

(l. 43) Como todos os pais querem que seus filhos entrem na universidade e (quase) todos os jovens querem entrar na universidade, configura-se um mercado imenso, mas imenso mesmo, de pessoas desejosas de diplomas e prontas a pagar o preço. Enquanto houver jovens que não passam nos vestibulares das universidades do Estado, haverá mercado para a criação de universidades particulares. É um bom negócio.

(l. 48) Alegria na entrada. Tristeza ao sair. Forma-se, então, a multidão de jovens com diploma na mão, mas que não conseguem arranjar emprego. Por uma razão aritmética: o número de diplomados é muitas vezes maior que o número de empregos.

(l. 51) Já sugeri que os jovens que entram na universidade deveriam aprender, junto com o curso "nobre" que frequentam, um ofício: marceneiro, mecânico, cozinheiro, jardineiro, técnico de computador, eletricista, encanador, descupinizador, motorista de trator... O rol de ofícios possíveis é imenso. Pena que, nas escolas, as crianças e os jovens não sejam informados sobre essas alternativas, por vezes mais felizes e mais rendosas.

(l. 56) Tive um amigo professor que foi guindado, contra a sua vontade, à posição de reitor de um grande colégio americano no interior de Minas. Ele odiava essa posição porque era obrigado a fazer discursos. E ele tremia de medo de fazer discursos. Um dia ele desapareceu sem explicações. Voltou com a família para o seu país, os Estados Unidos. Tempos depois, encontrei um amigo comum e perguntei: "Como vai o Fulano?". Respondeu-me: "Felicíssimo. É motorista de um caminhão gigantesco que cruza o país!".

(Rubem Alves. Diploma não é solução, *Folha de S. Paulo*, 25/05/2004.)

Assinale a opção em que o segmento NÃO apresenta a figura de pensamento a ele atribuída.

- [...] às vezes, faço maldades. Mas não faço por mal. (l. 1) - Paradoxo
- [...] configura-se um mercado imenso, mas imenso mesmo, (l. 44) - Gradação
- Alegria na entrada. Tristeza ao sair. (l. 48) - Antítese
- E ele tremia de medo de fazer discursos. (l. 58) - Ironia
- É motorista de um caminhão gigantesco que cruza o país! (l. 61) - Hipérbole



### 3. (ITA/2016)

O efeito de humor da tirinha abaixo se deve:



Quino

- a) à postura desobediente de Mafalda diante da mãe.
- b) à resposta autoritária da mãe de Mafalda à pergunta da filha.
- c) ao uso de palavras em negrito e cada vez maior do 2º ao 4º quadrinho.
- d) ao fato de aparecer apenas a fala da mãe de Mafalda e não sua imagem.
- e) aos sentidos atribuídos por Mafalda para as palavras “títulos” e “diplomamos”.

### 4. (ITA/2015)

Texto de Rubem Braga, publicado pela primeira vez em 1952, no jornal *Correio da Manhã*, do Rio.

(l. 1) José Leal fez uma reportagem na Ilha das Flores, onde ficam os imigrantes logo que chegam. E falou dos equívocos de nossa política imigratória. As pessoas que ele encontrou não eram agricultores e técnicos, gente capaz de ser útil. Viu músicos profissionais, bailarinas austríacas, cabeleireiras lituanas. Paul Balt toca acordeão, Ivan Donef faz coquetéis, Galar Bedrich é vendedor, Serof Nedko é ex-oficial, Luigi Tonizo é jogador de futebol, Ibolya Pohl é costureira. Tudo gente para o asfalto, “para entulhar as grandes cidades”, como diz o repórter.

(l. 7) O repórter tem razão. Mas eu peço licença para ficar imaginando uma porção de coisas vagas, ao olhar essas belas fotografias que ilustram a reportagem. Essa linda costureirinha morena de Badajoz, essa Ingeborg que faz fotografias e essa Irgard que não faz coisa alguma, esse Stefan Cromick cuja única experiência na vida parece ter sido vender bombons – não, essa gente não vai aumentar a produção de batatinhas e quiabos nem plantar cidades no Brasil Central.

(l. 13) É insensato importar gente assim. Mas o destino das pessoas e dos países também é, muitas vezes, insensato: principalmente da gente nova e países novos. A humanidade não vive apenas de carne, alface e motores. Quem eram os pais de Einstein, eu pergunto; e se o jovem Chaplin quisesse hoje entrar no Brasil acaso poderia? Ninguém sabe que destino terão no Brasil essas mulheres louras, esses homens de profissões vagas. Eles estão procurando alguma coisa: emigraram. Trazem pelo menos o patrimônio de sua inquietação e de seu apetite de vida. Muitos se perderão, sem futuro, na vagabundagem inconsequente das cidades; uma mulher dessas talvez se suicide melancolicamente dentro de alguns anos, em algum quarto de pensão. Mas é preciso de tudo para fazer um mundo; e cada pessoa humana é um mistério de heranças e de taras. Acaso importamos o pintor Portinari, o arquiteto Niemeyer, o físico Lattes? E os construtores de nossa indústria, como vieram eles ou seus pais? Quem pergunta hoje, e que interessa saber, se esses homens ou seus pais ou seus avós vieram para o Brasil como agricultores, comerciantes, barbeiros ou capitalistas, aventureiros ou vendedores de gravata? Sem o tráfico de escravos não teríamos tido Machado de Assis, e Carlos Drummond seria impossível sem uma gota de sangue (ou uísque) escocês nas veias, e quem nos garante que uma legislação exemplar de imigração não teria feito Roberto Burle Marx nascer uruguaio, Vila Lobos mexicano, ou Pancett chileno, o general Rondon canadense



ou Noel Rosa em Moçambique? Sejam humildes diante da pessoa humana: o grande homem do Brasil de amanhã pode descender de um clandestino que neste momento está saltando assustado na praça Mauá, e não sabe aonde ir, nem o que fazer. Façamos uma política de imigração sábia, perfeita, materialista; mas deixemos uma pequena margem aos inúteis e aos vagabundos, às aventureiras e aos tontos porque dentro de algum deles, como sorte grande da fantástica loteria humana, pode vir a nossa redenção e a nossa glória.

(BRAGA, R. Imigração. *In: A borboleta amarela*. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963)

Assinale a opção em que há metonímia.

- a) gente para o asfalto (l. 6)
- b) plantar cidades (l. 11)
- c) apetite de vida (l. 18)
- d) fazer um mundo (l. 21)
- e) loteria humana (l. 35)

### 5. (ITA/2014)

O poema abaixo, sem título, é um haicai de Paulo Leminski:

lua à vista  
brilhavas assim  
sobre auschwitz?

(*Distraídos venceremos*. São Paulo: Brasiliense, 1987.)

Neste texto,

- I. há contraste entre a imagem natural e o fato histórico.
- II. o contraste entre “lua” e “auschwitz” provoca uma reação emotiva no sujeito lírico.
- III. o caráter interrogativo revela a perplexidade do sujeito lírico.

Está(ão) correta(s):

- a) apenas I e II.
- b) apenas I e III.
- c) apenas II e III.
- d) apenas III.
- e) todas.

### 6. (ITA/2013)

O segmento do poema abaixo apresenta

#### Eu e o sertão

Patativa do Assaré  
Sertão, arguém te cantô  
Eu sempre tenho cantado  
E ainda cantando tô,  
Pruquê, meu torrão amado,  
Munto te prezo, te quero  
E vejo qui os teus mistero  
Ninguém sabe decifrá.  
A tua beleza é tanta,  
Qui o poeta canta, canta,





E inda fica o qui cantá.  
[...]

(Cante lá que eu canto cá. Petrópolis: Vozes, 1982)

- a) um testemunho de quem conhece o ambiente retratado.
- b) humor e ironia numa linguagem simples típica do sertanejo.
- c) uma descrição detalhada do espaço.
- d) a percepção do poeta de que seu canto é a melhor das interpretações.
- e) perceptível distanciamento entre o poeta e o objeto do seu canto.

## 7. (ITA/2011)

(l. 1) São Paulo – Não é preciso muito para imaginar o dia em que a moça da rádio nos anunciará, do helicóptero, o colapso final: “A CET\* já não registra a extensão do congestionamento urbano. Podemos ver daqui que todos os carros em todas as ruas estão imobilizados. Ninguém anda, para frente ou para trás. A cidade, enfim, parou. As autoridades pedem calma, muita calma”.

(l. 6) “A autoestrada do Sul” é um conto extraordinário de Julio Cortázar\*\*. Está em Todos os fogos o fogo, de 1966 (a Civilização Brasileira traduziu). Narra, com monotonia infernal, um congestionamento entre Fontainebleau e Paris. É a história que inspirou Weekend à francesa (1967), de Godard\*\*\*.

(l. 10) O que no início parece um transtorno corriqueiro vai assumindo contornos absurdos. Os personagens passam horas, mais horas, dias inteiros entalados na estrada.

(l. 12) Quando, sem explicações, o nó desata, os motoristas aceleram “sem que já se soubesse para que tanta pressa, por que essa correria na noite entre automóveis desconhecidos onde ninguém sabia nada sobre os outros, onde todos olhavam para a frente, exclusivamente para a frente”.

(l. 16) Não serve de consolo, mas faz pensar. Seguimos às cegas em frente há quanto tempo? De Prestes Maia aos túneis e viadutos de Maluf, a cidade foi induzida a andar de carro. Nossa urbanização se fez contra o transporte público. O símbolo modernizador da era JK é o pesadelo de agora, mas o fetiche da lata sobre rodas jamais se abalou.

(l. 20) Será ocasional que os carrões dos endinheirados – essas peruas high-tech – se pareçam com tanques de guerra? As pessoas saem de casa dentro de bunkers, literalmente armadas. E, como um dos tipos do conto de Cortázar, veem no engarrafamento uma “afronta pessoal”.

(l. 24) Alguém acredita em soluções sem que haja antes um colapso? Ontem era a crise aérea, amanhã será outra qualquer. A classe média necessita reciclar suas aflições. E sempre haverá algo a lembrá-la – coisa mais chata – de que ainda vivemos no Brasil.

(SILVA, Fernando de Barros. *Folha de S. Paulo*, 17/03/2008.)

\*CET - Companhia de Engenharia de Tráfego.

\*\*Julio Cortázar (1914-1984), escritor argentino.

\*\*\*Jean-Luc Godard, cineasta francês, nascido em 1930.

NÃO há emprego de metáfora em

- a) Ninguém anda, para frente ou para trás. (l. 4)
- b) Quando, sem explicações, o nó desata, os motoristas aceleram [...]. (l. 12)
- c) [...] mas o fetiche da lata sobre rodas jamais se abalou. (l. 19)
- d) As pessoas saem de casa dentro de bunkers, literalmente armadas. (l. 21)
- e) A classe média necessita reciclar suas aflições. (l. 25)



## 8. (ITA/2008)

Assinale a opção em que a frase apresenta figura de linguagem semelhante ao da fala de Helga no primeiro quadrinho.



(Em: *Folha de S. Paulo*, 21/03/2005.)

- a) O país está coalhado de pobreza.
- b) Pobre homem rico!
- c) Tudo, para ele, é nada!
- d) O curso destina-se a pessoas com poucos recursos financeiros.
- e) Não tenho tudo que amo, mas amo tudo que tenho.

## 9. (ITA/2005)

### A Universidade é só o começo

Na última década, a universidade viveu uma espécie de milagre da multiplicação dos diplomas. O número de graduados cresceu de 225 mil no final dos anos 80 para 325 mil no levantamento mais recente do Ministério da Educação em 2000.

A entrada no mercado de trabalho desse contingente, porém, não vem sendo propriamente triunfal como uma festa de formatura. Engenheiros e educadores, professores e administradores, escritores e sobretudo empresários têm sussurrado uma frase nos ouvidos dessas centenas de milhares de novos graduados: "O diploma está nu".

Passaporte tranquilo para o emprego na década de 80, o certificado superior vem sendo exigido com cada vez mais vistos.

Considerado um dos principais pensadores da educação no país, o economista Cláudio de Moura Castro sintetiza a relação atual do diploma com o mercado de trabalho em uma frase: "Ele é necessário, mas não suficiente". O raciocínio é simples. Com o aumento do número de graduados no mercado, quem não tem um certificado já começa em desvantagem.

Conselheiro-chefe de educação do Banco Interamericano de Desenvolvimento durante anos, ele compara o sem-diploma a alguém "em um mato sem cachorro no qual os outros



usam armas automáticas e você um **tacape**". Por outro lado, o economista-educador diz que ter um **fuzil**, seja lá qual for, não garante tanta vantagem assim nessa **floresta**.

Para Robert Wong, o diagnóstico é semelhante. Só muda a metáfora. Principal executivo na América do Sul da Korn/Ferry International, maior empresa de recrutamento de altos executivos do mundo, ele equipará a formação acadêmica com a **potência do motor** de um **carro**.

Equilibrados de mais acessórios, igualado o preço, o motor pode desempatar a escolha do consumidor. "Tudo sendo igual, a escolaridade faz a diferença."

Mas assim como Moura Castro, o head hunter defende a idéia de que um motor turbinado não abre automaticamente as portas do mercado. Wong conta que no mesmo dia da entrevista à Folha [Jornal "Folha de S. Paulo"] trabalhava na seleção de um executivo para uma multinacional na qual um dos principais candidatos não tinha experiência acadêmica. "É um self-made man."

Brasileiro nascido na China, Wong observa que é em países como esses, chamados "em desenvolvimento", que existem mais condições hoje para o sucesso de profissionais como esses, de perfil empreendedor. (...)

(Cassiano Elek Machado: A universidade é só o começo. "Folha de S. Paulo", 27/07/2002. Disponível na Internet: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse>. Data de acesso: 24/08/2004)

No texto, os especialistas que expressam suas opiniões usam de algumas metáforas. Assinale a opção em que o termo metafórico não corresponde ao elemento que ele substitui.

- a) tacape / diploma universitário
- b) fuzil / diploma universitário
- c) floresta / mercado de trabalho
- d) potência do motor / diploma universitário
- e) carro / candidato a um emprego

### 10. (ITA/2002)

Assinale a figura de linguagem predominante no seguinte trecho:

A engenharia brasileira está agindo rápido para combater a crise de energia.

- a) Metáfora.
- b) Metonímia.
- c) Eufemismo.
- d) Hipérbole.
- e) Pleonasma.

### 11. (ITA SP/1994)

Em qual opção há erro na identificação das figuras?

- a) "Um dia hei de ir embora / Adormecer no derradeiro sono." (eufemismo)
- b) "A neblina, roçando o chão, cicia, em prece." (Prosopopeia)
- c) Já não são tão frequentes os passeios noturnos na violenta R. de Janeiro (Silepse de números)
- d) "E fria, fluente, frouxa claridade / Flutua..." (aliteração)
- e) "Oh sonora audição colorida do aroma." (Sinestesia)

### 12. (IME/2019 adaptada)

Leia o trecho do poema "O Elefante", de Carlos Drummond de Andrade:

"e todo o seu conteúdo  
de perdão, de carícia,



de pluma, de algodão,  
jorra sobre o tapete,”

A figura de linguagem construída a partir de uma relação entre os campos semânticos evocados pelo título do poema e de seus versos acima destacados é a (o)

- a) ambiguidade.
- b) apóstrofe.
- c) antítese.
- d) eufemismo.
- e) metonímia.

### 13. (IME/2015 - adaptada)

#### CONSOADA

(Manuel Bandeira)

Quando a Indesejada das gentes chegar  
(Não sei se dura ou caroável),  
Talvez eu tenha medo.  
Talvez sorria, ou diga:  
– Alô, iniludível!  
O meu dia foi bom, pode a noite descer.  
(A noite com os seus sortilégios.)  
Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,  
A mesa posta,  
Com cada coisa em seu lugar.

Disponível em: <<http://www.poesiaspoemaseversos.com.br>> Acesso em: 29 Abr 2014.

Ao utilizar a expressão “a Indesejada das gentes”, o autor faz uso da figura de linguagem conhecida como:

- a) hipérbole.
- b) anacoluto.
- c) antítese.
- d) metonímia.
- e) eufemismo.

### 14. (IME/2017)

#### O HOMEM: AS VIAGENS

1  
O homem, bicho da Terra tão pequeno  
chateia-se na Terra  
lugar de muita miséria e pouca diversão,  
faz um foguete, uma cápsula, um módulo  
toca para a Lua  
desce cauteloso na Lua  
pisa na Lua  
planta bandeirola na Lua  
experimenta a Lua

coloniza a Lua  
civiliza a Lua  
humaniza a Lua

2  
Lua humanizada: tão igual à Terra.  
O homem chateia-se na Lua.

3



Vamos para Marte – ordena a suas máquinas.  
Elas obedecem, o homem desce em Marte  
pisa em Marte  
experimenta  
coloniza  
civiliza  
humaniza Marte com engenho e arte.

4  
Marte humanizado, que lugar quadrado.  
Vamos a outra parte?

5  
Claro – diz o engenho  
sofisticado e dócil.  
Vamos a Vênus.  
O homem põe o pé em Vênus,  
vê o visto – é isto?  
idem  
idem  
idem.

6  
O homem funde a cuca se não for a Júpiter  
proclamar justiça junto com injustiça  
repetir a fossa  
repetir o inquieto  
repetitório.

7

Outros planetas restam para outras colônias.  
O espaço todo vira Terra-a-terra.  
O homem chega ao Sol ou dá uma volta só para tiver?  
Não-vê que ele inventa  
roupa insiderável de viver no Sol.  
Põe o pé e:  
mas que chato é o Sol, falso touro espanhol domado.

8  
Restam outros sistemas fora do solar a colonizar.  
Ao acabarem todos  
só resta ao homem  
(estará equipado?)  
a difícilíssima dangerousíssima viagem de si a si mesmo:  
pôr o pé no chão  
do seu coração  
experimentar  
colonizar  
civilizar  
humanizar  
o homem  
descobrimo em suas próprias  
inexploradas entranhas  
a perene, insuspeitada alegria  
de con-viver.

ANDRADE, Carlos Drummond. Nova reunião: 19  
livros de poesia – 3ª ed. Rio de Janeiro: José  
Olympio, 1978, pp. 448-450.

Ao longo de todo o poema O Homem: As Viagens, o poeta usa exaustivamente como recurso de expressão (estilo) a

- a) adjetivação.
- b) comparação.
- c) repetição.
- d) aliteração.
- e) personificação.



## 15. (FUVEST/2018)

Examine o cartum.



Frank e Ernest – Bob Thaves. O Estado de S. Paulo. 22.08.2017.

O efeito de humor presente no cartum decorre, principalmente, da

- semelhança entre a língua de origem e a local.
- falha de comunicação causada pelo uso do aparelho eletrônico.
- falta de habilidade da personagem em operar o localizador geográfico.
- discrepância entre situar-se geograficamente e dominar o idioma local.
- incerteza sobre o nome do ponto turístico onde as personagens se encontram.

Texto comum às questões: 16 e 17.

### Sarapalha

- Ô calorão, Primo!... E que dor de cabeça excomungada!
- É um instantinho e passa... É só ter paciência....
- É... passa... passa... passa... Passam umas mulheres vestidas de cor de água, sem olhos na cara, para não terem de olhar a gente... Só ela é que não passa, Primo Argemiro!... E eu já estou cansado de procurar, no meio das outras... Não vem!... Foi, rio abaixo, com o outro... Foram p'r'os infernos!...
- Não foi, Primo Ribeiro. Não foram pelo rio... Foi trem-de-ferro que levou...
- Não foi no rio, eu sei... **No rio ninguém não anda... Só a maleita\* é quem sobe e desce**, olhando seus mosquitinhos e pondo neles a benção... Mas, na estória... Como é mesmo a estória, Primo? Como é?...
- O senhor bem que sabe, Primo... Tem paciência, que não é bom variar...
- Mas, a estória, Primo!... Como é?... Conta outra vez...
- **O senhor já sabe as palavras todas de cabeça...** "Foi o moço-bonito que apareceu, vestido com roupa de dia-de-domingo **e com a viola enfeitada de fitas**... E chamou a moça p'ra ir se fugir com ele"...
- Espera, Primo, elas estão passando... Vão umas atrás das outras... Cada qual mais bonita... Mas eu não quero, nenhuma!... Quero só ela... Luísa...
- Prima Luísa...
- Espera um pouco, deixa ver se eu vejo... Me ajuda, Primo! Me ajuda a ver...
- Não é nada, Primo Ribeiro... Deixa disso!
- Não é mesmo não...
- Pois então?!
- Conta o resto da estória!...
- ..."Então, a moça, que não sabia que o moço-bonito era o capeta, **ajuntou suas roupinhas melhores numa trouxa**, e foi com ele na canoa, descendo o rio..."

Guimarães Rosa, Sagarana.

\*maleita: malária





### 16. (FUVEST/2018 - adaptada)

No texto de Sarapalha, constitui exemplo de personificação o seguinte trecho:

- a) "No rio ninguém não anda".
- b) "só a maleita é quem sobe e desce".
- c) "O senhor já sabe as palavras todas de cabeça".
- d) "e com a viola enfeitada de fitas".
- e) "ajuntou suas roupinhas melhores numa trouxa".

### 17. (FUVEST/2018)

Tendo como base o trecho "só a maleita é quem sobe e desce, olhando seus mosquitinhos e pondo neles a benção...", o termo em destaque foi empregado ironicamente por aludir ao inseto

- a) causador da malária.
- b) causador da febre amarela.
- c) transmissor da doença de Chagas.
- d) transmissor da malária.
- e) transmissor da febre amarela.

### 18. (FUVEST/2017)

## CAPÍTULO LIII

.....

Virgília é que já se não lembrava da meia dobra; toda ela estava concentrada em mim, nos meus olhos, na minha vida, no meu pensamento;—era o que dizia, e era verdade. Há umas plantas que nascem e crescem depressa; outras são tardias e pecas. O nosso amor era daquelas; brotou com tal ímpeto e tanta seiva, que, dentro em pouco, era a mais vasta, folhuda e exuberante criatura dos bosques. Não lhes poderei dizer, ao certo, os dias que durou esse crescimento. Lembra-me, sim, que, em certa noite, abotoou-se a flor, ou o beijo, se assim lhe quiserem chamar, um beijo que ela me deu, trêmula,—coitadinha,—trêmula de medo, porque era ao portão da chácara. Uniu-nos esse beijo único, — breve como a ocasião, ardente como o amor, prólogo de uma vida de delícias, de terrores, de remorsos, de prazeres que rematavam em dor, de aflições que desabrochavam em alegria,— uma hipocrisia paciente e sistemática, único freio de uma paixão sem freio,—vida de agitações, de cóleras, de desesperos e de ciúmes, que uma hora pagava à farta e de sobra; mas outra hora vinha e engolia aquela, como tudo mais, para deixar à tona as agitações e o resto, e o resto do resto, que é o fastio e a saciedade: tal foi o livro daquele prólogo.

Machado de Assis, **Memórias póstumas de Brás Cubas**.

Dentre os recursos expressivos empregados no texto, tem papel preponderante a

- a) metonímia (uso de uma palavra fora do seu contexto semântico normal, com base na relação de contiguidade existente entre ela e o referente).
- b) hipérbole (ênfase expressiva resultante do exagero da significação linguística).
- c) alegoria (sequência de metáforas logicamente ordenadas).
- d) sinestesia (associação de palavras ou expressões em que ocorre combinação de sensações diferentes numa só impressão).
- e) prosopopeia (atribuição de sentimentos humanos ou de palavras a seres inanimados ou a animais).



Texto para as questões 19 e 20.

Leia a crônica “Anúncio de João Alves”, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), publicada originalmente em 1954.

Figura o anúncio em um jornal que o amigo me mandou, e está assim redigido:

*À procura de uma besta.* – A partir de 6 de outubro do ano cadente, sumiu-me uma besta vermelho-escura com os seguintes característicos: calçada e ferrada de todos os membros locomotores, um pequeno quisto na base da orelha direita e crina dividida em duas seções em consequência de um golpe, cuja extensão pode alcançar de quatro a seis centímetros, produzido por jumento.

Essa besta, muito domiciliada nas cercanias deste comércio, é muito mansa e boa de sela, e tudo me induz ao cálculo de que foi roubada, assim que não são falhas todas as indagações.

Quem, pois, apreendê-la em qualquer parte e a fizer entregue aqui ou pelo menos notícia exata ministrar, será razoavelmente remunerado. Itambé do Mato Dentro, 19 de novembro de 1899. (a) *João Alves Júnior*.

Cinquenta e cinco anos depois, prezado João Alves Júnior, tua besta vermelho-escura, mesmo que tenha aparecido, já é pó no pó. E tu mesmo, se não estou enganado, repousas suavemente no pequeno cemitério de Itambé. Mas teu anúncio continua um modelo no gênero, se não para ser imitado, ao menos como objeto de admiração literária.

Reparo antes de tudo na limpeza de tua linguagem. Não escreveste apressada e toscamente, como seria de esperar de tua condição rural. Pressa, não a tiveste, pois o animal desapareceu a 6 de outubro, e só a 19 de novembro recorreste à *Cidade de Itabira*. Antes, procedeste a indagações. Falharam. Formulaste depois um raciocínio: houve roubo. Só então pagaste da pena, e traçaste um belo e nítido retrato da besta.

Não disseste que todos os seus cascos estavam ferrados; preferiste dizê-lo “de todos os seus membros locomotores”. Nem esqueceste esse pequeno quisto na orelha e essa divisão da crina em duas seções, que teu zelo naturalista e histórico atribuiu com segurança a um jumento.

Por ser “muito domiciliada nas cercanias deste comércio”, isto é, do povoado e sua feirinha semanal, inferiste que não teria fugido, mas antes foi roubada. Contudo, não o afirmas em tom peremptório: “tudo me induz a esse cálculo”. Revelas aí a prudência mineira, que não avança (ou não avançava) aquilo que não seja a evidência mesma. É cálculo, raciocínio, operação mental e desapaixonada como qualquer outra, e não denúncia formal.

Finalmente – deixando de lado outras excelências de tua prosa útil – a declaração final: quem a apreender ou pelo menos “notícia exata ministrar”, será “razoavelmente remunerado”. Não prometes recompensa tentadora; não fazes praça de generosidade ou largueza; acenas com o razoável, com a justa medida das coisas, que deve prevalecer mesmo no caso de bestas perdidas e entregues.

Já é muito tarde para sairmos à procura de tua besta, meu caro João Alves do Itambé; entretanto essa criação volta a existir, porque soubeste descrevê-la com decoro e propriedade, num dia remoto, e o jornal a guardou e alguém hoje a descobre, e muitos outros são informados da ocorrência. Se lesses os anúncios de objetos e animais perdidos, na imprensa de hoje, ficarias triste. Já não há essa precisão de termos e essa graça no dizer, nem essa moderação nem essa atitude crítica. Não há, sobretudo, esse amor à tarefa bem-feita, que se pode manifestar até mesmo num anúncio de besta sumida.

(Fala, amendoeira, 2012.)



### 19. (UNESP/2017)

O humor presente na crônica decorre, entre outros fatores, do fato de o cronista

- a) debruçar-se sobre um antigo anúncio de besta desaparecida.
- b) esforçar-se por ocultar a condição rural do autor do anúncio.
- c) duvidar de que o autor do anúncio seja mesmo João Alves.
- d) empregar o termo “besta” em sentido também metafórico.
- e) acreditar na possibilidade de se recuperar a besta de João Alves.

### 20. (UNESP/2017)

Está empregado em sentido figurado o termo destacado no seguinte trecho:

- a) “Formulaste depois um **raciocínio**: houve roubo.” (3º parágrafo)
- b) “Reparo antes de tudo na limpeza de tua **linguagem**.” (3º parágrafo)
- c) “Reparo antes de tudo na **limpeza** de tua linguagem.” (3º parágrafo)
- d) “Não disseste que todos os seus **cascos** estavam ferrados;” (4º parágrafo)
- e) “Não disseste que todos os seus cascos estavam **ferrados**;” (4º parágrafo)

### 21. (FGV/2017)

#### O país tenta se recompor

No Brasil, que enfrenta uma das piores recessões de sua história, a cada novo dado econômico que é divulgado, a questão que se coloca é a mesma: melhoramos ou continuamos a piorar? No final de agosto, os indicadores de desempenho do produto interno bruto do segundo trimestre apontaram uma retração de 0,6%, totalizando assim seis semestres consecutivos no vermelho. Da mesma forma, o último balanço do mercado de trabalho mostrou que o desemprego continua a se encorpar. Conclusão: pioramos. Já o índice que mede a produção industrial registrou em julho a quinta alta consecutiva. Para quem observa o mercado financeiro, com a recente sequência de altas da Bovespa e a valorização do real, a mensagem é de volta da confiança. Nova conclusão: estamos melhorando. A profusão de dados pintando um cenário contraditório apenas confirma que a retomada – por mais que seja desejada – tende a ser difícil e lenta. O que vai ficando claro é que, enquanto grande parte da economia brasileira ainda contabiliza seus mortos, outra parcela – menor, é verdade – começa a se recompor. Trata-se de uma reorganização que, motivada pela crise, deverá redesenhar setores inteiros, determinar novos líderes de mercado e, no longo prazo, tornar a economia brasileira mais competitiva.

(Fabiane Stefano e Flávia Furlan. *Exame*, 14.09.2016. Adaptado)

Há linguagem figurada no trecho

- a) “melhoramos ou continuamos a piorar?”, em que o paradoxo evidencia a falta de perspectiva para a economia brasileira.
- b) “seis semestres consecutivos no vermelho”, em que “vermelho” constitui uma hipérbole que aponta o exagero da queda do PIB.
- c) “pintando um cenário contraditório”, em que o verbo traz uma ironia por meio da qual se questiona a real existência da crise.
- d) “grande parte da economia brasileira ainda contabiliza seus mortos”, em que se personificam os elementos da economia.
- e) “deverá redesenhar setores inteiros”, em que a locução verbal sugere uma ação utópica, considerada a argumentação das autoras.



## 22. (FUVEST/2016)

Examine este cartum.



Robert Mankoff, New Yorker/Veja.

Para obter o efeito de humor presente no cartum, o autor se vale, entre outros, do seguinte recurso:

- a) utilização paródica de um provérbio de uso corrente.
- b) emprego de linguagem formal em circunstâncias informais.
- c) representação inverossímil de um convívio pacífico de cães e gatos.
- d) uso do grotesco na caracterização de seres humanos e de animais.
- e) inversão do sentido de um pensamento bastante repetido.

## 23. (UNIFESP/2016)

Leia o trecho inicial de um artigo do livro *Bilhões e bilhões* do astrônomo e divulgador científico Carl Sagan (1934-1996).

### O tabuleiro de xadrez persa

Segundo o modo como ouvi pela primeira vez a história, aconteceu na Pérsia antiga. Mas podia ter sido na Índia ou até na China. De qualquer forma, aconteceu há muito tempo. O grão-vizir, o principal conselheiro do rei, tinha inventado um novo jogo. Era jogado com peças móveis sobre um tabuleiro quadrado que consistia em 64 quadrados vermelhos e pretos. A peça mais importante era o rei. A segunda peça mais importante era o grão-vizir – exatamente o que se esperaria de um jogo inventado por um grão-vizir. O objetivo era capturar o rei inimigo e, por isso, o jogo era chamado, em persa, shahmat – shah para rei, mat para morto. Morte ao rei. Em russo, é ainda chamado shakhmat. Expressão que talvez transmita um remanescente sentimento revolucionário. Até em inglês, há um eco desse nome – o lance final é chamado checkmate (xeque-mate). O jogo, claro, é o xadrez. Ao longo do tempo, as peças, seus movimentos, as regras do jogo, tudo evoluiu. Por exemplo, já não existe um grão-vizir – que se metamorfoseou numa rainha, com poderes muito mais terríveis.

A razão de um rei se deliciar com a invenção de um jogo chamado “Morte ao rei” é um mistério. Mas reza a história que ele ficou tão encantado que mandou o grão-vizir determinar sua própria recompensa por ter criado uma invenção tão magnífica. O grão-vizir tinha a resposta na ponta da língua: era um homem modesto, disse ao xá. Desejava apenas uma recompensa simples. Apontando as oito colunas e as oito filas de quadrados no tabuleiro que tinha inventado, pediu que lhe fosse dado um único grão de trigo no primeiro quadrado, o dobro dessa quantia no segundo, o dobro dessa quantia no terceiro e assim por diante, até



que cada quadrado tivesse o seu complemento de trigo. Não, protestou o rei, era uma recompensa demasiado modesta para uma invenção tão importante. Ofereceu joias, dançarinas, palácios. Mas o grão-vizir, com os olhos apropriadamente baixos, recusou todas as ofertas. Só desejava pequenos montes de trigo. Assim, admirando-se secretamente da humildade e comedimento de seu conselheiro, o rei consentiu.

No entanto, quando o mestre do Celeiro Real começou a contar os grãos, o rei se viu diante de uma surpresa desagradável. O número de grãos começa bem pequeno: 1, 2, 4, 8, 16, 32, 64, 128, 256, 512, 1024... mas quando se chega ao 64o quadrado, o número se torna colossal, esmagador. Na realidade, o número é quase 18,5 quintilhões\*. Talvez o grão-vizir estivesse fazendo uma dieta rica em fibras.

Quanto pesam 18,5 quintilhões de grãos de trigo? Se cada grão tivesse o tamanho de um milímetro, todos os grãos juntos pesariam cerca de 75 bilhões de toneladas métricas, o que é muito mais do que poderia ser armazenado nos celeiros do xá. Na verdade, esse número equivale a cerca de 150 anos da produção de trigo mundial no presente. O relato do que aconteceu a seguir não chegou até nós. Se o rei, inadimplente, culpando-se pela falta de atenção nos seus estudos de aritmética, entregou o reino ao vizir, ou se o último experimentou as aflições de um novo jogo chamado vizirmat, não temos o privilégio de saber.

\*1 quintilhão = 1 000 000 000 000 000 000 = 10<sup>18</sup>. Para se contar esse número a partir de 0 (um número por segundo, dia e noite), seriam necessários 32 bilhões de anos (mais tempo do que a idade do universo).

(Carl Sagan. Bilhões e bilhões, 2008. Adaptado.)

No artigo, o recurso à ironia está bem exemplificado em:

- a) "O relato do que aconteceu a seguir não chegou até nós." (4º parágrafo)
- b) "Quanto pesam 18,5 quintilhões de grãos de trigo?" (4º parágrafo)
- c) "Ao longo do tempo, as peças, seus movimentos, as regras do jogo, tudo evoluiu." (1º parágrafo)
- d) "Segundo o modo como ouvi pela primeira vez a história, aconteceu na Pérsia antiga." (1º parágrafo)
- e) "Talvez o grão-vizir estivesse fazendo uma dieta rica em fibras." (3º parágrafo)

## 24. (UNIFESP/2016)

Leia o soneto do poeta Luís Vaz de Camões (1525?-1580).

Sete anos de pastor Jacob servia  
Labão, pai de Raquel, serrana bela;  
mas não servia ao pai, servia a ela,  
e a ela só por prêmio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,  
passava, contentando-se com vê-la;  
porém o pai, usando de cautela,  
em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos  
lhe fora assi negada a sua pastora,  
como se a não tivera merecida,





começa de servir outros sete anos,  
dizendo: “Mais servira, se não fora  
para tão longo amor tão curta a vida”.

(Luís Vaz de Camões. *Sonetos*, 2001.)

Uma das principais figuras exploradas por Camões em sua poesia é a antítese. Neste soneto, tal figura ocorre no verso:

- a) “mas não servia ao pai, servia a ela,”
- b) “passava, contentando-se com vê-la;”
- c) “para tão longo amor tão curta a vida.”
- d) “porém o pai, usando de cautela,”
- e) “lhe fora assi negada a sua pastora,”

## 25. (UNESP/2016)

Leia o trecho inicial de um poema de Álvaro de Campos, heterônimo do escritor Fernando Pessoa (1888-1935).

Esta velha angústia,  
Esta angústia que trago há séculos em  
mim,  
Transbordou da vasilha,  
Em lágrimas, em grandes imaginações,  
Em sonhos em estilo de pesadelo sem  
terror,  
Em grandes emoções súbitas sem sentido  
nenhum.

Transbordou.  
Mal sei como conduzir-me na vida  
Com este mal-estar a fazer-me pregas na  
alma!  
Se ao menos endoidecesse deveras!  
Mas não: é este estar entre,  
Este quase,  
Este poder ser que...,  
Isto.

Um internado num manicômio é, ao  
menos, alguém,

Eu sou um internado num manicômio sem  
manicômio.  
Estou doido a frio,  
Estou lúcido e louco,  
Estou alheio a tudo e igual a todos:  
Estou dormindo desperto com sonhos  
que são loucura  
Porque não são sonhos.  
Estou assim...

Pobre velha casa da minha infância  
perdida!  
Quem te diria que eu me desacolhesse  
tanto!  
Que é do teu menino? Está maluco.  
Que é de quem dormia sossegado sob o  
teu teto provinciano?  
Está maluco.  
Quem de quem fui? Está maluco. Hoje é  
quem eu sou.

(*Obra poética*, 1965.)

A hipérbole é uma figura de palavra que consiste no exagero verbal (para efeito expressivo):  
“já disse mil vezes”, “correram mares de sangue”.

(Celso Pedro Luft. *Abc da língua culta*, 2010. Adaptado.)

Verifica-se a ocorrência de hipérbole no seguinte verso:

- a) “Eu sou um internado num manicômio sem manicômio.” (3ª estrofe)
- b) “Mal sei como conduzir-me na vida” (2ª estrofe)
- c) “Em grandes emoções súbitas sem sentido nenhum.” (1ª estrofe)
- d) “Se ao menos endoidecesse deveras!” (2ª estrofe)
- e) “Esta angústia que trago há séculos em mim,” (1ª estrofe)





## 26. (IBMEC/2016)



Disponível em: <http://www.bocamaldita.com/wp-content/uploads/2015/06/NaniIdeologias.jpg>. Acesso em 02/09/2015

Nessa charge, o recurso utilizado para produzir humor é a

- linguagem *nonsense*, apresentando sentidos inconsistentes para as palavras “esquerda” e “direita”.
- metaforização do termo “direita”, indicando a inquietação existencial do personagem.
- polissemia das palavras “esquerda” e “direita”, com acepções associadas a diferentes campos semânticos.
- metalinguagem, traduzindo e revelando os sentidos implícitos do termo “esquerda”.
- repetição do termo “direita” como forma de denunciar a opressão política.

## 27. (FUVEST/2015)

Capítulo CVII

### Bilhete

“Não houve nada, mas ele suspeita alguma coisa; está muito sério e não fala; agora saiu. Sorriu uma vez somente, para Nhonhô, depois de o fitar muito tempo, carrancudo. Não me tratou mal nem bem. Não sei o que vai acontecer; Deus queira que isto passe. Muita cautela, por ora, muita cautela.”

Capítulo CVIII

### Que se não entende

Eis aí o drama, eis aí a ponta da orelha trágica de Shakespeare. Esse retalhinho de papel, garatujado em partes, machucado das mãos, era um documento de análise, que eu não farei neste capítulo, nem no outro, nem talvez em todo o resto do livro. Poderia eu tirar ao leitor o gosto de notar por si mesmo a frieza, a perspicácia e o ânimo dessas poucas linhas traçadas à pressa; e por trás delas a tempestade de outro cérebro, a raiva dissimulada, o desespero que se constrange e medita, porque tem de resolver-se na lama, ou no sangue, ou nas lágrimas?

Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Ao comentar o bilhete de Virgília, o narrador se vale, principalmente, do seguinte recurso retórico:

- Hipérbato: transposição ou inversão da ordem natural das palavras de uma oração, para efeito estilístico.
- Hipérbole: ênfase expressiva resultante do exagero da significação linguística.



- c) Preterição: figura pela qual se finge não querer falar de coisas sobre as quais se está, todavia, falando.
- d) Sinédoque: figura que consiste em tomar a parte pelo todo, o todo pela parte; o gênero pela espécie, a espécie pelo gênero; o singular pelo plural, o plural pelo singular etc.
- e) Eufemismo: palavra, locução ou acepção mais agradável, empregada em lugar de outra menos agradável ou grosseira.

## 28. (FGV/2015)

### Argumento (Paulinho da Viola)

Tá legal

Eu aceito o argumento

Mas não me altere o samba tanto assim

Olha que a rapaziada está sentindo a falta

De um cavaco, de um pandeiro

Ou de um tamborim.

Sem preconceito

Ou mania de passado

Sem querer ficar do lado

De quem não quer navegar

Faça como um velho marinheiro

Que durante o nevoeiro

Leva o barco devagar.

Ao empregar, na letra da canção, o verbo “navegar” em sentido metafórico e desdobrar esse sentido nos versos seguintes, o compositor recorre ao seguinte recurso expressivo:

- a) alegoria.
- b) personificação.
- c) hipérbole.
- d) eufemismo.
- e) pleonismo.

## 29. (FGV/2015)

### Sem aspas na língua

De início, o que me incomodava era o peso desproporcional que as aspas dão à palavra. Se escrevo mouse pad, por exemplo, suscito em seu pensamento apenas o quadradinho discreto que vive ao lado do teclado, objeto não mais notável na economia do cotidiano do que as dobradiças da janela ou o porta-escova de dentes. Já "mouse pad" parece grafado em neon, brilha diante de seus olhos como o luminoso de uma lanchonete americana. Desequilibra.

Tá legal, eu aceito o argumento: não se pode exigir do leitor que saiba outra língua além do português. Se encasqueto em ornar meu texto com "dramblys" ou "haveloos" - termos em lituano e holandês para elefante e mulambento, respectivamente -, as aspas surgem para acalmar quem me lê, como se dissessem: "Queridão, os termos discriminados são coisa doutras terras e doutra gente, nada que você devesse conhecer".



Pois é essa discriminação o que, agora sei, mais me incomoda. Vejo por trás das aspas uma pontinha de xenofobia, como se para circular entre nós a palavra estrangeira precisasse andar com o passaporte aberto, mostrando o carimbo na entrada e na saída.

Ora, por quê? Será que "blackberries" rolando livremente por nossa terra poderiam frutificar e, como ervas daninhas, roubar os nutrientes da graviola, da mangaba e do cajá? "Samplers", sem as barrinhas duplas de proteção, acabariam poluindo o português com "beats" exógenos, condenando-o a uma versão "remix"? Caso recebêssemos "blowjobs" sem o supracitado preservativo gráfico, doenças venéreas se espalhariam por nosso exposto vernáculo?

Bobagem, pessoal. Livremos as nossas frases desses arames farpados, desses cacos de vidro. A língua é viva: quanto mais línguas tocar, mais sabores irá provar e experiências poderá acumular.

Antônio Prata, *Folha de S. Paulo*, 22/05/2013. Adaptado.

Para caracterizar as aspas indesejadas, o autor se vale de imagens depreciativas, as quais constituem exemplos de

- a) personificação.
- b) eufemismo.
- c) comparação.
- d) metáfora.
- e) sinestesia.

### 30. (IBMEC/2015)

#### Sintaxe à vontade

Sem horas e sem dores,  
Respeitável público pagão,  
Bem-vindos ao teatro mágico.

A partir de sempre  
Toda cura pertence a nós.  
Toda resposta e dúvida.  
Todo sujeito é livre para conjugar o verbo  
que quiser,  
Todo verbo é livre para ser direto ou  
indireto.  
Nenhum predicado será prejudicado,  
Nem tampouco a frase, nem a crase, nem  
a vírgula e ponto final!  
Afinal, a má gramática da vida nos põe  
entre pausas, entre vírgulas,  
E estar entre vírgulas pode ser apostrofo,  
E eu apostrofo o oposto: que vou cativar a  
todos,  
Sendo apenas um sujeito simples.  
Um sujeito e sua oração,  
Sua pressa, e sua verdade, sua fé,

Que a regência da paz sirva a todos nós.  
Cegos ou não,

Que enxerguemos o fato  
De termos acessórios para nossa oração.  
Separados ou adjuntos, nominais ou não,  
Façamos parte do contexto da crônica  
E de todas as capas de edição especial.  
Sejamos também o anúncio da  
contracapa,  
Pois ser a capa e ser contra a capa  
É a beleza da contradição.  
É negar a si mesmo.  
E negar a si mesmo é muitas vezes  
Encontrar-se com Deus.  
Com o teu Deus.

Sem horas e sem dores,  
Que nesse momento que cada um se  
encontra aqui e agora,  
Um possa se encontrar no outro,  
E o outro no um...  
Até por que, tem horas que a gente se  
pergunta:  
Por que é que não se junta  
Tudo numa coisa só?

(O Teatro Mágico)



Em “nenhum predicado será prejudicado” e “E eu aposto o oposto”, destaca-se, no plano sonoro, a presença de trocadilhos que caracterizam uma figura de linguagem chamada de

- a) paronomásia
- b) assonância
- c) sinestesia
- d) onomatopeia
- e) perífrase

### 31. (FUVEST/2014)

Revelação do subúrbio

Quando vou para Minas, gosto de ficar de pé, contra a  
[vidraça do carro\*,

vendo o subúrbio passar.

O subúrbio todo se condensa para ser visto depressa,  
com medo de não repararmos suficientemente  
em suas luzes que mal têm tempo de brilhar.

A noite come o subúrbio e logo o devolve,  
ele reage, luta, se esforça,

até que vem o campo onde pela manhã repontam laranjais  
e à noite só existe a tristeza do Brasil.

Carlos Drummond de Andrade, *Sentimento do mundo*, 1940.

(\*) carro: vagão ferroviário para passageiros.

Para a caracterização do subúrbio, o poeta lança mão, principalmente, da(o)

- a) personificação.
- b) paradoxo.
- c) eufemismo.
- d) sinestesia.
- e) silepse.

### 32. (IBMEC/2014)

#### Lentes da história

O que aconteceu com o sonho do fim da segregação racial que, há 50 anos, Martin Luther King anunciava para 250 mil pessoas na Marcha sobre Washington? Ele está perto de materializar-se ou continua uma esperança para o futuro?

A resposta depende dos óculos que vestimos. Se apanharmos a lente dos séculos e milênios, a "longue durée" de que falam os historiadores, há motivos para regozijo. A instituição da escravidão, especialmente cruel com os negros, foi abolida de todas as legislações do planeta. É verdade que, na Maurítânia, isso ocorreu apenas em 1981, mas o fato é que essa chaga que acompanhava a humanidade desde o surgimento da agricultura, 11 mil anos atrás, se tornou universalmente ilegal.

Apenas 50 anos atrás, vários Estados americanos tinham leis (Jim Crow laws) que proibiam negros até de frequentar os mesmos espaços que brancos. Na África do Sul, a

segregação "de jure" chegou até os anos 90. Hoje, disposições dessa natureza são não só impensáveis como despertam vívida repulsa moral.

Em 2008, numa espécie de clímax, o negro Barack Obama foi eleito presidente dos EUA, o que levou alguns analistas a falar em era pós-racial.

Basta, porém, apanhar a lente das décadas e passear pelos principais indicadores demográficos para verificar que eles ainda carregam as marcas do racismo. Negros continuam significativamente mais pobres e menos instruídos que a média do país. São mandados para a cadeia num ritmo seis vezes maior que o dos brancos. As Jim Crow laws foram declaradas nulas, mas alguns Estados mantêm regras que, na prática, reduzem a participação de negros em eleições.

É um caso clássico de copo meio cheio e meio vazio. Do ponto de vista da "longue durée", estamos bem. Dá até para acreditar em progresso moral da humanidade. Só que não vivemos na escala dos milênios, mas na das décadas, na qual a segregação teima em continuar existindo.

(Hélio Schwartzman, *Folha de S. Paulo*, 28/08/2013)

Para reforçar seu ponto de vista acerca do tema abordado em seu artigo, o jornalista emprega a linguagem conotativa como estratégia persuasiva. Em *"A resposta depende dos óculos que vestimos"*, o autor recorre à/ao:

- a) antítese
- b) eufemismo
- c) aliteração
- d) metáfora
- e) paradoxo

### 33. (INSPER/2014)

Há pleonasmos e pleonasmos. Uns têm a força expressiva que os torna em figuras de linguagem, outros não passam de redundâncias, apêndices desnecessários ao discurso. Estes costumam causar enfado no leitor, que os sente como "obviedades".

(Thaís Nicoleti, <http://educacao.uol.com.br/dicas-portugues/descobrir-o-desconhecido.jhtm>)

Assinale a alternativa que apresenta um exemplo de pleonasma cuja força expressiva cria um efeito estilístico.

- a) "Há um consenso geral de que o problema da bioenergia no Brasil se resume à logística." (*Folha de S. Paulo*, 06/07/2007)
- b) "Qual o impacto distributivo de tudo isso? É um ótimo tema para encarar de frente" (*O Estado de S. Paulo*, 13/04/2014)
- c) "A não ser que tenha certeza absoluta, fuja do presente prático." (Walcyr Carrasco)
- d) "Sorriu para Holanda um sorriso ainda marcado de pavor." (Viana Moog)
- e) "Prefeitura doa terrenos para atrair investimentos e criar novos empregos" (<http://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/paranatv>)



### 34. (INSPER/2014)



(Folha de S. Paulo, 13/07/13)

O humor da tirinha constrói-se por meio da

- a) ambiguidade.
- b) paródia.
- c) metalinguagem.
- d) ironia.
- e) inversão de papéis.

### 35. (INSPER/2015)

**BOLA NAS COSTAS** - Levar uma bola nas costas significa ser traído ou ser surpreendido por uma atitude vinda de alguém que merecia sua confiança. Por falar nisso, conta-se que o famoso dicionarista Charles Webster certo dia foi flagrado pela esposa com a secretária no colo. Deu-se então o seguinte diálogo, com viés bem britânico:

- Estou surpresa com sua atitude, meu caro.
- Surpreso estou eu, você deve estar é surpreendida.

Pano rápido, o exigente dicionarista mais que depressa encerrou o assunto.

(Cotrim, Márcio. "Berço da palavra". *Revista Língua*, março/2015, p. 62)

O verbete apresenta um tom bem-humorado, visto que

- a) é composto por uma definição e uma ilustração que não apresentam relação de coerência entre si.
- b) o autor inventa um significado para a expressão "bola nas costas", a qual é específica do jargão esportivo.
- c) ilustra a definição da expressão por meio de um episódio em que o personagem usa a precisão linguística como subterfúgio.
- d) expõe a situação ridícula a que uma pessoa pode se sujeitar com o intuito de preservar um casamento.
- e) a definição é ilustrada com um episódio em que o traidor tenta assumir o papel de vítima por meio de um jogo de palavras.





### 36. (IBMEC/2014)



(<http://deposito-de-tirinhas.tumblr.com/tagged/Garfield/page/6>)

Para identificar o efeito de humor dessa tirinha, o leitor deve perceber que

- a) o caráter polissêmico do termo “único” transforma o elogio em uma crítica.
- b) a antítese criada pela dupla ocorrência do termo “único” é responsável pela quebra de expectativa.
- c) na fala do gato, o termo “único” assume um tom de reverência à singularidade de seu dono.
- d) a repetição do termo “único” revela que Garfield imita seu dono com a intenção de irritá-lo.
- e) na segunda ocorrência, o termo “único” expressa a tentativa frustrada de Garfield consolar seu dono.

### 37. (UNIFESP/2013)



([www.iturrusgarai.com.br](http://www.iturrusgarai.com.br))

O efeito de humor da tira advém, dentre outros fatores, da

- a) ironia, verificada na fala da personagem como intenção clara de afirmar o contrário daquilo que está dizendo.
- b) paronomásia, verificada pelo emprego de palavras parecidas na escrita e na pronúncia, à moda de um trocadilho.
- c) metáfora, verificada pelo emprego de termos que podem se cambiar como formas sinônimas no enunciado.
- d) metonímia, verificada pelo emprego de uma palavra em lugar de outra por uma relação de contiguidade.
- e) onomatopeia, verificada pelo recurso à sonoridade das palavras, que atribui outros sentidos ao enunciado.





### 38. (FGV/2013)

Leia a charge.



(www.chargeonline.com.br)

A fala da mulher concorre para o efeito de humor da charge, pois contém palavra empregada em sentido ambíguo. Trata-se do termo

- NEVES, que pode referir-se a um nome de pessoa ou ao plural de "neve".
- NEVE, que pode ser um substantivo simples, precipitação de gelo, ou um substantivo próprio, marca de papel higiênico.
- TÁ, que pode ser o verbo auxiliar da frase ou uma expressão coloquial usada para confirmar uma ideia.
- CAINDO, que pode significar precipitação de gelo ou tombo.
- TÁ, que pode indicar consentimento e aprovação ou expressar impaciência da personagem com seu companheiro.

### 39. (UFPR/2010)

- Os economistas são entendidos em mercado financeiro.
- Os economistas descreveram os efeitos dos juros.
- Os juros são altos.
- Todos os efeitos são arrasadores.

Assinale a alternativa em que as informações acima foram reunidas adequadamente e sem ambiguidade.

- Os economistas que são entendidos em mercado financeiro descreveram os efeitos dos juros altos, que são arrasadores.
- Os economistas entendidos em mercado financeiro descreveram os efeitos que são arrasadores dos altos juros.
- Entendidos em mercado financeiro, os economistas descreveram os efeitos dos altos juros que são arrasadores.
- Em relação aos juros altos, os economistas, entendidos em mercado financeiros, descreveram os efeitos que são arrasadores.
- Os economistas, que são entendidos em mercado financeiro, descreveram os efeitos, arrasadores, dos juros, que são altos.



#### 40. (FUVEST/1997)

Assinale a única frase em que a ordem de colocação das palavras NÃO produz ambiguidade.

- a) Rossi pede ao STF processo por calúnia contra Motta.
- b) É só colocar as moedas, girar a manivela e ter a escova já com pasta embalada nas mãos.
- c) Casal procura filho sequestrado via Internet.
- d) Câmara torna crime porte ilegal de armas.
- e) Regressou a Brasília depois de uma cirurgia cardíaca com cerimonial de chefe de Estado.

#### 41. (UFPR/2018)

**Considere o verbo grifado na seguinte frase extraída do texto: “Uma sociedade pautada apenas pelo ideal de justiça soçobria”.**

**Um dos objetivos de um dicionário é esclarecer o significado das palavras, apresentando as acepções de um vocábulo indo do literal para o metafórico. No caso dos verbos, há também informações sobre a regência.**

**Entre as acepções para o verbo grifado acima, adaptadas do *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa* (Rio de Janeiro: ed. Objetiva, 2001), assinale a que corresponde ao uso no texto.**

- a) *t.d.* revolver de cima para baixo e vice-versa; inverter, revirar <o ciclone soçobrou o que encontrou no caminho>.
- b) *t.d/int.* emborcar, virar (geralmente uma embarcação) e ir a pique, naufragar ou fazer naufragar; afundar(-se), submergir (-se) <temiam que a tempestade os soçobrasse> <a embarcação soçobrou>.
- c) *t.d/int.* por metáfora: reduzir(-se) a nada; acabar (com), aniquilar(-se) <com tanta dissipação, sua fortuna soçobrou>.
- d) *t.d.* e *pron.* por metáfora: tornar-se desvairado; agitar-se, perturbar-se <soçobrou-se ante a negativa dela>.
- e) *pron.* por metáfora: perder a coragem, o ânimo; desanimar, esmorecer, acovardar-se <soçobrar-se não é próprio dele>.

#### 42. (UFPR/2015)

##### Marcha a ré

Um grupo de ativistas promoverá neste sábado, em São Paulo e em outras 200 cidades, a "Marcha da Família com Deus", para fazer frente a um "golpe comunista marcado para este ano" – a ser dado, segundo eles, pelo PT e seus aliados. A passeata será uma reedição da "Marcha da Família com Deus pela Liberdade", que, no dia 19 de março de 1964, protestou contra a "ameaça comunista" e contribuiu para a queda do presidente João Goulart.

É difícil imaginar um "golpe comunista" em que os aliados são Sarney, Collor, Maluf, Renan Calheiros e outros. Mas, quando se trata dessa turma, tudo é possível. A exemplo de 1964, os ativistas vão conclamar os militares a tomar o poder, fechar os partidos, varrer a subversão e a corrupção e, com tudo saneado, nos devolver o país – ou o que sobrar dele.

Pessoalmente, acho a pauta até modesta. Eu pediria também a volta de Claudia Cardinale, Stefania Sandrelli e Vera Vianna. Dos cigarros Luiz XV e Mistura Fina e dos fósforos marca Olho. Da cuba-libre, do hi-fi e da vaca preta. Dos LPs do Tamba Trio, do Henry Mancini



e do Modern Jazz Quartet. Das cuecas samba-canção, ideais para um bate-coxa, e dos penteados femininos armados com Bom Bril. Do sexo à milanesa (de noite, na praia) e das corridas de submarino. Tudo isso era 1964.

Do "Correio da Manhã", do pente Flamengo e do concretismo. Da Gillette Mono Tech, da pasta d'água e da Coca-Cola como bronzeador. Do Toddy em lata, dos tróleibus e das bicicletas Monark com pneu balão. Da Parker 21, do papel almaço e da goma arábica. Dos currículos com latim, francês e canto orfeônico. Tudo isso também era 1964.

Já os militares que a "Marcha" quer chamar de volta, não recomendo. Sob eles, a família se esgarçou, a liberdade acabou e, em pouco tempo, o próprio Deus saiu de fininho para não se comprometer.

Ruy Castro, [www.folha.uol.com.br](http://www.folha.uol.com.br), 19 de março de 2014.

**É correto afirmar que o tom geral que impera no texto pode ser resumido pela palavra**

- a) indiferença.
- b) metáfora.
- c) ironia.
- d) paródia.
- e) informação.

#### 43. (UFPR/2014)

**O autor usa algumas metáforas para se expressar. Qual delas poderia ser parafraseada pela metáfora "cobrir o sol com a peneira"?**

- a) Tem de *limpar as feridas para facilitar a cicatrização*.
- b) O *estopim* foram o aumento do ônibus e a reação truculenta da polícia.
- c) Não adianta *dourar a pílula*, na espera de um Brasil que nunca chega.
- d) *Na esteira* do protesto inicial, vieram as demandas concretas.
- e) Boa parte das manifestações se dá *por contágio*.

#### 44. (UFPR/2020)

Com base no texto de Eco, é correto afirmar:

- a) A oração "foi publicado em alguns jornais" (1ª linha) trata-se de uma oração sem sujeito.
- b) A expressão "*lectio magistralis*" (2ª linha) está destacada em itálico em virtude de seu emprego conotativo.
- c) A expressão "no curso de" (2ª linha) pode ser substituída pela preposição "durante", mantendo paralelismo semântico.
- d) O advérbio "viralmente" (penúltima linha) é uma figura de linguagem empregada para estabelecer um paradoxo.
- e) A oração "É falso" (3ª linha) deveria apresentar concordância nominal de gênero com o termo antecedente "história dos imbecis".

#### 45. (UFU/2018.2)

Fernanda é tudo que sobrou do que sempre me ensinaram. A sombra dos quarenta graus à sombra. Procurem os gestos no vocabulário, olhem Fernanda: estão todos lá. Sua vida é um palco iluminado. À direita as gambiarras do perfeccionismo. À esquerda os praticáveis do impossível. Em cima o urdimento geral de uma tentativa de enredo a ser refeita todas as noites, toda a vida. Atrás os bastidores, o mistério essencial. Embaixo, o porão, que torna viáveis os



mágicos e onde, faz tanto tempo!, se ocultava o ponto. Em frente o diálogo, que é uma fé, e comove montanhas.

Disponível em: <<https://goo.gl/ww4RDN>>. Acesso em: 01 abr. 2018.

Na seção *Retratos 3x4* de seu *site*, Millôr Fernandes escreve sobre alguns de seus amigos, dentre eles, a atriz Fernanda Montenegro.

Assinale o recurso em torno do qual o texto sobre a atriz foi construído.

- A) Eufemismo.
- B) Antítese.
- C) Metonímia.
- D) Metáfora.

## 4 Gabarito

1. E	16. B	31. A
2. D	17. D	32. D
3. E	18. C	33. D
4. A	19. A	34. B
5. E	20. C	35. C
6. A	21. D	36. A
7. A	22. E	37. B
8. D	23. E	38. B
9. A	24. C	39. E
10. B	25. E	40. D
11. C	26. C	41. C
12. C	27. C	42. C
13. E	28. A	43. C
14. C	29. D	44. C
15. D	30. A	45. D



## 5 Questões comentadas

### 1. (ITA/2017)

No poema de Maria Lúcia Alvim intitulado *Frasco de âmbar*, que possui uma atmosfera muito feminina,

#### **Frasco de âmbar**

À força de guardar-te  
evaporaste!

(Em: *Vivenda*. São Paulo: Duas Cidades, 1989.)

- I. a voz lírica expressa-se de modo sentimental – daí o ponto de exclamação – revelando forte afeto do “eu” em relação ao “tu”.
- II. a fala dirigida ao objeto contém um lamento pela sua perda, ocorrida apesar de todo o cuidado e apego que a ele foram dedicados.
- III. o teor metafórico do poema se reforça na associação estabelecida entre a volatilidade do perfume e o sentimento amoroso.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas I e II.
- c) apenas II.
- d) apenas II e III.
- e) todas.

#### **Comentários:**

O item I está correto. O eu lírico (também chamado de voz lírica) revela forte emoção. O poema fala sobre os sentimentos do eu lírico em relação ao interlocutor imaginado – expresso pelo “tu”.

O item II está correto. Por mais que a voz lírica tenha se esforçado para manter o objeto de seu afeto consigo, foi tudo em vão: ele a deixou. Pressupõe-se pelo título do poema que o objeto do afeto foi guardado num frasco, porém isso não evitou que ele evaporasse.

O item III está correto. Há uma metáfora implícita no poema que relaciona a pessoa amada ao perfume guardado em um frasco e o sentimento amoroso que se acabou ao caráter volátil do perfume.

**Gabarito: E**



## 2. (ITA/2016 adaptada)

(I. 1) Vou confessar um pecado: às vezes, faço maldades. Mas não faço por mal. Faço o que faziam os mestres zen com seus "koans". "Koans" eram rasteiras que os mestres passavam no pensamento dos discípulos. Eles sabiam que só se aprende o novo quando as certezas velhas caem. E acontece que eu gosto de passar rasteiras em certezas de jovens e de velhos...

(I. 5) Pois o que eu faço é o seguinte. Lá estão os jovens nos semáforos, de cabeças raspadas e caras pintadas, na maior alegria, celebrando o fato de haverem passado no vestibular. Estão pedindo dinheiro para a festa! Eu paro o carro, abro a janela e na maior seriedade digo: "Não vou dar dinheiro. Mas vou dar um conselho. Sou professor emérito da Unicamp. O conselho é este: salvem-se enquanto é tempo!". Aí o sinal fica verde e eu continuo.

(I. 10) "Mas que desmancha-prazeres você é!", vocês me dirão. É verdade. Desmancha-prazeres. Prazeres inocentes baseados no engano. Porque aquela alegria toda se deve precisamente a isto: eles estão enganados.

(I. 13) Estão alegres porque acreditam que a universidade é a chave do mundo. Acabaram de chegar ao último patamar. As celebrações têm o mesmo sentido que os eventos iniciáticos – nas culturas ditas primitivas, as provas a que têm de se submeter os jovens que passaram pela puberdade. Passadas as provas e os seus sofrimentos, os jovens deixaram de ser crianças. Agora são adultos, com todos os seus direitos e deveres. Podem assentar-se na roda dos homens. Assim como os nossos jovens agora podem dizer: "Deixei o cursinho. Estou na universidade".

(I.20) Houve um tempo em que as celebrações eram justas. Isso foi há muito tempo, quando eu era jovem. Naqueles tempos, um diploma universitário era garantia de trabalho. Os pais se davam como prontos para morrer quando uma destas coisas acontecia: 1) a filha se casava. Isso garantia o seu sustento pelo resto da vida; 2) a filha tirava o diploma de normalista. Isso garantiria o seu sustento caso não casasse; 3) o filho entrava para o Banco do Brasil; 4) o filho tirava diploma.

(I. 26) O diploma era mais que garantia de emprego. Era um atestado de nobreza. Quem tirava diploma não precisava trabalhar com as mãos, como os mecânicos, pedreiros e carpinteiros, que tinham mãos rudes e sujas.

(I. 29) Para provar para todo mundo que não trabalhavam com as mãos, os diplomados tratavam de pôr no dedo um anel com pedra colorida. Havia pedras para todas as profissões: médicos, advogados, músicos, engenheiros. Até os bispos tinham suas pedras.

(I. 32) (Ah! Ia me esquecendo: os pais também se davam como prontos para morrer quando o filho entrava 31 para o seminário para ser padre – aos 45 anos seria bispo – ou para o exército para ser oficial – aos 45 anos seria general.)

(I. 35) Essa ilusão continua a morar na cabeça dos pais e é introduzida na cabeça dos filhos desde pequenos. Profissão honrosa é profissão que tem diploma universitário. Profissão rendosa é a que tem diploma universitário. Cria-se, então, a fantasia de que as únicas opções de profissão são aquelas oferecidas pelas universidades.

(I. 39) Quando se pergunta a um jovem "O que é que você vai fazer?", o sentido dessa pergunta é "Quando você for preencher os formulários do vestibular, qual das opções oferecidas você vai escolher?". E as opções não oferecidas? Haverá alternativas de trabalho que não se encontram nos formulários de vestibular?





(l.43) Como todos os pais querem que seus filhos entrem na universidade e (quase) todos os jovens querem entrar na universidade, configura-se um mercado imenso, mas imenso mesmo, de pessoas desejosas de diplomas e prontas a pagar o preço. Enquanto houver jovens que não passam nos vestibulares das universidades do Estado, haverá mercado para a criação de universidades particulares. É um bom negócio.

(l. 48) Alegria na entrada. Tristeza ao sair. Forma-se, então, a multidão de jovens com diploma na mão, mas que não conseguem arranjar emprego. Por uma razão aritmética: o número de diplomados é muitas vezes maior que o número de empregos.

(l. 51) Já sugeri que os jovens que entram na universidade deveriam aprender, junto com o curso "nobre" que frequentam, um ofício: marceneiro, mecânico, cozinheiro, jardineiro, técnico de computador, eletricitista, encanador, descupinizador, motorista de trator... O rol de ofícios possíveis é imenso. Pena que, nas escolas, as crianças e os jovens não sejam informados sobre essas alternativas, por vezes mais felizes e mais rendosas.

(l. 56) Tive um amigo professor que foi guindado, contra a sua vontade, à posição de reitor de um grande colégio americano no interior de Minas. Ele odiava essa posição porque era obrigado a fazer discursos. E ele tremia de medo de fazer discursos. Um dia ele desapareceu sem explicações. Voltou com a família para o seu país, os Estados Unidos. Tempos depois, encontrei um amigo comum e perguntei: "Como vai o Fulano?". Respondeu-me: "Felicíssimo. É motorista de um caminhão gigantesco que cruza o país!".

(Rubem Alves. Diploma não é solução, *Folha de S. Paulo*, 25/05/2004.)

Assinale a opção em que o segmento NÃO apresenta a figura de pensamento a ele atribuída.

- a) [...] às vezes, faço maldades. Mas não faço por mal. (l. 1) - Paradoxo
- b) [...] configura-se um mercado imenso, mas imenso mesmo, (l. 44) - Gradação
- c) Alegria na entrada. Tristeza ao sair. (l. 48) - Antítese
- d) E ele tremia de medo de fazer discursos. (l. 58) - Ironia
- e) É motorista de um caminhão gigantesco que cruza o país! (l. 61) - Hipérbole

**Comentários:** A alternativa que apresenta relação incorreta é a D. "tremor de medo" não é uma ironia. Essa é um termo cunhado a partir de uma ação existente (de fato há pessoas que tremem de medo), mas que é empregado metaforicamente com o valor de "ele tinha muito medo".

A alternativa A não apresenta incorreções, pois pressupõe-se que fazer uma maldade conscientemente é uma ação que "se faz por mal".

A alternativa B não apresenta incorreções, pois inicia com o adjetivo "imenso" e depois sobe mais um grau no seu valor ao dizer "imenso mesmo".

A alternativa C não apresenta incorreções, pois há a presença de dois termos opostos no mesmo trecho, a saber: alegria e tristeza.

A alternativa E não apresenta incorreções, pois "gigantesco" é um termo exagerado para definir o tamanho do caminhão.

**Gabarito: D**



### 3. (ITA/2016)

O efeito de humor da tirinha abaixo se deve:



Quino

- a) à postura desobediente de Mafalda diante da mãe.
- b) à resposta autoritária da mãe de Mafalda à pergunta da filha.
- c) ao uso de palavras em negrito e cada vez maior do 2º ao 4º quadrinho.
- d) ao fato de aparecer apenas a fala da mãe de Mafalda e não sua imagem.
- e) aos sentidos atribuídos por Mafalda para as palavras “títulos” e “diplomamos”.

**Comentários:** Mafalda faz uma brincadeira com a palavra título, ao associar uma relação de parentesco a uma noção de hierarquia: ser possuidora de um título seria garantia de maior autoridade. Como a mãe só se torna detentora desse “título” depois do nascimento da “filha”, então ambas foram “diplomadas” no mesmo dia: o de seu nascimento, o que torna ainda mais complexa a noção de autoridade, pois ambas detêm o título pelo mesmo tempo. Portanto, a alternativa correta é a E.

A alternativa A está incorreta, pois o humor não está na desobediência, mas sim no raciocínio lógico de Mafalda.

A alternativa B está incorreta, pois é a resposta de Mafalda, não a da mãe, que garantem o tom irônico.

A alternativa C está incorreta, pois nessa tirinha, isso é apenas um recurso para chamar a atenção às palavras, não lhes conferir humor.

A alternativa D está incorreta, pois independente da imagem da mãe, o humor se encontra nas falas e não na parte imagética da tirinha.

**Gabarito: E**

### 4. (ITA/2015)

Texto de Rubem Braga, publicado pela primeira vez em 1952, no jornal *Correio da Manhã*, do Rio.

(I. 1) José Leal fez uma reportagem na Ilha das Flores, onde ficam os imigrantes logo que chegam. E falou dos equívocos de nossa política imigratória. As pessoas que ele encontrou não eram agricultores e técnicos, gente capaz de ser útil. Viu músicos profissionais, bailarinas



austríacas, cabeleireiras lituanas. Paul Balt toca acordeão, Ivan Donef faz coquetéis, Galar Bedrich é vendedor, Serof Nedko é ex-oficial, Luigi Tonizo é jogador de futebol, Ibolya Pohl é costureira. Tudo gente para o asfalto, “para entulhar as grandes cidades”, como diz o repórter.

(l. 7) O repórter tem razão. Mas eu peço licença para ficar imaginando uma porção de coisas vagas, ao olhar essas belas fotografias que ilustram a reportagem. Essa linda costureirinha morena de Badajoz, essa Ingeborg que faz fotografias e essa Irgard que não faz coisa alguma, esse Stefan Cromick cuja única experiência na vida parece ter sido vender bombons – não, essa gente não vai aumentar a produção de batatinhas e quiabos nem plantar cidades no Brasil Central.

(l. 13) É insensato importar gente assim. Mas o destino das pessoas e dos países também é, muitas vezes, insensato: principalmente da gente nova e países novos. A humanidade não vive apenas de carne, alface e motores. Quem eram os pais de Einstein, eu pergunto; e se o jovem Chaplin quisesse hoje entrar no Brasil acaso poderia? Ninguém sabe que destino terão no Brasil essas mulheres louras, esses homens de profissões vagas. Eles estão procurando alguma coisa: emigraram. Trazem pelo menos o patrimônio de sua inquietação e de seu apetite de vida. Muitos se perderão, sem futuro, na vagabundagem inconsequente das cidades; uma mulher dessas talvez se suicide melancolicamente dentro de alguns anos, em algum quarto de pensão. Mas é preciso de tudo para fazer um mundo; e cada pessoa humana é um mistério de heranças e de taras. Acaso importamos o pintor Portinari, o arquiteto Niemeyer, o físico Lattes? E os construtores de nossa indústria, como vieram eles ou seus pais? Quem pergunta hoje, e que interessa saber, se esses homens ou seus pais ou seus avós vieram para o Brasil como agricultores, comerciantes, barbeiros ou capitalistas, aventureiros ou vendedores de gravata? Sem o tráfico de escravos não teríamos tido Machado de Assis, e Carlos Drummond seria impossível sem uma gota de sangue (ou uísque) escocês nas veias, e quem nos garante que uma legislação exemplar de imigração não teria feito Roberto Burle Marx nascer uruguaio, Vila Lobos mexicano, ou Pancett chileno, o general Rondon canadense ou Noel Rosa em Moçambique? Sejamos humildes diante da pessoa humana: o grande homem do Brasil de amanhã pode descender de um clandestino que neste momento está saltando assustado na praça Mauá, e não sabe aonde ir, nem o que fazer. Façamos uma política de imigração sábia, perfeita, materialista; mas deixemos uma pequena margem aos inúteis e aos vagabundos, às aventureiras e aos tontos porque dentro de algum deles, como sorte grande da fantástica loteria humana, pode vir a nossa redenção e a nossa glória.

(BRAGA, R. Imigração. In: *A borboleta amarela*. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963)

Assinale a opção em que há metonímia.

- a) gente para o asfalto (l. 6)
- b) plantar cidades (l. 11)
- c) apetite de vida (l. 18)
- d) fazer um mundo (l. 21)
- e) loteria humana (l. 35)



**Comentários:** A metonímia se encontra na alternativa A, “gente para o asfalto”. “asfalto”, aqui, possui uso metonímico significando “cidade” ou “local urbano”.

A alternativa B trata-se de uma metáfora.

A alternativa C trata-se de uma metáfora.

A alternativa D trata-se de uma hipérbole, significando “fazer muito”.

A alternativa E trata-se de uma metáfora.

**Gabarito: A**

## 5. (ITA SP/2014)

O poema abaixo, sem título, é um haikai de Paulo Leminski:

lua à vista  
brilhavas assim  
sobre auschwitz?

(Distraídos venceremos. São Paulo: Brasiliense, 1987.)

Neste texto,

- I. há contraste entre a imagem natural e o fato histórico.
- II. o contraste entre “lua” e “auschwitz” provoca uma reação emotiva no sujeito lírico.
- III. o caráter interrogativo revela a perplexidade do sujeito lírico.

Está(ão) correta(s):

- a) apenas I e II.
- b) apenas I e III.
- c) apenas II e III.
- d) apenas III.
- e) todas.

**Comentários:**

O item I. está correto, pois se estabelece um contraste entre a coexistência da lua (elemento natural) com o campo de concentração (elemento histórico).

O item II. está correto, pois fica implícita uma sensação emotiva do sujeito lírico: como é possível que algo tão belo iluminasse uma situação tão terrível?

O item III. está correto, pois a emoção do sujeito lírico é de inconformidade, perplexidade com a situação.

**Gabarito: E**



## 6. (ITA SP/2013)

O segmento do poema abaixo apresenta

Eu e o sertão

Patativa do Assaré

Sertão, arguém te cantô

Eu sempre tenho cantado

E ainda cantando tô,

Pruquê, meu torrão amado,

Munto te prezo, te quero

E vejo qui os teus mistero

Ninguém sabe decifrá.

A tua beleza é tanta,

Qui o poeta canta, canta,

E inda fica o qui cantá.

[...]

(Cante lá que eu canto cá. Petrópolis: Vozes, 1982)

- a) um testemunho de quem conhece o ambiente retratado.
- b) humor e ironia numa linguagem simples típica do sertanejo.
- c) uma descrição detalhada do espaço.
- d) a percepção do poeta de que seu canto é a melhor das interpretações.
- e) perceptível distanciamento entre o poeta e o objeto do seu canto.

**Comentários:** Fica claro que o eu lírico do poema conhece o local sobre o qual canta já no título ("Eu e o sertão"). Além disso, ele reforça que sempre tem cantado sobre o sertão e que ele vê ali os seus mistérios que ninguém sabe decifrar. Portanto, a alternativa correta é a A.

A alternativa B está incorreta, pois humor e ironia não são traços típicos da fala sertaneja. Os traços estão no modo de falar.

A alternativa C está incorreta, pois há um relato da relação do eu lírico com o local, não uma descrição do ambiente.

A alternativa D está incorreta, pois em nenhum momento ele diz que sua canção é melhor ou mais válida que outras.

A alternativa E está incorreta, pois o poeta revela conhecimento e sentimento acerca do local que fala.

**Gabarito: A**



## 7. (ITA/2011)

(I. 1) São Paulo – Não é preciso muito para imaginar o dia em que a moça da rádio nos anunciará, do helicóptero, o colapso final: “A CET\* já não registra a extensão do congestionamento urbano. Podemos ver daqui que todos os carros em todas as ruas estão imobilizados. Ninguém anda, para frente ou para trás. A cidade, enfim, parou. As autoridades pedem calma, muita calma”.

(I. 6) “A autoestrada do Sul” é um conto extraordinário de Julio Cortázar\*\*. Está em Todos os fogos o fogo, de 1966 (a Civilização Brasileira traduziu). Narra, com monotonia infernal, um congestionamento entre Fontainebleau e Paris. É a história que inspirou Weekend à francesa (1967), de Godard\*\*\*.

(I. 10) O que no início parece um transtorno corriqueiro vai assumindo contornos absurdos. Os personagens passam horas, mais horas, dias inteiros entalados na estrada.

(I. 12) Quando, sem explicações, o nó desata, os motoristas aceleram “sem que já se soubesse para que tanta pressa, por que essa correria na noite entre automóveis desconhecidos onde ninguém sabia nada sobre os outros, onde todos olhavam para a frente, exclusivamente para a frente”.

(I. 16) Não serve de consolo, mas faz pensar. Seguimos às cegas em frente há quanto tempo? De Prestes Maia aos túneis e viadutos de Maluf, a cidade foi induzida a andar de carro. Nossa urbanização se fez contra o transporte público. O símbolo modernizador da era JK é o pesadelo de agora, mas o fetiche da lata sobre rodas jamais se abalou.

(I. 20) Será ocasional que os carrões dos endinheirados – essas peruas high-tech – se pareçam com tanques de guerra? As pessoas saem de casa dentro de bunkers, literalmente armadas. E, como um dos tipos do conto de Cortázar, veem no engarrafamento uma “afronta pessoal”.

(I. 24) Alguém acredita em soluções sem que haja antes um colapso? Ontem era a crise aérea, amanhã será outra qualquer. A classe média necessita reciclar suas aflições. E sempre haverá algo a lembrá-la – coisa mais chata – de que ainda vivemos no Brasil.

(SILVA, Fernando de Barros. *Folha de S. Paulo*, 17/03/2008.)

\*CET - Companhia de Engenharia de Tráfego.

\*\*Julio Cortázar (1914-1984), escritor argentino.

\*\*\*Jean-Luc Godard, cineasta francês, nascido em 1930.

NÃO há emprego de metáfora em

- a) Ninguém anda, para frente ou para trás. (I. 4)
- b) Quando, sem explicações, o nó desata, os motoristas aceleram [...]. (I. 12)
- c) [...] mas o fetiche da lata sobre rodas jamais se abalou. (I. 19)
- d) As pessoas saem de casa dentro de bunkers, literalmente armadas. (I. 21)
- e) A classe média necessita reciclar suas aflições. (I. 25)





**Comentários:** Na alternativa A, a frase está no sentido literal: por causa do trânsito, ninguém consegue andar (se locomover) para nenhuma direção (para frente ou para trás).

Na alternativa B, a expressão metafórica é “nó desata” = trânsito anda.

Na alternativa C, a expressão metafórica é “lata sobre rodas” = carro.

Na alternativa D, a expressão metafórica é “bunkers” = carros de luxo.

Na alternativa E, a expressão metafórica é “reciclar” = modificar, alternar.

**Gabarito: A**

## 8. (ITA SP/2008)

Assinale a opção em que a frase apresenta figura de linguagem semelhante ao da fala de Helga no primeiro quadrinho.



(Em: *Folha de S. Paulo*, 21/03/2005.)

- a) O país está coalhado de pobreza.
- b) Pobre homem rico!
- c) Tudo, para ele, é nada!
- d) O curso destina-se a pessoas com poucos recursos financeiros.
- e) Não tenho tudo que amo, mas amo tudo que tenho.

**Comentários:** A figura de linguagem utilizada por Helga é o eufemismo. Ao invés de dizer “lixo”, ela usa a expressão atenuante “excesso de alimentos”. A outra alternativa em que aparece esse



movimento de atenuar uma expressão é a alternativa D, em que “pessoas com poucos recursos financeiros” significa “pobres”.

A alternativa A apresenta uma metáfora, utilizando “coalhado” para significar “cheio”.

A alternativa B apresenta um aparente paradoxo, já que não se pode ser pobre e rico ao mesmo tempo (ainda que aqui o “pobre” seja empregado de maneira metafórica significando “coitado”).

A alternativa C apresenta um paradoxo, pois “tudo” e “nada” não são coexistentes.

A alternativa E apresenta um trocadilho, muito comum nos ditos populares.

**Gabarito: D**

## 9. (ITA/2005)

### A Universidade é só o começo

Na última década, a universidade viveu uma espécie de milagre da multiplicação dos diplomas. O número de graduados cresceu de 225 mil no final dos anos 80 para 325 mil no levantamento mais recente do Ministério da Educação em 2000.

A entrada no mercado de trabalho desse contingente, porém, não vem sendo propriamente triunfal como uma festa de formatura. Engenheiros e educadores, professores e administradores, escritores e sobretudo empresários têm sussurrado uma frase nos ouvidos dessas centenas de milhares de novos graduados: “O diploma está nu”.

Passaporte tranquilo para o emprego na década de 80, o certificado superior vem sendo exigido com cada vez mais vistos.

Considerado um dos principais pensadores da educação no país, o economista Cláudio de Moura Castro sintetiza a relação atual do diploma com o mercado de trabalho em uma frase: “Ele é necessário, mas não suficiente”. O raciocínio é simples. Com o aumento do número de graduados no mercado, quem não tem um certificado já começa em desvantagem.

Conselheiro-chefe de educação do Banco Interamericano de Desenvolvimento durante anos, ele compara o sem-diploma a alguém “em um mato sem cachorro no qual os outros usam armas automáticas e você um **tacape**”. Por outro lado, o economista-educador diz que ter um **fuzil**, seja lá qual for, não garante tanta vantagem assim nessa **floresta**.

Para Robert Wong, o diagnóstico é semelhante. Só muda a metáfora. Principal executivo na América do Sul da Korn/Ferry International, maior empresa de recrutamento de altos executivos do mundo, ele equipará a formação acadêmica com a **potência do motor** de um **carro**.

Equilibrados de mais acessórios, igualado o preço, o motor pode desempatar a escolha do consumidor. “Tudo sendo igual, a escolaridade faz a diferença.”

Mas assim como Moura Castro, o head hunter defende a idéia de que um motor turbinado não abre automaticamente as portas do mercado. Wong conta que no mesmo dia da entrevista à Folha [Jornal “Folha de S. Paulo”] trabalhava na seleção de um executivo para uma multinacional na qual um dos principais candidatos não tinha experiência acadêmica. “É um self-made man.”



Brasileiro nascido na China, Wong observa que é em países como esses, chamados "em desenvolvimento", que existem mais condições hoje para o sucesso de profissionais como esses, de perfil empreendedor. (...)

(Cassiano Elek Machado: A universidade é só o começo. "Folha de S. Paulo", 27/07/2002. Disponível na Internet: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse>. Data de acesso: 24/08/2004)

No texto, os especialistas que expressam suas opiniões usam de algumas metáforas. Assinale a opção em que o termo metafórico não corresponde ao elemento que ele substitui.

- a) tacape / diploma universitário
- b) fuzil / diploma universitário
- c) floresta / mercado de trabalho
- d) potência do motor / diploma universitário
- e) carro / candidato a um emprego

**Comentários:** A única alternativa em que a metáfora correspondente está errada é a alternativa A.

O autor compara o diploma universitário a armas: um diploma simboliza uma arma de fogo (fuzil) enquanto que a ausência de diploma simboliza uma arma primitiva (tacape, arma indígena feita de madeira que lembra um bastão). Portanto, o tacape é metaforicamente a ausência de diploma e não o diploma. A alternativa B está correta.

A alternativa C está correta, pois a floresta é o local onde se dá a disputa. Metaforicamente, simboliza o mercado de trabalho.

As alternativas D e E estão corretas, pois na metáfora dos carros, a ideia segue: o carro é o candidato e o que ele tem a oferecer (sua qualificação, portanto, seu diploma) é sua potência do motor.

**Gabarito: A**

## 10. (ITA/2002)

Assinale a figura de linguagem predominante no seguinte trecho:

A engenharia brasileira está agindo rápido para combater a crise de energia.

- a) Metáfora.
- b) Metonímia.
- c) Eufemismo.
- d) Hipérbole.
- e) Pleonasma.



**Comentários:** Neste caso, há uma substituição de uma ideia concreta (engenheiros) por uma abstrata (engenharia). Isso configura uma metonímia. Portanto, a alternativa correta é B.

A alternativa A está incorreta, pois nenhum dos termos usados está substituindo outro com que se assemelhe.

A alternativa C está incorreta, pois não há a atenuação de uma expressão nessa oração.

A alternativa D está incorreta, pois não há o exagero de linguagem nesse trecho.

A alternativa E está incorreta, pois não há repetição de termos redundantes.

**Gabarito: B**

### 11. (ITA SP/1994)

Em qual opção há erro na identificação das figuras?

- a) “Um dia hei de ir embora / Adormecer no derradeiro sono.” (eufemismo)
- b) “A neblina, roçando o chão, cicia, em prece.” (Prosopopeia)
- c) Já não são tão frequentes os passeios noturnos na violenta R. de Janeiro (Silepse de números)
- d) “E fria, fluente, frouxa claridade / Flutua...” (aliteração)
- e) “Oh sonora audição colorida do aroma.” (Sinestesia)

**Comentários:** Na alternativa C não ocorre silepse de número. Para que isso ocorresse, seria preciso que houvesse discordância de singular e plural na oração, o que não ocorre.

Na alternativa A não há incorreção, pois “derradeiro sono” é um modo de amenizar a palavra “morte”.

Na alternativa B não há incorreção, pois “neblina roçando no chão” é uma personificação, ou seja, prosopopeia, já que atribui ações humanas a seres inanimados.

Na alternativa D não há incorreção, pois há uma repetição do som da letra F, caracterizando aliteração.

Na alternativa E não há incorreção, pois mistura sensações provenientes de diferentes sentidos: audição colorida (visão) do aroma (olfato).

**Gabarito: C**

### 12. (IME/2019 adaptada)

Leia o trecho do poema “O Elefante”, de Carlos Drummond de Andrade:

“e todo o seu conteúdo  
de perdão, de carícia,  
de pluma, de algodão,  
jorra sobre o tapete,”



A figura de linguagem construída a partir de uma relação entre os campos semânticos evocados pelo título do poema e de seus versos acima destacados é a (o)

- a) ambiguidade.
- b) apóstrofe.
- c) antítese.
- d) eufemismo.
- e) metonímia.

**Comentários:** Um elefante é um animal de grandes dimensões, forte. Porém, nesse trecho, o poeta descreve que seu elefante é feito de materiais suaves e delicados. Por isso, constrói-se uma relação antitética. A alternativa correta é a C.

A alternativa A está incorreta, pois não há palavras com mais de uma possibilidade de significado nesta construção em especial.

A alternativa B está incorreta, pois não há nenhum chamamento no trecho.

**ATENÇÃO:** Apóstrofe é uma figura de linguagem que caracteriza o chamamento, semelhante ao vocativo. Ex.: **Ó Deus**, me ajude!

A alternativa D está incorreta, pois não há a atenuação de nenhuma expressão no trecho.

A alternativa E está incorreta, pois não há o recurso de expressar a parte pelo todo neste trecho.

**Gabarito: C**

### 13. (IME/2015 - adaptada)

#### CONSOADA

(Manuel Bandeira)

Quando a Indesejada das gentes chegar

(Não sei se dura ou caroável),

Talvez eu tenha medo.

Talvez sorria, ou diga:

– Alô, iniludível!

O meu dia foi bom, pode a noite descer.

(A noite com os seus sortilégios.)

Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,

A mesa posta,

Com cada coisa em seu lugar.

Disponível em: <<http://www.poesiaspoemaseversos.com.br>> Acesso em: 29 Abr 2014.



Ao utilizar a expressão “a Indesejada das gentes”, o autor faz uso da figura de linguagem conhecida como:

- a) hipérbole.
- b) anacoluto.
- c) antítese.
- d) metonímia.
- e) eufemismo.

**Comentários:** “a Indesejada das gentes” é um eufemismo para “morte”. A morte é um dos temas mais comuns a serem tratados de maneira mais amena, fazendo uso da figura de linguagem do eufemismo. Nesse caso, o poema fala sobre a aceitação da morte, pois quando ela chegar, encontrará “cada coisa em seu lugar”. Portanto, a correta é a alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois não há exagero nas formas em “Indesejada das gentes”.

A alternativa B está incorreta, pois não há a interrupção da oração ou irregularidade gramatical em “Indesejada das gentes”.

A alternativa C está incorreta, pois não há termos opostos dialogando nas orações em “Indesejada das gentes”.

A alternativa D está incorreta, pois não há o movimento de tratar o todo a partir de uma parte em “Indesejada das gentes”.

**Gabarito: E**

## 14. (IME/2017)

### O HOMEM: AS VIAGENS

Carlos Drummond de Andrade

1  
O homem, bicho da Terra tão pequeno  
chateia-se na Terra  
lugar de muita miséria e pouca diversão,  
faz um foguete, uma cápsula, um módulo  
toca para a Lua  
desce cauteloso na Lua  
pisa na Lua  
planta bandeirola na Lua  
experimenta a Lua  
coloniza a Lua  
civiliza a Lua

humaniza a Lua

2  
Lua humanizada: tão igual à Terra.  
O homem chateia-se na Lua.

3  
Vamos para Marte – ordena a suas máquinas.  
Elas obedecem, o homem desce em Marte  
pisa em Marte  
experimenta  
coloniza





civiliza  
humaniza Marte com engenho e arte.

4  
Marte humanizado, que lugar quadrado.  
Vamos a outra parte?

5  
Claro – diz o engenho  
sofisticado e dócil.  
Vamos a Vênus.  
O homem põe o pé em Vênus,  
vê o visto – é isto?  
idem  
idem  
idem.

6  
O homem funde a cuca se não for a Júpiter  
proclamar justiça junto com injustiça  
repetir a fossa  
repetir o inquieto  
repetitório.

7  
Outros planetas restam para outras colônias.  
O espaço todo vira Terra-a-terra.  
O homem chega ao Sol ou dá uma volta  
só para tener?

Não-vê que ele inventa  
roupa insiderável de viver no Sol.  
Põe o pé e:  
mas que chato é o Sol, falso touro  
espanhol domado.

8  
Restam outros sistemas fora  
do solar a colonizar.  
Ao acabarem todos  
só resta ao homem  
(estará equipado?)  
a difícilíssima dangerosíssima viagem  
de si a si mesmo:  
pôr o pé no chão  
do seu coração  
experimental  
colonizar  
civilizar  
humanizar  
o homem  
descobrimdo em suas próprias inexploradas  
entranhas  
a perene, insuspeitada alegria  
de con-viver.

ANDRADE, Carlos Drummond. Nova reunião: 19  
livros de poesia – 3ª ed. Rio de Janeiro: José  
Olympio, 1978, pp. 448-450.

Ao longo de todo o poema O Homem: As Viagens, o poeta usa exaustivamente como recurso de expressão (estilo) a

- a) adjetivação.
- b) comparação.



- c) repetição.
- d) aliteração.
- e) personificação.

**Comentários:** O recurso utilizado é a repetição. Ao longo do texto, Drummond repete diversas vezes as palavras “experimenta”, “coloniza”, “civiliza”, “humaniza”, além das repetições dos nomes “Lua” e “Marte”. Por isso, a alternativa certa é a C.

A alternativa A está incorreta, pois a adjetivação ocorre quando há mudança da classe gramática de uma palavra através da colocação de um artigo em frente à palavra (ex.: transformar verbo em substantivo: O amar é necessário.).

A alternativa B está incorreta, pois não há aproximação de elementos diferentes através daquilo que os une, tampouco conjunções comparativas.

A alternativa D está incorreta, pois não há repetição de letras gerando efeito sonoro significativo no poema.

A alternativa E está incorreta, pois não há seres inanimados com características humanas no poema.

**Gabarito: C**

## 15. (FUVEST/2018)

Examine o cartum.



Frank e Ernest – Bob Thaves. O Estado de S. Paulo. 22.08.2017.

O efeito de humor presente no cartum decorre, principalmente, da

- a) semelhança entre a língua de origem e a local.
- b) falha de comunicação causada pelo uso do aparelho eletrônico.
- c) falta de habilidade da personagem em operar o localizador geográfico.
- d) discrepância entre situar-se geograficamente e dominar o idioma local.
- e) incerteza sobre o nome do ponto turístico onde as personagens se encontram.



**Comentários:** O humor se encontra na situação das personagens: estão em um país estrangeiro, onde não compreendem o idioma. Por isso, saber se localizar geograficamente não elimina a dificuldade linguística envolvida.

A alternativa A está incorreta, pois o que gera efeito de humor é justamente a falta de semelhança entre as línguas.

A alternativa B está incorreta, pois a falha se dá pelo idioma, não pelo aparelho.

A alternativa C está incorreta, pois o problema está no idioma, não na inabilidade de utilizar o aparelho.

A alternativa E está incorreta, pois não há a informação sobre a dificuldade em reconhecer o ponto turístico especificamente.

**Gabarito: D**

Texto comum às questões: 16 e 17.

### Sarapalha

– Ô calorão, Primo!... E que dor de cabeça excomungada!

– É um instantinho e passa... É só ter paciência....

– É... passa... passa... passa... Passam umas mulheres vestidas de cor de água, sem olhos na cara, para não terem de olhar a gente... Só ela é que não passa, Primo Argemiro!... E eu já estou cansado de procurar, no meio das outras... Não vem!... Foi, rio abaixo, com o outro... Foram p’r’os infernos!...

– Não foi, Primo Ribeiro. Não foram pelo rio... Foi trem-de-ferro que levou...

– Não foi no rio, eu sei... **No rio ninguém não anda... Só a maleita\* é quem sobe e desce**, olhando seus mosquitinhos e pondo neles a benção... Mas, na estória... Como é mesmo a estória, Primo? Como é?...

– O senhor bem que sabe, Primo... Tem paciência, que não é bom variar...

– Mas, a estória, Primo!... Como é?... Conta outra vez...

– **O senhor já sabe as palavras todas de cabeça...** “Foi o moço-bonito que apareceu, vestido com roupa de dia-de-domingo **e com a viola enfeitada de fitas**... E chamou a moça p’ra ir se fugir com ele”...

– Espera, Primo, elas estão passando... Vão umas atrás das outras... Cada qual mais bonita... Mas eu não quero, nenhuma!... Quero só ela... Luísa...

– Prima Luísa...

– Espera um pouco, deixa ver se eu vejo... Me ajuda, Primo! Me ajuda a ver...

– Não é nada, Primo Ribeiro... Deixa disso!

– Não é mesmo não...

– Pois então?!

– Conta o resto da estória!...



- ...“Então, a moça, que não sabia que o moço-bonito era o capeta, **ajuntou suas roupinhas melhores numa trouxa**, e foi com ele na canoa, descendo o rio...”

Guimarães Rosa, Sagarana.

\*maleita: malária

### 16. (FUVEST/2018 adaptada)

No texto de Sarapalha, constitui exemplo de personificação o seguinte trecho:

- a) “No rio ninguém não anda”.
- b) “só a maleita é quem sobe e desce”.
- c) “O senhor já sabe as palavras todas de cabeça”.
- d) “e com a viola enfeitada de fitas”.
- e) “ajuntou suas roupinhas melhores numa trouxa”.

**Comentários:** A personificação, ou prosopopeia, ocorre na alternativa B. A malária é uma doença e a ela são atribuídas no texto ações humanas como “subir” e “descer”.

A alternativa A está incorreta, pois não há ações humanas atribuídas ao “rio” nessa oração.

A alternativa C está incorreta, pois não há ações humanas atribuídas a “palavras” ou “cabeça” nessa oração.

A alternativa D está incorreta, pois não há ações humanas atribuídas a “viola” nem a “fitas” nessa oração.

A alternativa E está incorreta, pois não há ações humanas atribuídas a “roupinhas” ou “trouxa” nessa oração.

**Gabarito: B**

### 17. (FUVEST/2018)

Tendo como base o trecho “só a maleita é quem sobe e desce, olhando seus mosquitinhos e pondo neles a benção...”, o termo em destaque foi empregado ironicamente por aludir ao inseto

- a) causador da malária.
- b) causador da febre amarela.
- c) transmissor da doença de Chagas.
- d) transmissor da malária.
- e) transmissor da febre amarela.

**Comentários:** Essa é uma questão interdisciplinar. Acessa conhecimentos de Biologia e Português. Uma doença não poderia ser classificada como uma “benção”. Portanto, há ironia no uso da palavra.



Para acertar essa questão, o aluno precisaria lembrar que o inseto é o transmissor da doença. O causador da doença é o parasita (*Plasmodium vivax*) que o mosquito transmite. Portanto, a alternativa correta é a D.

A alternativa A está incorreta, pois o inseto é transmissor da doença, não causador.

A alternativa B está incorreta, pois a maleita é a malária, não a febre amarela.

A alternativa C está incorreta, pois a maleita é a malária, não a doença de Chagas.

A alternativa E está incorreta, pois a maleita é a malária, não febre amarela.

**Gabarito: D**

## 18. (FUVEST/2017)

### CAPÍTULO LIII

.....

Virgília é que já se não lembrava da meia dobra; toda ela estava concentrada em mim, nos meus olhos, na minha vida, no meu pensamento;—era o que dizia, e era verdade.

Há umas plantas que nascem e crescem depressa; outras são tardias e pecas. O nosso amor era daquelas; brotou com tal ímpeto e tanta seiva, que, dentro em pouco, era a mais vasta, folhuda e exuberante criatura dos bosques. Não lhes poderei dizer, ao certo, os dias que durou esse crescimento. Lembra-me, sim, que, em certa noite, abotoou-se a flor, ou o beijo, se assim lhe quiserem chamar, um beijo que ela me deu, trêmula,—coitadinha,—trêmula de medo, porque era ao portão da chácara. Uniu-nos esse beijo único, — breve como a ocasião, ardente como o amor, prólogo de uma vida de delícias, de terrores, de remorsos, de prazeres que rematavam em dor, de aflições que desabrochavam em alegria,— uma hipocrisia paciente e sistemática, único freio de uma paixão sem freio,—vida de agitações, de cóleras, de desesperos e de ciúmes, que uma hora pagava à farta e de sobra; mas outra hora vinha e engolia aquela, como tudo mais, para deixar à tona as agitações e o resto, e o resto do resto, que é o fastio e a saciedade: tal foi o livro daquele prólogo.

Machado de Assis, **Memórias póstumas de Brás Cubas**.

Dentre os recursos expressivos empregados no texto, tem papel preponderante a

- metonímia (uso de uma palavra fora do seu contexto semântico normal, com base na relação de contiguidade existente entre ela e o referente).
- hipérbole (ênfase expressiva resultante do exagero da significação linguística).
- alegoria (sequência de metáforas logicamente ordenadas).
- sinestesia (associação de palavras ou expressões em que ocorre combinação de sensações diferentes numa só impressão).
- prosopopeia (atribuição de sentimentos humanos ou de palavras a seres inanimados ou a animais).



**Comentários:** O narrador utiliza de metáforas botânicas, explicando o amor com a personagem Virgília a partir de referências a plantas e flores. Portanto, a alternativa correta é a C.

A alternativa A está incorreta, pois não há a predominância de usos conhecidos como “parte pelo todo” nesse texto.

A alternativa B está incorreta, pois não há o uso de termos exagerados como recurso preponderante.

A alternativa D está incorreta, pois não há a mistura de sensações associadas a sentidos humanos diferentes nesse texto.

A alternativa E está incorreta, pois não há a personificação, ou seja, a associação de características humanas a seres inanimados.

**Gabarito: C**

### Texto para as questões 19 e 20.

Leia a crônica “Anúncio de João Alves”, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), publicada originalmente em 1954.

Figura o anúncio em um jornal que o amigo me mandou, e está assim redigido:

*À procura de uma besta.* – A partir de 6 de outubro do ano cadente, sumiu-me uma besta vermelho-escura com os seguintes característicos: calçada e ferrada de todos os membros locomotores, um pequeno quisto na base da orelha direita e crina dividida em duas seções em consequência de um golpe, cuja extensão pode alcançar de quatro a seis centímetros, produzido por jumento.

Essa besta, muito domiciliada nas cercanias deste comércio, é muito mansa e boa de sela, e tudo me induz ao cálculo de que foi roubada, assim que não são falhas todas as indagações.

Quem, pois, apreendê-la em qualquer parte e a fizer entregue aqui ou pelo menos notícia exata ministrar, será razoavelmente remunerado. Itambé do Mato Dentro, 19 de novembro de 1899. (a) *João Alves Júnior.*

Cinquenta e cinco anos depois, prezado João Alves Júnior, tua besta vermelho-escura, mesmo que tenha aparecido, já é pó no pó. E tu mesmo, se não estou enganado, repousas suavemente no pequeno cemitério de Itambé. Mas teu anúncio continua um modelo no gênero, se não para ser imitado, ao menos como objeto de admiração literária.

Reparo antes de tudo na limpeza de tua linguagem. Não escreveste apressada e toscamente, como seria de esperar de tua condição rural. Pressa, não a tiveste, pois o animal desapareceu a 6 de outubro, e só a 19 de novembro recorreste à *Cidade de Itabira*. Antes, procedeste a indagações. Falharam. Formulaste depois um raciocínio: houve roubo. Só então pegaste da pena, e traçaste um belo e nítido retrato da besta.

Não disseste que todos os seus cascos estavam ferrados; preferiste dizê-lo “de todos os seus membros locomotores”. Nem esqueceste esse pequeno quisto na orelha e essa divisão da crina em duas seções, que teu zelo naturalista e histórico atribuiu com segurança a um jumento.

Por ser “muito domiciliada nas cercanias deste comércio”, isto é, do povoado e sua feirinha semanal, inferiste que não teria fugido, mas antes foi roubada. Contudo, não o afirmas em tom peremptório: “tudo me induz a esse cálculo”. Revelas aí a prudência mineira, que não avança (ou





não avançava) aquilo que não seja a evidência mesma. É cálculo, raciocínio, operação mental e desapaixonada como qualquer outra, e não denúncia formal.

Finalmente – deixando de lado outras excelências de tua prosa útil – a declaração final: quem a apreender ou pelo menos “notícia exata ministrar”, será “razoavelmente remunerado”. Não prometes recompensa tentadora; não fazes praça de generosidade ou largueza; acenas com o razoável, com a justa medida das coisas, que deve prevalecer mesmo no caso de bestas perdidas e entregues.

Já é muito tarde para sairmos à procura de tua besta, meu caro João Alves do Itambé; entretanto essa criação volta a existir, porque soubeste descrevê-la com decoro e propriedade, num dia remoto, e o jornal a guardou e alguém hoje a descobre, e muitos outros são informados da ocorrência. Se lesses os anúncios de objetos e animais perdidos, na imprensa de hoje, ficarias triste. Já não há essa precisão de termos e essa graça no dizer, nem essa moderação nem essa atitude crítica. Não há, sobretudo, esse amor à tarefa bem-feita, que se pode manifestar até mesmo num anúncio de besta sumida.

(Fala, amendoeira, 2012.)

## 19. (UNESP/2017)

O humor presente na crônica decorre, entre outros fatores, do fato de o cronista

- a) debruçar-se sobre um antigo anúncio de besta desaparecida.
- b) esforçar-se por ocultar a condição rural do autor do anúncio.
- c) duvidar de que o autor do anúncio seja mesmo João Alves.
- d) empregar o termo “besta” em sentido também metafórico.
- e) acreditar na possibilidade de se recuperar a besta de João Alves.

**Comentários:** O humor da crônica está em discorrer sobre o modo que o anúncio do desaparecimento de uma besta foi escrito, utilizando expressões atenuantes. Portanto, a alternativa correta é A.

A alternativa B está incorreta, pois quem tenta ocultar a condição rural com palavras e expressões rebuscadas é o autor do artigo e não o cronista.

A alternativa C está incorreta, pois não há passagem em que o autor questione a identidade do autor do artigo.

A alternativa D está incorreta, pois o cronista se debruça sobre o cuidado da escrita e não tenta fazer nenhuma referência de duplo sentido com a palavra “besta”.

A alternativa E está incorreta, pois no fim do texto deixa claro que já não há mais esperança de encontrar a besta, dado o tempo decorrido da escrita do artigo.

**Gabarito: A**



## 20. (UNESP/2017)

Está empregado em sentido figurado o termo destacado no seguinte trecho:

- a) “Formulaste depois um **raciocínio**: houve roubo.” (3º parágrafo)
- b) “Reparo antes de tudo na limpeza de tua **linguagem**.” (3º parágrafo)
- c) “Reparo antes de tudo na **limpeza** de tua linguagem.” (3º parágrafo)
- d) “Não disseste que todos os seus **cascos** estavam ferrados;” (4º parágrafo)
- e) “Não disseste que todos os seus cascos estavam **ferrados**;” (4º parágrafo)

**Comentários:** A palavra limpeza significa “estado do que está limpo ou asseado”. Neste caso, foi utilizado com o sentido de “altivez” ou “cuidado” que o autor empregou na escrita do artigo. Portanto, a alternativa correta é a C.

A alternativa A está incorreta, pois “raciocínio” está no sentido literal: pensamento.

A alternativa B está incorreta, pois “linguagem” está no sentido literal: fala.

A alternativa D está incorreta, pois “cascos” está no sentido literal: as patas do animal.

A alternativa E está incorreta, pois “ferrados” está no sentido literal: que contem ferraduras.

**Gabarito: C**

## 21. (FGV/2017)

### O país tenta se recompor

No Brasil, que enfrenta uma das piores recessões de sua história, a cada novo dado econômico que é divulgado, a questão que se coloca é a mesma: melhoramos ou continuamos a piorar? No final de agosto, os indicadores de desempenho do produto interno bruto do segundo trimestre apontaram uma retração de 0,6%, totalizando assim seis semestres consecutivos no vermelho. Da mesma forma, o último balanço do mercado de trabalho mostrou que o desemprego continua a se encorpar. Conclusão: pioramos. Já o índice que mede a produção industrial registrou em julho a quinta alta consecutiva. Para quem observa o mercado financeiro, com a recente sequência de altas da Bovespa e a valorização do real, a mensagem é de volta da confiança. Nova conclusão: estamos melhorando. A profusão de dados pintando um cenário contraditório apenas confirma que a retomada – por mais que seja desejada – tende a ser difícil e lenta. O que vai ficando claro é que, enquanto grande parte da economia brasileira ainda contabiliza seus mortos, outra parcela – menor, é verdade – começa a se recompor. Trata-se de uma reorganização que, motivada pela crise, deverá redesenhar setores inteiros, determinar novos líderes de mercado e, no longo prazo, tornar a economia brasileira mais competitiva.

(Fabiane Stefano e Flávia Furlan. *Exame*, 14.09.2016. Adaptado)

Há linguagem figurada no trecho

- a) “melhoramos ou continuamos a piorar?”, em que o paradoxo evidencia a falta de perspectiva para a economia brasileira.



- b) “seis semestres consecutivos no vermelho”, em que “vermelho” constitui uma hipérbole que aponta o exagero da queda do PIB.
- c) “pintando um cenário contraditório”, em que o verbo traz uma ironia por meio da qual se questiona a real existência da crise.
- d) “grande parte da economia brasileira ainda contabiliza seus mortos”, em que se personificam os elementos da economia.
- e) “deverá redesenhar setores inteiros”, em que a locução verbal sugere uma ação utópica, considerada a argumentação das autoras.

**Comentários:** A ação “contabilizar os mortos” é feita por humanos, portanto, ao atribuí-la à “grande parte da economia brasileira”, ocorre uma personificação. Por isso, a alternativa correta é D.

A alternativa A está incorreta, pois não há paradoxo, já que as informações não se negam. Há uma antítese ao colocar próximos termos opostos “melhorar” e “piorar”.

A alternativa B está incorreta, pois “vermelho” é uma metáfora para “endividado”, “sem numerários”.

A alternativa C está incorreta, pois “pintar” aqui não é usado de maneira irônica, mas sim metafórica, significando “compondo”, “criando”.

A alternativa E está incorreta, pois o uso do imperativo “deverá” significa sugestão ou ordem, não hipótese.

**Gabarito: D**

## 22. (FUVEST/2016)

Examine este cartum.



Robert Mankoff, New Yorker/Veja.



Para obter o efeito de humor presente no cartum, o autor se vale, entre outros, do seguinte recurso:

- a) utilização paródica de um provérbio de uso corrente.
- b) emprego de linguagem formal em circunstâncias informais.
- c) representação inverossímil de um convívio pacífico de cães e gatos.
- d) uso do grotesco na caracterização de seres humanos e de animais.
- e) inversão do sentido de um pensamento bastante repetido.

**Comentários:** O humor se dá pela inversão de um pensamento comum: que os animais seriam substitutos para aqueles que não podem ter filhos ou crianças. Assim, o humor se dá pelo inesperado da situação: inverter a lógica, dizendo que as crianças é que substituem os animais.

A alternativa A está incorreta, pois a expressão parodiada não é um provérbio, que se pressupõe ser uma frase que contém uma moral ou sabedoria.

A alternativa B está incorreta, pois o estilo da fala não é o que causa humor, mas sim o conteúdo.

A alternativa C está incorreta, pois o humor está na associação com crianças e não na relação entre cães e gatos.

A alternativa D está incorreta, pois o humor não está no estilo do desenho, mas sim na associação entre crianças e animais.

**Gabarito: E**

## 23. (UNIFESP/2016)

Leia o trecho inicial de um artigo do livro *Bilhões e bilhões* do astrônomo e divulgador científico Carl Sagan (1934-1996).

### O tabuleiro de xadrez persa

Segundo o modo como ouvi pela primeira vez a história, aconteceu na Pérsia antiga. Mas podia ter sido na Índia ou até na China. De qualquer forma, aconteceu há muito tempo. O grão-vizir, o principal conselheiro do rei, tinha inventado um novo jogo. Era jogado com peças móveis sobre um tabuleiro quadrado que consistia em 64 quadrados vermelhos e pretos. A peça mais importante era o rei. A segunda peça mais importante era o grão-vizir – exatamente o que se esperaria de um jogo inventado por um grão-vizir. O objetivo era capturar o rei inimigo e, por isso, o jogo era chamado, em persa, shahmat – shah para rei, mat para morto. Morte ao rei. Em russo, é ainda chamado shakhmat. Expressão que talvez transmita um remanescente sentimento revolucionário. Até em inglês, há um eco desse nome – o lance final é chamado checkmate (xeque-mate). O jogo, claro, é o xadrez. Ao longo do tempo, as peças, seus movimentos, as regras do jogo, tudo evoluiu. Por exemplo, já não existe um grão-vizir – que se metamorfoseou numa rainha, com poderes muito mais terríveis.



A razão de um rei se deliciar com a invenção de um jogo chamado “Morte ao rei” é um mistério. Mas reza a história que ele ficou tão encantado que mandou o grão-vizir determinar sua própria recompensa por ter criado uma invenção tão magnífica. O grão-vizir tinha a resposta na ponta da língua: era um homem modesto, disse ao xá. Desejava apenas uma recompensa simples. Apontando as oito colunas e as oito filas de quadrados no tabuleiro que tinha inventado, pediu que lhe fosse dado um único grão de trigo no primeiro quadrado, o dobro dessa quantia no segundo, o dobro dessa quantia no terceiro e assim por diante, até que cada quadrado tivesse o seu complemento de trigo. Não, protestou o rei, era uma recompensa demasiado modesta para uma invenção tão importante. Ofereceu joias, dançarinas, palácios. Mas o grão-vizir, com os olhos apropriadamente baixos, recusou todas as ofertas. Só desejava pequenos montes de trigo. Assim, admirando-se secretamente da humildade e comedimento de seu conselheiro, o rei consentiu.

No entanto, quando o mestre do Celeiro Real começou a contar os grãos, o rei se viu diante de uma surpresa desagradável. O número de grãos começa bem pequeno: 1, 2, 4, 8, 16, 32, 64, 128, 256, 512, 1024... mas quando se chega ao 64o quadrado, o número se torna colossal, esmagador. Na realidade, o número é quase 18,5 quintilhões\*. Talvez o grão-vizir estivesse fazendo uma dieta rica em fibras.

Quanto pesam 18,5 quintilhões de grãos de trigo? Se cada grão tivesse o tamanho de um milímetro, todos os grãos juntos pesariam cerca de 75 bilhões de toneladas métricas, o que é muito mais do que poderia ser armazenado nos celeiros do xá. Na verdade, esse número equivale a cerca de 150 anos da produção de trigo mundial no presente. O relato do que aconteceu a seguir não chegou até nós. Se o rei, inadimplente, culpando-se pela falta de atenção nos seus estudos de aritmética, entregou o reino ao vizir, ou se o último experimentou as aflições de um novo jogo chamado vizirmat, não temos o privilégio de saber.

\* 1 quintilhão = 1 000 000 000 000 000 000 = 10<sup>18</sup>. Para se contar esse número a partir de 0 (um número por segundo, dia e noite), seriam necessários 32 bilhões de anos (mais tempo do que a idade do universo).

(Carl Sagan. Bilhões e bilhões, 2008. Adaptado.)

No artigo, o recurso à ironia está bem exemplificado em:

- a) “O relato do que aconteceu a seguir não chegou até nós.” (4º parágrafo)
- b) “Quanto pesam 18,5 quintilhões de grãos de trigo?” (4º parágrafo)
- c) “Ao longo do tempo, as peças, seus movimentos, as regras do jogo, tudo evoluiu.” (1º parágrafo)
- d) “Segundo o modo como ouvi pela primeira vez a história, aconteceu na Pérsia antiga.” (1º parágrafo)
- e) “Talvez o grão-vizir estivesse fazendo uma dieta rica em fibras.” (3º parágrafo)

**Comentários:** A ironia se encontra na alternativa E. Ao dizer que a dieta do grão-vizir era composta de fibras, Sagan ironiza o fato de que ele queria uma grande quantidade como pagamento. Não significa que ele de fato se alimentasse de muitos grãos.

A alternativa A está incorreta, pois está apenas relatando um fato, sem caráter irônico.



A alternativa B está incorreta, pois não há ironia na pergunta, ainda que ela tenha traços humorísticos.

A alternativa C está incorreta, pois apenas relata o percurso do jogo.

A alternativa D está incorreta, pois apenas introduz o início do relato e explica como o conheceu, sem ironias.

**Gabarito: E**

## **24. (UNIFESP/2016)**

Leia o soneto do poeta Luís Vaz de Camões (1525?-1580).

Sete anos de pastor Jacob servia  
Labão, pai de Raquel, serrana bela;  
mas não servia ao pai, servia a ela,  
e a ela só por prêmio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,  
passava, contentando-se com vê-la;  
porém o pai, usando de cautela,  
em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos  
lhe fora assi negada a sua pastora,  
como se a não tivera merecida,

começa de servir outros sete anos,  
dizendo: “Mais servira, se não fora  
para tão longo amor tão curta a vida”.

(Luís Vaz de Camões. *Sonetos*, 2001.)

Uma das principais figuras exploradas por Camões em sua poesia é a antítese. Neste soneto, tal figura ocorre no verso:

- a) “mas não servia ao pai, servia a ela,”
- b) “passava, contentando-se com vê-la;”
- c) “para tão longo amor tão curta a vida.”





- d) “porém o pai, usando de cautela,”
- e) “lhe fora assi negada a sua pastora,”

**Comentários:** A antítese ocorre quando há palavras de significados opostos na mesma construção. Isso ocorre no poema de Camões no verso “para tão longo amor tão curta vida”, já que as palavras “longo” e “curta” são opostas. Assim, a alternativa C é a correta.

A alternativa A está incorreta, pois apesar de haver uma oposição (não servir ao pai, servir a ela), não há uma antítese, pois não são ações essencialmente opostas.

A alternativa B está incorreta, pois não há oposição de termos nessa oração.

A alternativa D está incorreta, pois não há oposição de termos nessa oração.

A alternativa E está incorreta, pois há apenas o relato de uma negativa, mas não oposição de termos.

**Gabarito: C**

## 25. (UNESP/2016)

Leia o trecho inicial de um poema de Álvaro de Campos, heterônimo do escritor Fernando Pessoa (1888-1935).

Esta velha angústia,  
Esta angústia que trago há séculos em mim,  
Transbordou da vasilha,  
Em lágrimas, em grandes imaginações,  
Em sonhos em estilo de pesadelo sem terror,  
Em grandes emoções súbitas sem sentido  
nenhum.

Transbordou.

Mal sei como conduzir-me na vida  
Com este mal-estar a fazer-me pregas na alma!  
Se ao menos endoidecesse deveras!  
Mas não: é este estar entre,  
Este quase,  
Este poder ser que...,  
Isto.

Um internado num manicômio é, ao menos,  
alguém,

Eu sou um internado num manicômio sem  
manicômio.

Estou doido a frio,

Estou lúcido e louco,

Estou alheio a tudo e igual a todos:

Estou dormindo desperto com sonhos que são  
loucura

Porque não são sonhos.

Estou assim...

Pobre velha casa da minha infância perdida!

Quem te diria que eu me desacolhesse tanto!

Que é do teu menino? Está maluco.

Que é de quem dormia sossegado sob o teu teto  
provinciano?

Está maluco.

Quem de quem fui? Está maluco. Hoje é quem eu  
sou.

(*Obra poética*, 1965.)



A hipérbole é uma figura de palavra que consiste no exagero verbal (para efeito expressivo): "já disse mil vezes", "correram mares de sangue".

(Celso Pedro Luft. *Abc da língua culta*, 2010. Adaptado.)

Verifica-se a ocorrência de hipérbole no seguinte verso:

- a) "Eu sou um internado num manicômio sem manicômio." (3ª estrofe)
- b) "Mal sei como conduzir-me na vida" (2ª estrofe)
- c) "Em grandes emoções súbitas sem sentido nenhum." (1ª estrofe)
- d) "Se ao menos endoidecesse deveras!" (2ª estrofe)
- e) "Esta angústia que trago há séculos em mim," (1ª estrofe)

**Comentários:** Na alternativa E há o aparecimento de uma hipérbole em "trago há séculos". É impossível alguém estar vivo há séculos, portanto, essa expressão quer dizer, de maneira exagerada, "há muito tempo".

A alternativa A está incorreta, pois há o aparecimento de um paradoxo, não uma hipérbole.

A alternativa B está incorreta, pois não há exagero verbal nesse trecho.

A alternativa C está incorreta, pois há o aparecimento de uma aliteração em S, não uma hipérbole.

A alternativa D está incorreta, pois não há exagero verbal nesse trecho.

**Gabarito: E**

## 26. (IBMEC/2016)



Disponível em: <http://www.bocamaldita.com/wp-content/uploads/2015/06/Nanildeologias.jpg>. Acesso em 02/09/2015

Nessa charge, o recurso utilizado para produzir humor é a

- a) linguagem *nonsense*, apresentando sentidos inconsistentes para as palavras “esquerda” e “direita”.
- b) metaforização do termo “direita”, indicando a inquietação existencial do personagem.
- c) polissemia das palavras “esquerda” e “direita”, com acepções associadas a diferentes campos semânticos.
- d) metalinguagem, traduzindo e revelando os sentidos implícitos do termo “esquerda”.
- e) repetição do termo “direita” como forma de denunciar a opressão política.

**Comentários:** “esquerda” e “direita”, aqui, pode ser entendido tanto como direções físicas quanto como espectros políticos. Portanto, o efeito de humor aqui está no duplo sentido possível das palavras “direita” e “esquerda”.

A alternativa A está incorreta, pois não há aqui um uso de linguagem nonsense, ou seja, sem sentido aparente.

A alternativa B está incorreta, pois não é possível presumir que haja inquietação existencial na personagem.

A alternativa D está incorreta, pois não há metalinguagem (a reflexão sobre o próprio código linguístico) nessa tirinha.

A alternativa E está incorreta, pois não é possível presumir o aspecto de opressão. A repetição do termo apenas indica a recorrência da direita, sem denunciar nenhum traço.

**Gabarito: C**

## 27. (FUVEST/2015)

Capítulo CVII

### Bilhete

“Não houve nada, mas ele suspeita alguma coisa; está muito sério e não fala; agora saiu. Sorriu uma vez somente, para Nhonhô, depois de o fitar muito tempo, carrancudo. Não me tratou mal nem bem. Não sei o que vai acontecer; Deus queira que isto passe. Muita cautela, por ora, muita cautela.”

Capítulo CVIII

### Que se não entende

Eis aí o drama, eis aí a ponta da orelha trágica de Shakespeare. Esse retalhinho de papel, garatujado em partes, machucado das mãos, era um documento de análise, que eu não farei neste capítulo, nem no outro, nem talvez em todo o resto do livro. Poderia eu tirar ao leitor o gosto de notar por si mesmo a frieza, a perspicácia e o ânimo dessas poucas linhas traçadas à



pressa; e por trás delas a tempestade de outro cérebro, a raiva dissimulada, o desespero que se constringe e medita, porque tem de resolver-se na lama, ou no sangue, ou nas lágrimas?

Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Ao comentar o bilhete de Virgília, o narrador se vale, principalmente, do seguinte recurso retórico:

- a) Hipérbato: transposição ou inversão da ordem natural das palavras de uma oração, para efeito estilístico.
- b) Hipérbole: ênfase expressiva resultante do exagero da significação linguística.
- c) Preterição: figura pela qual se finge não querer falar de coisas sobre as quais se está, todavia, falando.
- d) Sinédoque: figura que consiste em tomar a parte pelo todo, o todo pela parte; o gênero pela espécie, a espécie pelo gênero; o singular pelo plural, o plural pelo singular etc.
- e) Eufemismo: palavra, locução ou acepção mais agradável, empregada em lugar de outra menos agradável ou grosseira.

**Comentários:** O narrador diz que não escreverá capítulos sobre o bilhete de Virgília e faz pouco caso dele. Assim, ele se vale do recurso da preterição, como está dito na alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois não há no texto predominância de períodos fora da ordem direta.

A alternativa B está incorreta, pois apesar de usar muitos adjetivos, não há no texto o uso de expressões exageradas em excesso.

A alternativa D está incorreta, pois não há o aparecimento predominante de metonímias (nome mais popular para sinédoque) no texto.

A alternativa E está incorreta, pois o narrador não tenta amenizar as expressões, pelo contrário, não poupa expressões depreciativas.

**Gabarito: C**

## 28. (FGV/2015)

**Argumento** (Paulinho da Viola)

Tá legal

Eu aceito o argumento

Mas não me altere o samba tanto assim

Olha que a rapaziada está sentindo a falta

De um cavaco, de um pandeiro

Ou de um tamborim.



Sem preconceito  
Ou mania de passado  
Sem querer ficar do lado  
De quem não quer navegar  
Faça como um velho marinheiro  
Que durante o nevoeiro  
Leva o barco devagar.

Ao empregar, na letra da canção, o verbo “navegar” em sentido metafórico e desdobrar esse sentido nos versos seguintes, o compositor recorre ao seguinte recurso expressivo:

- a) alegoria.
- b) personificação.
- c) hipérbole.
- d) eufemismo.
- e) pleonismo.

**Comentários:** A alegoria é um conjunto de metáforas ordenado para formar um todo. Como nos versos seguintes o autor fala sobre outras expressões ligadas à navegação (velho marinheiro, nevoeiro e barco), a alternativa correta é a A.

A alternativa B está incorreta, pois não há a atribuição de características humanas a objetos inanimados na letra.

A alternativa C está incorreta, pois não há exagero verbal presente na letra.

A alternativa D está incorreta, pois não há atenuação de expressões na letra.

A alternativa E está incorreta, pois não há redundância proposital na letra.

**Gabarito: A**

## 29. (FGV/2015)

### Sem aspas na língua

De início, o que me incomodava era o peso desproporcional que as aspas dão à palavra. Se escrevo mouse pad, por exemplo, suscito em seu pensamento apenas o quadradinho discreto que vive ao lado do teclado, objeto não mais notável na economia do cotidiano do que as dobradiças da janela ou o porta-escova de dentes. Já "mouse pad" parece grafado em neon, brilha diante de seus olhos como o luminoso de uma lanchonete americana. Desequilibra.

Tá legal, eu aceito o argumento: não se pode exigir do leitor que saiba outra língua além do português. Se encasqueto em ornar meu texto com "drambls" ou "haveloos" - termos em lituano e holandês para elefante e mulambento, respectivamente -, as aspas surgem para acalmar



quem me lê, como se dissessem: "Queridão, os termos discriminados são coisa doutras terras e doutra gente, nada que você devesse conhecer".

Pois é essa discriminação o que, agora sei, mais me incomoda. Vejo por trás das aspas uma pontinha de xenofobia, como se para circular entre nós a palavra estrangeira precisasse andar com o passaporte aberto, mostrando o carimbo na entrada e na saída.

Ora, por quê? Será que "blackberries" rolando livremente por nossa terra poderiam frutificar e, como ervas daninhas, roubar os nutrientes da graviola, da mangaba e do cajá? "Samplers", sem as barrinhas duplas de proteção, acabariam poluindo o português com "beats" exógenos, condenando-o a uma versão "remix"? Caso recebêssemos "blowjobs" sem o supracitado preservativo gráfico, doenças venéreas se espalhariam por nosso exposto vernáculo?

Bobagem, pessoal. Livremos as nossas frases desses arames farpados, desses cacos de vidro. A língua é viva: quanto mais línguas tocar, mais sabores irá provar e experiências poderá acumular.

Antônio Prata, *Folha de S. Paulo*, 22/05/2013. Adaptado.

Para caracterizar as aspas indesejadas, o autor se vale de imagens depreciativas, as quais constituem exemplos de

- a) personificação.
- b) eufemismo.
- c) comparação.
- d) metáfora.
- e) sinestesia.

**Comentários:** O autor faz uso da metáfora na relação entre os termos entre aspas e possíveis ações que eles teriam: metaforicamente, "blackberries" poderiam germinar na terra e roubar nutrientes de frutos brasileiros, "samplers" poderiam poluir o português e "blowjobs" poderiam espalhar doenças venéreas".

A alternativa A está incorreta, pois apesar de citar ações que as coisas poderiam fazer, não há aqui a atribuição de características humanas a esses elementos.

A alternativa B está incorreta, pois não há atenuação de informações com o uso de palavras estrangeiras.

A alternativa C está incorreta, pois ainda que cite palavras em português e outros idiomas, não há comparação entre termos ocorrendo no texto na mesma expressão.

A alternativa E está incorreta, pois não há mistura de sensações no texto.

**Gabarito: D**



### 30. (IBMEC - 2015)

#### Sintaxe à vontade

Sem horas e sem dores,  
Respeitável público pagão,  
Bem-vindos ao teatro mágico.

E negar a si mesmo é muitas vezes  
Encontrar-se com Deus.  
Com o teu Deus.

A partir de sempre  
Toda cura pertence a nós.  
Toda resposta e dúvida.  
Todo sujeito é livre para conjugar o verbo  
que quiser,  
Todo verbo é livre para ser direto ou indireto.  
Nenhum predicado será prejudicado,  
Nem tampouco a frase, nem a crase, nem a  
vírgula e ponto final!  
Afinal, a má gramática da vida nos põe entre  
pausas, entre vírgulas,  
E estar entre vírgulas pode ser apostrofo,  
E eu aposto o oposto: que vou cativar a  
todos,  
Sendo apenas um sujeito simples.  
Um sujeito e sua oração,  
Sua pressa, e sua verdade, sua fé,

Sem horas e sem dores,  
Que nesse momento que cada um se  
encontra aqui e agora,  
Um possa se encontrar no outro,  
E o outro no um...  
Até por que, tem horas que a gente se  
pergunta:  
Por que é que não se junta  
Tudo numa coisa só?

(O Teatro Mágico)

Que a regência da paz sirva a todos nós.  
Cegos ou não,  
Que enxerguemos o fato  
De termos acessórios para nossa oração.  
Separados ou adjuntos, nominais ou não,  
Façamos parte do contexto da crônica  
E de todas as capas de edição especial.  
Sejamos também o anúncio da contracapa,  
Pois ser a capa e ser contra a capa  
É a beleza da contradição.  
É negar a si mesmo.





Em “nenhum predicado será prejudicado” e “E eu aposto o oposto”, destaca-se, no plano sonoro, a presença de trocadilhos que caracterizam uma figura de linguagem chamada de

- a) paronomásia
- b) assonância
- c) sinestesia
- d) onomatopeia
- e) perífrase

**Comentários:** Na paronomásia, combinam-se palavras de sons parecidos, relacionando-as. É o que ocorre entre “predicado” e “prejudicado” e “aposto” e “oposto”. Por isso, a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois a assonância é a semelhança entre sons vocálicos e aqui o que ocorre é a semelhança da palavra como um todo.

A alternativa C está incorreta, pois não ocorre aqui a mistura de sensações advindas de sentidos diferentes.

A alternativa D está incorreta, pois não há aqui a grafia dos sons ou ruídos.

A alternativa E está incorreta, pois não ocorre aqui a substituição de termos por outros semelhantes a partir de suas características.

**Gabarito: A**

### 31. (FUVEST/2014)

#### Revelação do subúrbio

Quando vou para Minas, gosto de ficar de pé, contra a  
[vidraça do carro\*,

vendo o subúrbio passar.

O subúrbio todo se condensa para ser visto depressa,  
com medo de não repararmos suficientemente  
em suas luzes que mal têm tempo de brilhar.

A noite come o subúrbio e logo o devolve,  
ele reage, luta, se esforça,  
até que vem o campo onde pela manhã repontam laranjais  
e à noite só existe a tristeza do Brasil.

Carlos Drummond de Andrade, *Sentimento do mundo*, 1940.

(\*) carro: vagão ferroviário para passageiros.



Para a caracterização do subúrbio, o poeta lança mão, principalmente, da(o)

- a) personificação.
- b) paradoxo.
- c) eufemismo.
- d) sinestesia.
- e) silepse.

**Comentários:** Ao dizer que “o subúrbio se condensa para ser visto”, Drummond atribui uma ação humana a uma parte da cidade. O mesmo aparece ao dizer que o subúrbio “reage, luta, se esforça”, todas atividades humanas. Logo, a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois não há termos que se negam essencialmente no poema.

A alternativa C está incorreta, pois não há atenuação de termos no poema.

A alternativa D está incorreta, pois não há mistura de sensações no poema.

A alternativa E está incorreta, pois não há discordâncias gramaticais propositais no poema.

**Gabarito: A**

### 32. (IBMEC/2014)

#### Lentes da história

O que aconteceu com o sonho do fim da segregação racial que, há 50 anos, Martin Luther King anunciava para 250 mil pessoas na Marcha sobre Washington? Ele está perto de materializar-se ou continua uma esperança para o futuro?

A resposta depende dos óculos que vestimos. Se apanharmos a lente dos séculos e milênios, a "longue durée" de que falam os historiadores, há motivos para regozijo. A instituição da escravidão, especialmente cruel com os negros, foi abolida de todas as legislações do planeta. É verdade que, na Mauritânia, isso ocorreu apenas em 1981, mas o fato é que essa chaga que acompanhava a humanidade desde o surgimento da agricultura, 11 mil anos atrás, se tornou universalmente ilegal.

Apenas 50 anos atrás, vários Estados americanos tinham leis (Jim Crow laws) que proibiam negros até de frequentar os mesmos espaços que brancos. Na África do Sul, a segregação "de jure" chegou até os anos 90. Hoje, disposições dessa natureza são não só impensáveis como despertam vívida repulsa moral.

Em 2008, numa espécie de clímax, o negro Barack Obama foi eleito presidente dos EUA, o que levou alguns analistas a falar em era pós-racial.

Basta, porém, apanhar a lente das décadas e passear pelos principais indicadores demográficos para verificar que eles ainda carregam as marcas do racismo. Negros continuam significativamente mais pobres e menos instruídos que a média do país. São mandados para a cadeia num ritmo seis vezes maior que o dos brancos. As Jim Crow laws foram declaradas nulas, mas alguns Estados mantêm regras que, na prática, reduzem a participação de negros em eleições.



É um caso clássico de copo meio cheio e meio vazio. Do ponto de vista da "longue durée", estamos bem. Dá até para acreditar em progresso moral da humanidade. Só que não vivemos na escala dos milênios, mas na das décadas, na qual a segregação teima em continuar existindo.

(Hélio Schwartsman, *Folha de S. Paulo*, 28/08/2013)

Para reforçar seu ponto de vista acerca do tema abordado em seu artigo, o jornalista emprega a linguagem conotativa como estratégia persuasiva. Em *"A resposta depende dos óculos que vestimos"*, o autor recorre à/ao:

- a) antítese
- b) eufemismo
- c) aliteração
- d) metáfora
- e) paradoxo

**Comentários:** A expressão "óculos que vestimos" é uma metáfora para "o modo como vemos as coisas". Por isso, a resposta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois não há uso de termos opostos na construção da expressão destacada.

A alternativa B está incorreta, pois não há termos usados de forma atenuada na expressão destacada.

A alternativa C está incorreta, pois não há produção de efeito sonoro a partir das consoantes na expressão.

A alternativa E está incorreta, pois não há elementos que se negam essencialmente na expressão destacada.

**Gabarito: D**

### 33. (INSPER/2014)

Há pleonasmos e pleonasmos. Uns têm a força expressiva que os torna em figuras de linguagem, outros não passam de redundâncias, apêndices desnecessários ao discurso. Estes costumam causar enfado no leitor, que os sente como "obviedades".

(Thaís Nicoleti, <http://educacao.uol.com.br/dicas-portugues/descobrir-o-desconhecido.jhtm>)

Assinale a alternativa que apresenta um exemplo de pleonasma cuja força expressiva cria um efeito estilístico.

- a) "Há um consenso geral de que o problema da bioenergia no Brasil se resume à logística." (Folha de S. Paulo, 06/07/2007)



b) “Qual o impacto distributivo de tudo isso? É um ótimo tema para encarar de frente” (O Estado de S. Paulo, 13/04/2014)

c) “A não ser que tenha certeza absoluta, fuja do presente prático.”

(Walcyr Carrasco)

d) “Sorriu para Holanda um sorriso ainda marcado de pavor.”

(Viana Moog)

e) “Prefeitura doa terrenos para atrair investimentos e criar novos empregos”

(<http://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/paranatv>)

**Comentários:** No período apresentado na alternativa D há um pleonismo utilizado de maneira poética: “sorrir um sorriso” é uma repetição, já que a ação implícita de sorriso é sorrir, mas neste caso o uso das duas expressões foi proposital, já que posteriormente aparecia a descrição do sorriso (marcado de pavor). Portanto, a alternativa correta é alternativa D.

**ATENÇÃO:** Muitas expressões de uso corrente são pleonismos. Analise com cuidado as expressões mesmo que já esteja acostumado a utilizá-las no seu dia a dia.

A alternativa A apresenta pleonismo em “consenso geral”, pois “consenso” significa entendimento comum a todos.

A alternativa B apresenta pleonismo em “encarar de frente”, pois “encarar” significa olhar algo no rosto ou pela frente.

A alternativa C apresenta pleonismo em “certeza absoluta”, pois “certeza” pressupõe ausência de dúvidas, portanto, caráter absoluto.

A alternativa E apresenta pleonismo em “criar novos”, pois “criar” pressupõe o surgimento de algo que não existia antes e é, portanto, novo.

**Gabarito: D**

### 34. (INSPER/2014)



(Folha de S. Paulo, 13/07/13)

O humor da tirinha constrói-se por meio da

a) ambiguidade.

b) paródia.



- c) metalinguagem.
- d) ironia.
- e) inversão de papéis.

**Comentários:** Uma paródia é uma obra que imita outra de maneira satírica ou humorística. Como na tirinha o autor faz uma releitura da fábula da Chapeuzinho Vermelho, há aqui um exemplo de paródia. Portanto, a alternativa correta é B.

A alternativa A está incorreta, pois não há termos ou situações com mais de um significado empregados.

A alternativa C está incorreta, pois não há reflexão sobre o próprio fazer da escrita na tirinha.

A alternativa D está incorreta, pois não há ironia enquanto figura de linguagem aqui. Apesar do conteúdo humorístico, não há aqui o uso de expressões com valor semântico diferente daquilo que normalmente querem dizer (traço forte da ironia).

A alternativa E está incorreta, pois não há inversão dos papéis característicos das personagens da história nessa tirinha.

**Gabarito: B**

### 35. (INSPER/2015)

BOLA NAS COSTAS – Levar uma bola nas costas significa ser traído ou ser surpreendido por uma atitude vinda de alguém que merecia sua confiança. Por falar nisso, conta-se que o famoso dicionarista Charles Webster certo dia foi flagrado pela esposa com a secretária no colo. Deu-se então o seguinte diálogo, com viés bem britânico:

- Estou surpresa com sua atitude, meu caro.
- Surpreso estou eu, você deve estar é surpreendida.

Pano rápido, o exigente dicionarista mais que depressa encerrou o assunto.

(Cotrim, Márcio. "Berço da palavra". *Revista Língua*, março/2015, p. 62)

O verbete apresenta um tom bem-humorado, visto que

- a) é composto por uma definição e uma ilustração que não apresentam relação de coerência entre si.
- b) o autor inventa um significado para a expressão "bola nas costas", a qual é específica do jargão esportivo.
- c) ilustra a definição da expressão por meio de um episódio em que o personagem usa a precisão linguística como subterfúgio.
- d) expõe a situação ridícula a que uma pessoa pode se sujeitar com o intuito de preservar um casamento.



e) a definição é ilustrada com um episódio em que o traidor tenta assumir o papel de vítima por meio de um jogo de palavras.

**Comentários:** Ao falar que “bola nas costas” significa “traição”, o autor faz uma associação de ideias que o leva à história do escritor de dicionário Charles Webster. Assim, ele usa a história para exemplificar uma história em que alguém levou uma “bola nas costas” metafórica. Por isso, a alternativa correta é a alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois a definição dada e o exemplo fornecido são ligados pela ideia de traição. Nesta questão, a banca considerou “ilustração” como sinônimo para exemplo. Cuidado para não se confundir! As provas vestibulares indicam sempre quais os textos que você deve utilizar. Se nesta questão não há imagem alguma, não procure por imagens em outro local da prova.

A alternativa B está incorreta, pois “bola nas costas” tem origem no futebol, mas é utilizada em outros contextos além desse. Não é, portanto, invenção do autor.

A alternativa D está incorreta, pois o intuito da personagem era atenuar o problema, mas não é possível presumir se com a intenção de preservar o casamento.

A alternativa E está incorreta, pois a palavra “surpreso” é utilizada pelo personagem com o significado “aquele que foi surpreendido por alguém”. Portanto, não tenta inverter o jogo, pois admite que fazia algo errado quando foi pego.

**Gabarito: C**

**36. (IBMEC/2014)**



(<http://deposito-de-tirinhas.tumblr.com/tagged/Garfield/page/6>)

Para identificar o efeito de humor dessa tirinha, o leitor deve perceber que

- a) o caráter polissêmico do termo “único” transforma o elogio em uma crítica.
- b) a antítese criada pela dupla ocorrência do termo “único” é responsável pela quebra de expectativa.
- c) na fala do gato, o termo “único” assume um tom de reverência à singularidade de seu dono.
- d) a repetição do termo “único” revela que Garfield imita seu dono com a intenção de irritá-lo.





e) na segunda ocorrência, o termo “único” expressa a tentativa frustrada de Garfield consolar seu dono.

**Comentários:** Para a personagem, “único” significava “individual”, “especial”. Já para Garfield, “único” significava “apenas um”. Assim, enquanto o dono afirma gostar de pensar que ele é especial, Garfield afirma que é bom para todos que haja apenas um da personagem no mundo. Logo, a alternativa correta é a alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois não há antítese na palavra “único”, e sim polissemia.

A alternativa C está incorreta, pois na fala de Garfield não há demonstração de reverência, mas sim de desprezo.

A alternativa D está incorreta, pois não há imitação na tirinha. Garfield apenas utiliza o mesmo termo, mas com função e em construção diferente.

A alternativa E está incorreta, pois Garfield quer depreciar o dono, não consolar.

**Gabarito: A**

**37. (UNIFESP/2013)**



(www.iturru garai.com.br)

O efeito de humor da tira advém, dentre outros fatores, da

- a) ironia, verificada na fala da personagem como intenção clara de afirmar o contrário daquilo que está dizendo.
- b) paronomásia, verificada pelo emprego de palavras parecidas na escrita e na pronúncia, à moda de um trocadilho.
- c) metáfora, verificada pelo emprego de termos que podem se cambiar como formas sinônimas no enunciado.
- d) metonímia, verificada pelo emprego de uma palavra em lugar de outra por uma relação de contiguidade.
- e) onomatopeia, verificada pelo recurso à sonoridade das palavras, que atribui outros sentidos ao enunciado.

**Comentários:** A alternativa correta é a B, pois a paronomásia é definida pelo uso de palavras de sons e escritas semelhantes, fato que ocorre na expressão “só vácuo”, semelhante à palavra “sovaco” do primeiro quadrinho.





A alternativa A está incorreta, pois a personagem não afirma o contrário do que diz, mas sim cria um trocadilho.

A alternativa C está incorreta, pois não há sentido metafórico nas expressões, mas sim uma brincadeira com sons e grafias semelhantes.

A alternativa D está incorreta, pois não há o uso da parte pelo todo nessa situação.

A alternativa E está incorreta, pois não há sons ou ruídos grafados literalmente na tirinha.

**Gabarito: B**

**38. (FGV/2013)**

Leia a charge.



(www.chargeonline.com.br)

A fala da mulher concorre para o efeito de humor da charge, pois contém palavra empregada em sentido ambíguo. Trata-se do termo

- a) NEVES, que pode referir-se a um nome de pessoa ou ao plural de “neve”.
- b) NEVE, que pode ser um substantivo simples, precipitação de gelo, ou um substantivo próprio, marca de papel higiênico.
- c) TÁ, que pode ser o verbo auxiliar da frase ou uma expressão coloquial usada para confirmar uma ideia.
- d) CAINDO, que pode significar precipitação de gelo ou tombo.
- e) TÁ, que pode indicar consentimento e aprovação ou expressar impaciência da personagem com seu companheiro.

**Comentários:** O humor da tirinha se encontra na palavra “Neve” que pode se referir tanto ao fenômeno meteorológico quanto ao nome da famosa marca de papel higiênico. Portanto, a alternativa correta é alternativa B.



A alternativa A está incorreta, pois o humor está no duplo sentido da palavra “neve”, não no nome da personagem.

A alternativa C está incorreta, pois “tá” não assume, nesse período, funções diversas. “tá” pode ser entendido de outro modo quando está em frases interrogativas (ex.: Pode ligar, tá?)

A alternativa D está incorreta, pois “caindo”, nesse caso, não pode ser entendido como “queda” ou “tombo”.

A alternativa E está incorreta, pois “tá” não assume tom de impaciência nesse caso. É apenas um uso coloquial.

**Gabarito: B**

### 39. (UFPR/2010)

- Os economistas são entendidos em mercado financeiro.
- Os economistas descreveram os efeitos dos juros.
- Os juros são altos.
- Todos os efeitos são arrasadores.

Assinale a alternativa em que as informações acima foram reunidas adequadamente e sem ambiguidade.

- a) Os economistas que são entendidos em mercado financeiro descreveram os efeitos dos juros altos, que são arrasadores.
- b) Os economistas entendidos em mercado financeiro descreveram os efeitos que são arrasadores dos altos juros.
- c) Entendidos em mercado financeiro, os economistas descreveram os efeitos dos altos juros que são arrasadores.
- d) Em relação aos juros altos, os economistas, entendidos em mercado financeiros, descreveram os efeitos que são arrasadores.
- e) Os economistas, que são entendidos em mercado financeiro, descreveram os efeitos, arrasadores, dos juros, que são altos.

**Comentários:** A alternativa que relaciona de melhor maneira as orações é a alternativa E. A ordem das informações, ainda que não seja a mesma das alternativas, é a que torna o texto mais claro e com menos ambiguidades.

A alternativa A está incorreta, pois gera ambiguidade: não se sabe se são os juros ou os efeitos que são arrasadores.

A alternativa B está incorreta, pois passa sensação de restrição, como se houvesse efeitos que são arrasadores e outros não.



A alternativa C está incorreta, pois não se sabe se os efeitos ou os juro são arrasadores.

A alternativa D está incorreta, pois não se sabe se os efeitos ou os juro são altos.

**Gabarito: E**

#### 40. (FUVEST/1997)

Assinale a única frase em que a ordem de colocação das palavras NÃO produz ambiguidade.

- a) Rossi pede ao STF processo por calúnia contra Motta.
- b) É só colocar as moedas, girar a manivela e ter a escova já com pasta embalada nas mãos.
- c) Casal procura filho sequestrado via Internet.
- d) Câmara torna crime porte ilegal de armas.
- e) Regressou a Brasília depois de uma cirurgia cardíaca com cerimonial de chefe de Estado.

**Comentários:** Não há ambiguidade apenas na alternativa D, pois na ordem apresentada fica claro que a Câmara tornou crime portar ilegalmente armas. Não há outra interpretação possível pela colocação.

A alternativa A possui ambiguidade, pois não se sabe se Motta foi quem sofreu a calúnia (calúnia contra Motta) ou foi processado (processo contra Motta).

A alternativa B possui ambiguidade, pois não se sabe que objeto está embalado, a escova (escova embalada) ou a pasta (pasta embalada).

A alternativa C possui ambiguidade, pois não se sabe se o casal procura o filho pela internet (procura filho via Internet) ou se o filho foi sequestrado por conta da internet (sequestrado via Internet).

A alternativa E possui ambiguidade, pois não se sabe se o regresso foi feito com cerimonial (regressou com cerimonial) ou se a cirurgia foi feita com cerimonial (cirurgia cardíaca com cerimonial).

**Gabarito: D**

#### 41. (UFPR/2018)

**Considere o verbo grifado na seguinte frase extraída do texto: “Uma sociedade pautada apenas pelo ideal de justiça soçobrar”.**

**Um dos objetivos de um dicionário é esclarecer o significado das palavras, apresentando as acepções de um vocábulo indo do literal para o metafórico. No caso dos verbos, há também informações sobre a regência.**

**Entre as acepções para o verbo grifado acima, adaptadas do *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa* (Rio de Janeiro: ed. Objetiva, 2001), assinale a que corresponde ao uso no texto.**



- a) *t.d.* revolver de cima para baixo e vice-versa; inverter, revirar <*o ciclone soçobrou o que encontrou no caminho*>.
- b) *t.d/int.* emborcar, virar (geralmente uma embarcação) e ir a pique, naufragar ou fazer naufragar; afundar(-se), submergir (-se) <*temiam que a tempestade os soçobrasse*> <*a embarcação soçobrou*>.
- c) *t.d/int.* por metáfora: reduzir(-se) a nada; acabar (com), aniquilar(-se) <*com tanta dissipação, sua fortuna soçobrara*>.
- d) *t.d. e pron.* por metáfora: tornar-se desvairado; agitar-se, perturbar-se <*soçobrou-se ante a negativa dela*>.
- e) *pron.* por metáfora: perder a coragem, o ânimo; desanimar, esmorecer, acovardar-se <*soçobrar-se não é próprio dele*>.

### Comentários:

A alternativa A está incorreta, porque essa é uma acepção denotativa, que não se aplica claramente à sociedade. Note que a ideia é a de que a sociedade não se sustentaria como sociedade, caso se sustentasse somente pelo ideal de justiça. Nesse caso, temos, claramente, uma metáfora para a ideia de que a sociedade entraria em ruína caso se fundamentasse no ideal de justiça.

A alternativa B está incorreta, porque, ainda que possamos entender que a sociedade viria a pique, emborcaria, essa acepção não se apresenta como metafórica e, por isso, não pode ser empregada ao contexto. Note que, na alternativa a seguir, temos a noção metafórica da ruína social.

A alternativa C está correta, porque, no contexto, temos a relação clara de que, se a sociedade se pautasse apenas pelo ideal de justiça, entraria em ruína. No caso, é claro que há necessidade de criação de regras punitivas que funcionem como métodos de controle da sociedade. Sem elas, a sociedade entraria claramente em ruína.

A alternativa D está incorreta, porque não temos a ideia de que a sociedade entraria em agitação ou se tornaria desvairada. Na realidade, o que entendemos é que temos uma relação de ruína da sociedade, caso nos pautemos apenas pela noção de justiça ideal, sem regras punitivas.

A alternativa E está incorreta, porque a sociedade não perderia seu ânimo. Na realidade, entende-se que a sociedade entraria em ruína se fosse fundamentada somente em ideais de justiça.

### Gabarito: C

#### 42. (UFPR/2015)

**É correto afirmar que o tom geral que impera no texto pode ser resumido pela palavra**

- a) indiferença.
- b) metáfora.
- c) ironia.



- d) paródia.
- e) informação.

**Comentários:**

O texto apresenta, claramente, um tom irônico com relação à pauta de manifestação do caso tratado. É notório que o autor brinca com uma série de elementos por entender que essa reivindicação, pautando a volta do processo ditatorial, é fora de tempo e não mais possível para o momento histórico de 2014. Essa ironia fica clara em vários momentos, por exemplo, na lista de outros elementos que deveriam voltar, como personalidades e elementos da época da ditadura, bem como o final do texto, em que indica que o uso do nome de Deus é um despropósito com relação à pauta defendida.

**Gabarito: C**

**43. (UFPR/2014)**

**O autor usa algumas metáforas para se expressar. Qual delas poderia ser parafraseada pela metáfora “cobrir o sol com a peneira”?**

- a) Tem de *limpar as feridas para facilitar a cicatrização*.
- b) O *estopim* foram o aumento do ônibus e a reação truculenta da polícia.
- c) Não adianta *dourar a pílula*, na espera de um Brasil que nunca chega.
- d) *Na esteira* do protesto inicial, vieram as demandas concretas.
- e) Boa parte das manifestações se dá *por contágio*.

**Comentários:**

A alternativa A está incorreta, porque “limpar as feridas para facilitar a cicatrização” está relacionado à ideia de que o sofrimento é necessário para alcançarmos nossos objetivos. A limpeza de feridas é dolorida, mas necessária para que as feridas cicatrizem.

A alternativa B está incorreta, porque a ideia de “o estopim” está relacionada àquilo que causou as manifestações populares. Não temos, nessa construção, uma noção de se enganar com relação a um problema.

A alternativa C está correta, porque a ideia de “dourar a pílula” é uma construção idiomática que se refere à ideia de “enrolar”, de tentar minimizar os problemas. Nessa construção, então, há uma noção de se enganar para não encarar os problemas, por exemplo.

A alternativa D está incorreta, porque “na esteira” apresenta a significação de “seguindo” o protesto inicial. Não há relação alguma com uma suavização de problema.

A alternativa E está incorreta, porque a metáfora “por contágio” está relacionada não com a noção de se enganar ou minimizar os problemas, mas com relação à ideia de que um influencia o outro a ir para as manifestações.

**Gabarito: C**



**44. (UFPR/2020)**

**Com base no texto de Eco, é correto afirmar:**

- a) A oração “foi publicado em alguns jornais” (1ª linha) trata-se de uma oração sem sujeito.
- b) A expressão “*lectio magistralis*” (2ª linha) está destacada em itálico em virtude de seu emprego conotativo.
- c) A expressão “no curso de” (2ª linha) pode ser substituída pela preposição “durante”, mantendo paralelismo semântico.
- d) O advérbio “viralmente” (penúltima linha) é uma figura de linguagem empregada para estabelecer um paradoxo.
- e) A oração “É falso” (3ª linha) deveria apresentar concordância nominal de gênero com o termo antecedente “história dos imbecis”.

**Comentários:**

A alternativa A está incorreta, porque essa oração apresenta o chamado sujeito oracional, representado por “que no curso de uma chamada *lectio magistralis* em Turim eu teria dito que a web está cheia de imbecis”. Logo, não temos oração sem sujeito nesse caso. Vale destacar que, como temos uma construção em voz passiva, não poderíamos fazê-la sem sujeito jamais.

A alternativa B está incorreta, porque o itálico aponta que a expressão pertence a uma outra língua, no caso, ao latim. Ao manuscrevermos esse tipo de expressão, a colocamos entre aspas, dado que na escrita não conseguimos a relação de itálico.

A alternativa C está correta, porque os dois elementos apresentam a mesma significação, relacionada com o tempo e o momento em que Eco estaria na chamada.

A alternativa D está incorreta, porque, ainda que tenhamos uma figura de linguagem presente nessa construção, não podemos dizer que é uma relação paradoxal, mas metafórica construída com a ideia de algo que se espalha como um vírus.

A alternativa E está incorreta, porque a concordância está correta, dado que a oração em questão se refere à ideia de que “foi publicado”. Logo, o adjetivo está correto por estar no masculino.

**Gabarito: C**

**45. (UFU/2018.2)**

Fernanda é tudo que sobrou do que sempre me ensinaram. A sombra dos quarenta graus à sombra. Procurem os gestos no vocabulário, olhem Fernanda: estão todos lá. Sua vida é um palco iluminado. À direita as gambiarras do perfeccionismo. À esquerda os praticáveis do impossível. Em cima o urdimento geral de uma tentativa de enredo a ser refeita todas as noites, toda a vida. Atrás os bastidores, o mistério essencial. Embaixo, o porão, que torna viáveis os mágicos e onde, faz tanto tempo!, se ocultava o ponto. Em frente o diálogo, que é uma fé, e comove montanhas.

Disponível em: <<https://goo.gl/ww4RDN>>. Acesso em: 01 abr. 2018.

Na seção *Retratos 3x4* de seu *site*, Millôr Fernandes escreve sobre alguns de seus amigos, dentre eles, a atriz Fernanda Montenegro.



Assinale o recurso em torno do qual o texto sobre a atriz foi construído.

- A) Eufemismo.
- B) Antítese.
- C) Metonímia.
- D) Metáfora.

### Comentários:

A alternativa A está incorreta, porque não temos a suavização na apresentação de nenhuma informação no texto. Sempre faça a oposição entre as ideias: hipérbole cresce e eufemismo atenua. É uma boa forma de lembrar dessas duas figuras.

A alternativa B está incorreta, porque não temos o uso de palavras opostas para caracterizar a atriz. Nesse caso, para que tivéssemos uma antítese, palavras de significação oposta deveriam ser utilizadas.

A alternativa C está incorreta, porque em nenhum momento temos a autora sendo renomeada por uma de suas características, conceituação necessária à metonímia.

A alternativa D está correta, porque há uso constante de metáforas. Destacamos, para isso, a ideia de que a vida de Fernanda é “um palco iluminado”, em referência clara à sua participação marcante como atriz na cultura brasileira. Além disso, temos a “brincadeira” metafórica com o dito popular “a fé move montanhas”, transformado em “comove montanhas”, em mais uma referência à genialidade da atriz.

**Gabarito: D**

## 6 Considerações finais

Chegamos ao fim de mais uma aula.

Repleta de conteúdos extremamente importantes para vocês e de exercícios para que vocês possam treinar muito sobre o assunto, como é comum em nossos materiais.

Na nossa próxima aula, entraremos em uma das partes mais importantes para as provas de vocês: a interpretação de texto. Escolhemos essa ordem, porque já aproveitamos essa nossa aula de hoje, que auxilia nessa compreensão e começamos a falar dessa sensacional matéria que é a interpretação.

Bora que só bora!!!

**Prof. Wagner Santos**



Professor Wagner  
Santos



@wagnerliteratura  
@profwagnersantos

Versão	Data	Modificações
1	14/03/2021	Primeira versão do texto.

